

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JULIANO HENRIQUE XAVIER CAVALCANTI

LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ EM UBERLÂNDIA-MG

Uberlândia

2024

JULIANO HENRIQUE XAVIER CAVALCANTI

LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ EM UBERLÂNDIA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEO, Instituto de Geografia – IG da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Vitor Ribeiro Filho

Uberlândia

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com
dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C376 Cavalcanti, Juliano Henrique Xavier, 1991-
2024 LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ EM UBERLÂNDIA-MG
[recurso eletrônico] / Juliano Henrique Xavier
Cavalcanti. - 2024.

Orientador: Vitor Ribeiro Filho.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Geografia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.150>

Inclui bibliografia.

1. Geografia. I. Ribeiro Filho, Vitor ,1965-
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/30

JULIANO HENRIQUE XAVIER CAVALCANTI

LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ EM UBERLÂNDIA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEO, Instituto de Geografia – IG da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Uberlândia, 2024

Banca Examinadora:

Vitor Ribeiro Filho – Doutor (UFU) (Orientador)

William Rodrigues Ferreira – Doutor (UFU)

Tatiana da Rocha Barbosa – Doutora (UEA)

Data: 22 de fevereiro de 2024

Resultado: Aprovado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H35 - Bairro Santa Monica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4381/3291-6304 - www.ppgeo.ig.ufu.br - posgeo@ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	GEOGRAFIA				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico; Número 550, PPGGEO				
Data:	22 de fevereiro de 2024	Hora de início:	14h:00m	Hora de encerramento:	17h:00m
Matrícula do Discente:	12212GEO003				
Nome do Discente:	Juliano Henrique Xavier Cavalcanti				
Título do Trabalho:	LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ EM UBERLÂNDIA - MG				
Área de concentração:	DINÂMICAS TERRITORIAIS E ESTUDOS AMBIENTAIS				
Linha de pesquisa:	DINÂMICAS TERRITORIAIS				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se na Sala 14 [On-line], no Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em GEOGRAFIA, assim composta: Professores Doutores: [Tatiana da Rocha Barbosa - UEA-AM - CESP/Parintins](#); [William Rodrigues Ferreira - IG - UFU](#) e [Vitor Ribeiro Filho - IG/UFU](#) orientador(a) do(a) candidato(a). A Defesa aconteceu de forma remota.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). [Vitor Ribeiro Filho - IG/UFU](#), apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do

Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Tatiana da Rocha Barbosa, Usuário Externo**, em 22/02/2024, às 15:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **William Rodrigues Ferreira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/02/2024, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Ribeiro Filho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/02/2024, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5167144** e o código CRC **5D30256C**.

Dedico este trabalho ao grupo LGBTQIAP+
que sempre me acolheu como uma velha
amiga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo apoio e suporte durante esses anos. Agradeço aos meus amigos que suportaram minhas lamurias nos momentos de dificuldade, me apoiando sempre. Agradeço aos professores da pós-graduação por me estimularem nessa jornada e por compartilhar seu conhecimento comigo.

Agradeço principalmente o professor Vitor Ribeiro Filho por ser uma pessoa gentil e aceitar desenvolver esse projeto comigo. Um grande professor, um ótimo orientador, um grande conselheiro e de coração enorme.

Agradeço aos colegas de pós-graduação que no decorrer da jornada se mostraram pessoas incríveis, nos apoiando e nos ajudando na construção de conhecimento.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida durante os anos do curso.

“É muito difícil tu carregar a bandeira daquilo que tu acreditas, ser inteira e ser tu mesmo, no contra fluxo do mundo. Porque o mundo quer te enquadrar. ”
(GRACE GIANOUKAS, 2023)

RESUMO

A vivência do grupo LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros e Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, demais orientações sexuais e identidades de gênero) no espaço é múltipla, conflituosa e perniciososa a sua existência. Os lugares de sociabilidade do grupo são, além do lazer, espaços de luta, resistência, formação de cultura e interação entre seus pares. São constantes as mudanças dos espaços do qual ocupam, visto os avanços e recuos nos direitos, bem como a dinâmica constante de (re)produção do espaço urbano. Assim, o objetivo deste trabalho consiste na análise da espacialidade dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ em Uberlândia. Para a realização efetiva, foram propostos objetivos específicos, tais como: a identificação dos lugares de sociabilidade do grupo; a compreensão dos elementos sociais e culturais que caracterizam esses espaços e a investigação da distribuição espacial desses lugares. Como base, consultaram-se bibliografias, estudos e dados de órgãos governamentais e não governamentais, pesquisou-se informações em reportagens e notícias em jornais locais e nacionais, bem como os levantamentos em campo. Como metodologia, utilizou-se da observação participativa, que consiste na ida a campo, com o objetivo de colocar em pé de igualdade pesquisador e grupo pesquisado. O levantamento dos locais foi feito a partir de redes sociais, guias locais, jornais e revistas (online) e em diálogos informais com pessoas que fazem parte do grupo. Foram encontrados 25 lugares. Percebendo a variedade dos lugares, utilizou-se de três métricas para formar uma tipologia, sendo elas: o público frequentador, as práticas que nele ocorre e se é um espaço fixo ou sazonal. Através da pesquisa, percebeu-se que Uberlândia se apresenta atrativa às vivências e experiências deste grupo, frente a quantidade de lugares de sociabilidade encontrados. Identificou-se que os espaços se encontram espalhados por vários bairros da cidade, porém há dois que concentram a maioria deles: o Centro e o Santa Mônica. Sabe-se assim que os ambientes de sociabilidade estão em duas regiões importantes, visto que a primeira é, ainda, a principal área de comércio e o segundo é o principal subcentro da cidade, sediando o Centro Administrativo Municipal, a Universidade Federal de Uberlândia – UFU e o Center shopping. As duas áreas correspondem a formas distintas de sociabilidade desses sujeitos. No centro, há maior presença de gays brancos, cisgêneros e heteronormativos, refletindo elementos sociais, econômicos e culturais que dialogam com esses sujeitos. À proporção que no Santa Mônica há uma maior pluralidade nas pessoas que o frequentam.

Palavras-chave: Lugares de Sociabilidade; Espaços LGBTQIAP+; Geografias das Sexualidades.

ABSTRACT

The experience of the LGBTQIAP+ group (Lesbians, Gays, Bisexuals, Transsexuals, Transgenders, and Travestites, Queer, Intersex, Asexual, Pansexual, and other sexual orientations and gender identities) in space is diverse, conflictual, and detrimental to their existence. The social spaces of the group, in addition to being leisure spaces, are arenas of struggle, resistance, cultural formation, and interaction among its members. The spaces they occupy undergo constant changes due to advances and setbacks in rights, as well as the ongoing dynamics of urban space (re)production. Therefore, the aim of this work is to analyze the spatiality of LGBTQIAP+ social spaces in Uberlândia. To achieve this, specific objectives were proposed, including the identification of group social spaces, understanding the social and cultural elements that characterize these spaces, and investigating their spatial distribution. Bibliographies, studies, and data from governmental and non-governmental organizations were consulted, along with information gathered from local and national newspapers, articles, and field surveys. The methodology involved participatory observation, emphasizing equality between the researcher and the researched group. The identification of these places relied on social networks, local guides, online newspapers and magazines, and informal conversations with members of the group, resulting in the identification of 25 places. Recognizing the variety of spaces, three metrics were used to form a typology: the attending public, the practices occurring in them, and whether the space is fixed or seasonal. The research revealed that Uberlândia is attractive to the experiences of this group, given the number of social spaces identified. The spaces are spread across various neighborhoods, with the majority concentrated in two areas: the Center and Santa Mônica. These areas represent distinct forms of sociability. In the Center, there is a greater presence of white, cisgender, and heteronormative gays, reflecting social, economic, and cultural elements that resonate with this group. In contrast, Santa Mônica exhibits greater diversity among its attendees.

Keywords: Social Spaces; LGBTQIAP+ Spaces; Geographies of Sexualities.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -	Uberlândia -MG: Mapa de localização de Uberlândia	51
Mapa 2 -	Uberlândia -MG: Lugares de sociabilidade LGBTQIAP+	59
Mapa 3 -	Uberlândia – MG: Percurso da Parada da Diversidade (2023) ..	66
Mapa 4 -	Uberlândia – MG: Lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ nos bairros Centro e Santa Mônica.....	71

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Uberlândia – MG: Garage Pub & Lounge (2023)	73
Figura 2 -	Uberlândia – MG: Comércio vizinhos ao Garage Pub & Lounge (2023)	74
Figura 3 -	Uberlândia – MG: Oficina Music Bar (2023)	76
Figura 4 -	Uberlândia – MG: Oficina Music Bar e o anexo Arena (2023).	77
Figura 5 -	Uberlândia – MG: Scholl bar e Etc. (2023)	79
Figura 6 -	Uberlândia – MG: Comércio próximos ao Scholl bar e Etc. (2023)	80
Figura 7 -	Uberlândia – MG: Frente do Bar La Biblioteca (2023)	83
Figura 8 -	Uberlândia – MG: Bares La República e Na laje (2023)	84
Figura 9 -	Uberlândia – MG: Bar La Biblioteca e Bar La República (2023)	85
Figura 10 -	Uberlândia – MG: Frente da boate Casa Madalena (2023)	86
Figura 11 -	Uberlândia – MG: Comércio próximos a Casa Madalena (2023)	87
Figura 12 -	Uberlândia – MG: Praça Adolfo Fonseca (2023)	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DJ	Dee Jay
GGB	Grupo Gay da Bahia
IBGE	Instituto Brasileira de Geografia e Estatística
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros e Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, demais orientações sexuais e identidades de gênero
ONGs	Organização Não Governamental
PCD	Pessoa Com Deficiência
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
STF	Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 DA GEOGRAFIA CULTURAL À GEOGRAFIA DAS SEXUALIDADES: UMA GEOGRAFIA QUE DIALOGA COM OS CORPOS DISSIDENTE	20
2 CORPOS DISSIDENTES E A CONSTRUÇÃO DOS LUGARES DE SOCIABILIDADE	32
3 UBERLÂNDIA ATRAVÉS DA DIVERSIDADE SEXUAL E IDENTITÁRIA... 50	
3.1 Sobre lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ em Uberlândia.....	57
3.2 Pontos e contrapontos na sociabilidade LGBTQIAP+ nos bairros Centro e Santa Mônica.....	70
4 CONCLUSÃO	93
REFERÊNCIAS.....	97

INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo os dados apresentados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) (2021), é possível contabilizar um assassinato de indivíduos LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros e Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, demais orientações sexuais e identidades de gênero) a cada 27 horas. A situação se agrava no caso das travestis e transsexuais, onde proporcionalmente o número de mortes é maior. No caminho inverso, há em São Paulo a maior Parada da Diversidade do mundo, com mais de três milhões de pessoas anualmente. Esses dados nos dão um retrato interessante sobre este grupo, o primeiro nos mostra a perniciosidade de ser parte dele, o segundo demonstra sua resistência e resiliência diante dos problemas.

Há no grupo uma singularidade que impacta em suas vivências e, conseqüentemente, no modo em que eles irão produzir e reproduzir o espaço. Veja, ser gay, lésbica, travesti, etc., não é genético, não é uma característica fenotípica que se passa de pais para filhos assim como ser negro. Ser negro, por exemplo, é nascer em uma família negra de pele preta ou parda, onde a cultura será passada de geração em geração, formando uma comunidade que desde o espaço da casa já está formada. Isso não ocorre com pessoas LGBTQIAP+, visto que são pessoas distintas, nascidas em contextos diferentes, mas que possuem uma mesma sexualidade e/ou identidades de gênero, formando assim esse agrupamento de identidades que irão construir seus lugares.

De tal forma, a cultura, as relações entre eles e, deles com sobre o espaço ocorre através da sociabilidade. Toma-se aqui o termo desenvolvido por Maia (2001, p. 9), que afirma a sociabilidade como uma ação voluntária e livre, um jogo social que abrange várias escalas de relações indo da simples conversa ao jogo erótico. Segundo a autora, é ainda uma categoria de interação social que possibilita demonstrar as contradições existentes nas ordens normativas e de padrões culturais mais planejados na sociedade. Assim, a sociabilidade possui várias formas de ocorrer, bem como o resultado dessas relações impactam no espaço urbano.

Entre avanços e retrocessos em suas pautas, o grupo vem se consolidando como um agente (re)produtor do espaço urbano através dos seus lugares e espaços próprios. Possuindo uma relação combativa, contraditória, transgressora e por vezes violenta e segregadora com a sociedade, a formação de lugares do grupo se apresenta como uma forma de ancoragem da sua existência e resiliência frente as adversidades do qual estão expostos cotidianamente.

Para que o grupo efetivamente consolide seus lugares, a relação com a sociedade se faz importante. Tendo em visto que as sexualidades e identidades LGBTQIAP+ se contrapõe a

hegemônica heterossexualidade da sociedade, tem-se aí um embate. As divergências existentes, vão além do gosto, sendo uma política que visa eliminar, simbólica e concretamente, a vida dos sujeitos não heterossexuais. Esta forma de agir e pensar tem por base o papel da religião, sobretudo as monoteístas, que desaprovam as relações não reprodutivas e as identidades que não são cisgêneros.

A religião agrava essa relação conflituosa, visto que os preceitos cívicos e morais ditaram (e até hoje influenciam) a forma que as pessoas deviam se portar e comportar em sociedade. Para Moreira Filho e Madrid (2008; p. 6-7) essa situação se agrava no cristianismo, que condenava toda relação afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo como impuras, comportamento animal. A medicina, do fim do século XIX e XX, também exerceu influência sobre a sociedade ao considerar a homossexualidade e a transexualidade como transtornos mentais, sendo retirados da Classificação Internacional de Doenças (CID) em 1990 e 2019 respectivamente. Luiz Mott (2001) afirma, que castigos como a prisão, castração, agressões e, até mesmo, ser excomungado da igreja foram feitos aos indivíduos LGBTQIAP+ apenas por serem o que são.

Por questões que suprimem suas vivências e penalizam seus corpos, é que se fez imprescindível a luta por seus direitos. A Revolta de Stonewall em Nova York em 28 de junho de 1969 é o ponto inicial da batalha travada por esses sujeitos pelo reconhecimento de sua sexualidade, identidade e modo de vida legítimos. No Brasil, o debate sobre direitos se inicia nos anos 1970, inspirado nas pautas estadunidense, se desdobrando em efetivas legislações apenas nos anos 2000. Atualmente, o casamento homoafetivo é permitido, a homolesbotransfóbia é criminalizada e a adoção por casais homoafetivos é possível.

Não há uma linearidade nos direitos LGBTQIAP+. Como exemplos pode-se citar a Argentina, país vizinho que foi o primeiro país da América latina a legalizar o casamento homossexual em 2010, a aprovar a lei do direito à igualdade de gênero, facilitando a troca de nome e sexo no registro civil sem trâmites judiciais ou administrativos. Aprovou em 2021 a cota de 1% de cargos no serviço público para travestis, transexuais e transgêneros; e em 2023 elegeu um presidente ultradireitista que se põe contra esse grupo e suas pautas, alegando ser a favor da “família”. Países como a Colômbia, Malta e Suécia também se mostram prolíficos aos direitos desses sujeitos. (TRANSFORMANDO, 2023).

Ao nível mundial, retrocessos também são vistos. A começar pelos Estados Unidos onde as leis são estaduais. Há a Lei SB 613/2023, que proíbe procedimentos de transição de gênero em menores de 18 anos, no estado de Oklahoma. No estado da Florida há a Lei CS/SB 254, que propõe a possibilidade de custódia estatal para os menores de 18 anos que passaram

por cirurgia de redesignação sexual. O mesmo estado propôs e aprovou a Lei 1.557/2022, intitulado “direito dos pais na educação” e popularmente conhecida como “não diga gay”, e propõe que não se pode “incentivar a discussão sobre orientação sexual ou identidade de gênero nas séries primárias ou de maneira inadequada para a idade ou desenvolvimento dos alunos” (PROJETO, 2022). Em 2023, o legislativo do estado aprovou uma extensão da lei, banindo o assunto de ser debatido em qualquer série até mesmo no ensino médio. (TRANSFORMANDO, 2023)

A Hungria é outro caso emblemático no retrocesso de direitos. É um país onde as leis contra LGBTQIAP+ são recorrentes. Em 2020 proibiu a adoção de crianças por casais homoafetivos, em 2021 proibiu a divulgação das questões da sexualidade, da possibilidade de mudança de sexo e da homossexualidade no país. Há uma tentativa de associação do grupo à pedofilia, através de uma lei propõe o agravamento da pena deste crime. Em 2023, indo além, o parlamento aprovou uma lei que permite que se denuncie anonimamente quaisquer famílias LGBTQIAP+ ou organizações similares, com a afirmação de que elas ferem a constitucionalidade do casamento e da família (AMADO, 2023). Observa-se assim, que viver para esses sujeitos demanda a superação da repressão sofrida por eles nos mais variados tempos e contextos.

Assim, seus lugares são a materialização da organização, existência, resistência e resiliência do grupo. Enquanto objetos, os locais de sociabilidade transformam a arquitetura do lugar, indo além, modificam seu entorno há uma esfera de atuação dos sujeitos que o frequenta, isso faz com que toda a vizinhança seja impactada pela sociabilidade deste grupo. A paisagem é alterada, os fluxos e as funções dos objetos que circundam esses espaços ganham nova funcionalidade, sobretudo no período noturno. (MOTA e LAURENTIZ, 2019, p. 56). Muitos desses ambientes se localizavam nas chamadas “regiões morais”, onde há uma forte coesão interna, com características paisagísticas e sociais de fácil identificação, como sua degradação e a não adequação os costumes sociais hegemônicos, concentrando grupos que são socialmente marginalizados, como as minorias sociais LGBTQIAP+, afrodescendentes e imigrantes. (PATRÍCIO 2022; p. 106)

Cidades pequenas e médias possuem uma outra forma de sociabilidade do grupo LGBTQIAP+. Há nessas escalas de vivência uma outra geografia, ou seja, há nos lugares uma espacialidade que pode ou não ser reflexo dos que se encontram nas metrópoles. A distinção entre escalas, é importante visto que a composição do movimento e das pautas possuem nos grandes centros seu degrau inicial, possuindo um vínculo mais resistente entre o grupo e o

espaço. Foram nos grandes centros que as principais formas de lutas se estabeleceram, a exemplo da Parada da Diversidade que se inicia no Rio de Janeiro em 1995.

Em Uberlândia, local dessa pesquisa, com suas Organizações Não Governamentais (ONGs), comunidades e sujeitos que compõe o grupo construiu uma geografia própria dos lugares de sociabilidade. O município localizado na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba em Minas Gerais, com 713.232 habitantes segundo o censo 2022 (IBGE, 2023), se mostra um local prolífero ao grupo. Davi (2011) aponta que a partir dos anos 2000, observou-se um aumento significativo dos espaços de sociabilidade e de representatividade, criando-se também uma rede de comércio e consumo variado voltado ao atendimento deste público, fundamental na consolidação de sua primeira parada da diversidade em 2002.

A parada da diversidade é uma das manifestações de sociabilidade, cultura e militância que a cidade possui. Bem como, o teatro, a dança e as festas temáticas. A cidade é conhecida ainda por ser a terra natal de duas das maiores Drag Queens cantoras do país, as cantoras Pablo Vittar e Urias, ambas de destaque internacional. Há também bares, pubs e boates LGBTQIAP+, bares gay-friends, saunas, boates, locais/territórios para relações sexuais (banheiros públicos, matas e parques da cidade) e os territórios de prostituição de miches, prostitutas, travestis e transexuais.

Incrementa-se, que a cidade devida sua força econômica, possui inúmeros instrumentos sociais como hospitais regionais e universidades, é um grande polo em logística, indústria, agrônomo, tecnologia e educação, exercendo assim sobre as cidades próximas uma força centrípeta que atrai sujeitos com diversos propósitos. Nesse fluxo migratório, há a presença de LGBTQIAP+ que migram temporário ou permanentemente para a cidade em busca de trabalho, saúde e educação; consumo ou vida noturna que atenda seus interesses, dando-lhes sensação de pertencimento. (FREITAS e PORTUGUEZ, 2015)

Ao refletir sobre os lugares de sociabilidade, deve-se ter em mente o processo por qual eles estão inseridos. Esses espaços fazem parte do processo de produção do capitalismo, neste sentido estão submetidos a uma lógica de reprodução urbana do qual vai-se mudando os espaços de acordo com a obtenção de lucro. No mesmo sentido, Silva e Santos (2015, p. 508) afirma, que o processo de desenvolvimento urbano retirou da clandestinidade os lugares LGBTQIAP+, segundo autores esses ambientes agora passam a compor o “urbano visível”. Os autores demonstram que houve uma mudança nos perfis dos espaços do grupo, tendo em vista que as transformações na sociedade na atualidade permitiram que alguns desses ambientes não estejam em lugares degradados e insalubres.

Percebe-se que a relação dos indivíduos LGBTQIAP+ no espaço é conflituosa. Existe um alto número de mortes, e está em curso um processo de segregação que retira do espaço da cidade, através dos silenciamento dos discursos e da eliminação dos debates, há a diminuição de leis que de direitos em prol de uma pretensa família inexistente. Mas há também cada vez mais a ocupação de espaços, como na mídia, nos ambientes acadêmicos e na formação de lugares. Esse contraditório cenário demonstra que está havendo avanços e retrocessos, porém se vê pouco debater essas questões no âmbito geográfico. Desta forma, se questiona se é possível através dessa ciência debater essas questões. Percebe-se que violência e dos movimentos reivindicatórios como a parada da diversidade são elementos altamente geografáveis e midiáticos, assim possuem um maior referencial tendo em vista os trabalhos de ONGs e órgãos públicos, mas pensar além disso refletindo sua influência no espaço urbano, na cultura, na cotidianidade e também por seus lugares.

Isso nos faz entender ser necessária uma análise do retrato atual de como, onde e quais relações existem nesses espaços na atualidade. Ao pensar no cenário uberlandense, cidade média em pleno processo de crescimento, cheia de contradições nas vivências dos sujeitos LGBTQIAP+, algumas questões são levantadas, assim questiona-se: como a ciência geográfica estuda e debate as questões do grupo? Quais são os lugares de sociabilidade do grupo? Onde estão localizados? Se encontram em locais periféricos ou centrais da cidade? Estão em áreas degradadas ou não degradadas? Quais atividades econômicas, sociais e culturais ocorrem neles? São públicos ou privados? Serve a algum público específico? Quais são os impactos na vizinhança causados por eles? A partir dos questionamentos, formularam-se os objetivos.

Tem-se assim, como objetivo geral: Analisar a espacialidade dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ em Uberlândia – MG. Para o cumprimento efetivo deste, dispõe-se três objetivos específicos: 1) Identificar quais são os lugares de sociabilidade do grupo; 2) Compreender quais são os elementos sociais e culturais o caracterizam como espaços do grupo; 3) Investigar a distribuição espacial dos lugares de sociabilidade. Estes objetivos nos permitirão compreender a espacialidade dos lugares de sociabilidade deste grupo, bem como relacioná-los à geografia.

Essa pesquisa se fundamenta em um levantamento bibliográfico, feito em livros, teses, dissertações, artigos científicos e em relatórios produzidos por instituições de pesquisa. O levantamento dos locais do grupo será feito a partir de pesquisas em redes sociais, guias locais, jornais e revistas (online). Para além das redes sociais, nenhum site ou jornal nos forneceu informações relevantes sobre os lugares. O Instagram e WhatsApp foram as ferramentas onde foi possível descobrir quais são os lugares de sociabilidade do grupo na cidade. Pesquisou-se

no Instagram as palavras LGBTQIAP+, gays, lésbicas, bares gays, baladas LGBTQ+, saunas gays, pubs gays; entre os meses de junho de 2022 e outubro de 2023. Descobriu-se diretamente através das pesquisas, apenas três locais voltados ao grupo, sendo eles: a sauna 171 e as boates Mamba Club e F5 pub.

Para desvendarmos quais são os outros lugares, utilizou-se de abordagem indireta via WhatsApp com sujeitos do grupo que estão presente em um grupo chamado “Luta LGBTQIAPN+ UFU” no qual fazemos parte. Enviou-se no dia 15 de junho de 2023 uma única mensagem que além da apresentação formal, questionava: “Quais os lugares de lazer LGBTQIAP+ em Uberlândia?”. Como resultado nos foi indicado o School Bar e etc., Garage Pub. & Lounge, o La Biblioteca, Seu Rosa/Boate Cabaré. Os outros lugares foram encontrados nas idas a campo e conversas informais com pessoas que frequentam esses lugares e moram na cidade.

Foram identificados 25 espaços, sendo notada uma tipologia dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+. Sendo eles: 1) Bares, clubs, pubs e boates; 2) lugares Gay-friendly; 3) locais para a prática sexual; 4) locais sazonais. Utilizou-se três métricas como critério de classificação das tipologias. A primeira é a qual o tipo de público que frequenta o espaço; o segundo é qual o tipo de sociabilidade ocorre neles (festas, práticas sexuais), terceiro se o lugar é fixo ou sazonal. Esses parâmetros nos possibilitaram reconhecer às quatro formas de sociabilidade que impera sobre os espaços LGBTQIAP+ encontrados.

Nosso objetivo com o trabalho está vinculado aos LGBTQIAP+, com um todo. No processo de reflexão e análise sobre os lugares da pesquisa *in loco*, percebeu-se que somente na primeira tipologia frequentava uma maior variedade desses sujeitos. Os Bares, clubs, pubs e boates são os espaços ideais, vide a configuração deles ser voltada a vivência deste grupo.

Na espacialidade dos lugares de sociabilidade, observou-se que há uma concentração significativa dos espaços em duas áreas distintas da cidade, a área central e o bairro Santa Mônica. Desta forma, para a pesquisa *in loco* escolheu-se dois lugares de cada área, na central (Casa Madalena, Garage Pub. & Lounge) e dois no bairro Santa Mônica (School Bar e etc. e La Biblioteca). A escolha dos lugares foi feita seguindo as seguintes métricas: localização, modelo de estabelecimento e forma de sociabilidade. Deste modo, chegou-se na seleção de uma boate e um bar em cada um dos bairros. Esses espaços possuem dinâmicas distintas uns dos outros, o que nos possibilitou um exercício comparativo entre elas, demarcando as diferenças e semelhanças entre os espaços.

Na visita *in loco*, utilizou-se como metodologia a Observação Participante. Antônio Carlos Gil (2002; p. 56) ao falar sobre a observação participante afirma que a metodologia

“envolve a distinção entre a ciência popular e a ciência dominante”. Nesse sentido, o autor pontua que nesta metodologia se coloca em perspectiva duas formas de fazer ciência, sendo a primeira advinda do senso comum, daquilo que permitiu o homem “criar, trabalhar e interpretar a realidade”; contrapondo-se com a ciência dominante, vista como instrumento de manutenção do sistema de classes sociais.

Sendo uma mescla entre essas formas de ciência, a observação participante permite ao pesquisador certa liberdade na interação com o objeto de pesquisa, visto que a relação estabelecida entre as partes é dinâmica. Faz-se necessário compreender que a aproximação proposital do pesquisador ao objeto não invalida sua pesquisa, pois se encontra embasada e referenciada pela ciência dominante, com métodos e metodologias pertinentes a ela. Outro destaque, é a devolutiva que a pesquisa gera tanto à ciência quanto ao grupo/comunidade que está sendo analisado. (VALLADARES, 2023)

Esse trabalho se justifica, do ponto de vista científico, por ser necessário que haja estudos sobre minorias sociais que ocupa, territorializa e modifica o espaço, pelo olhar geográfico. Nesse sentido, é imperativo compreender as questões inerentes ao grupo, dentro e fora dele, para que se entenda as relações socioespaciais dos quais estão inseridos. Há também com este trabalho, a possibilidade de ampliação da visibilidade dessas questões no âmbito administrativo e científico local e em cidades de mesmo porte de Uberlândia. Além de servir como um aporte para os instrumentos públicos na promoção de políticas públicas, em pesquisas feitas por ONGs e outros que desejam compreender mais sobre a relação espacial dos LGBTQIAP+.

Este trabalho está estruturado além da introdução, em quatro capítulos. Na introdução o tema, os problemas a serem desenvolvidos, os objetivos e metodologias são apresentados. O primeiro capítulo de título “Da Geografia Cultural à Geografia das Sexualidades: uma geografia que dialoga com os corpos dissidentes”, é dedicado ao debate epistemológico da geografia. Debate-se as diferentes perspectivas da geografia cultural até a formação da vertente Geografia das Sexualidades, discute-se também a inserção das questões de gênero e sexualidade no debate geográfico. Tem-se o debate de geógrafos como Paul Claval, Roberto Lobato Corrêa e Joseli Maria Silva.

O segundo capítulo “Corpos dissidentes e a construção dos lugares de sociabilidade”, debate as questões do corpo, sexualidade e identidades de gêneros na formação de espaços de sociabilidade. Relacionando lugar e sociabilidade, discutem-se então os espaços do grupo, apreendendo quais relações sociais, dinâmicas e elementos culturais neles imperam. Entendendo as divergências nas formas de sociabilidade, propõe-se o debate separadamente

sobre os locais voltados aos gays, lésbicas, travestis e transexuais, e homens trans separadamente.

O terceiro capítulo é dedicado a cidade sede do estudo. De título “Uberlândia, um refúgio à diversidade sexual e identitária”, apresenta a cidade e a relação existente entre ela e o grupo LGBTQIAP+. Nessa perspectiva, propõe-se desvelar como a cultura e a vivência deste grupo se desenvolveu na cidade após os anos 2000, dialoga-se também como o desenvolvimento econômico da cidade influenciou na formação de espaços e lugares desse grupo. O subcapítulo 3.1 “Sobre lugares de sociabilidade LGBTQIAP+”, complementa e realiza o estudo, indicando quais são, onde se localizam, qual o público frequente dos lugares de sociabilidade do grupo na cidade. O subcapítulo 3.2 de título “Lugares de sociabilidade nos bairros Centro e Santa Mônica”, é composto por um debate comparativo entre as áreas da cidade onde há uma concentração significativa de espaços de sociabilidade. No capítulo quatro são as conclusões.

1 DA GEOGRAFIA CULTURAL À GEOGRAFIA DAS SEXUALIDADES: UMA GEOGRAFIA QUE DIALOGA COM OS CORPOS DISSIDENTE

São inúmeros os sujeitos e grupos que foram invisibilizados nos estudos geográficos. Pode-se destacar o negro, a mulher e os LGBTQIAP+. Felizmente, o século XX foi bastante frutífero para o avanço dessas pautas e debates sob o olhar geográfico. Nesse sentido, foram construídas as vertentes geográficas: Geografias Negras, Geografias Feministas ou de Gêneros e, as Geografias Queer ou das Sexualidades. Essas geografias, são parte não somente do desenvolvimento científico, mas também da sociedade que está em evolução constante. Sendo assim, todas elas no plural por compreender que a sociedade, as relações sociais, os sujeitos e objetos estão se modificando e morfoseando a todo instante, um processo em constante evolução.

A sexualidade no contexto geográfico, se insere nas chamadas “Geografias Feministas e das Sexualidades” onde o debate sobre este tema ganhou nos anos recentes, corpo teórico-metodológico próprio. Compreende-se inserido nessa vertente dois subcampos, os estudos feministas e os estudos das sexualidades, ambas múltiplas, interseccionais e relacionais. Sendo uma resposta à invisibilidade promovida por pesquisadores aos corpos e sujeitos outros, essas geografias vão além e promovem em seus estudos a compreensão da pluralidade de gêneros e de sexualidades.

Silva (2010) data o início dessa vertente geográfica no mundo após a década de 1950, mas aponta que é nas décadas de 1970 e 1980 que o debate começa a ganhar corpo, advindas de (principalmente) pesquisadoras e pesquisadores anglo-saxão (canadense) e europeu. Fazendo um exercício epistemológico observa-se que a gênese desta vertente geográfica é ainda mais antiga, sendo ela herança da Geografia Cultural. A geografia cultural é dividida em dois momentos segundo Corrêa (2001), o primeiro é de final do século XIX início do XX, com a influência da “Escola de Berkeley” e de Carl Sauer; o segundo ocorre na segunda metade do século XX, onde o teor teórico-metodológico é reformulado assim formando a chamada “Nova Geografia cultural”.

Sauer e seus discípulos da escola de Berkeley foram essenciais para o avanço da geografia cultural, principalmente no debate complexo sobre a “cultura” tomando-a como um elemento espacial, capaz de promover a compreensão da relação homem-homem e homem-natureza. A interpretação espacial da cultura nesses estudos, segundo Corrêa (2001), ocorreu através da relação dela com a paisagem, formando assim, linhas de pesquisa e investigação,

distintas e complementares. As linhas são a própria cultura, a área cultural, a paisagem cultural, a história da cultura e a ecologia cultural.

Críticas foram feitas sobre essas linhas formulada por Sauer e seus discípulos. Destaca-se, para Corrêa (2001; p. 24-25) a desenvolvida por Hatshorne (1939) que questiona a cultura como característica principal, sendo que há sobre a área vários elementos em movimento; Blaut (1980) apetece outra crítica aos estudos culturais, destacando que há um apagamento da influência do Estado, das linhas territoriais e das classes sociais mais poderosas. A terceira importante crítica foi feita por Mikesell (1978), no qual questiona os temas, bem como a seletividade dos mesmos pelos estudos culturais.

A última crítica, para Corrêa (2001; p. 24-25) a mais importante, foi desenvolvida por James Duncan em 1980, no qual questiona o entendimento da cultura como algo supra-orgânico. De fato, o que se critica é a própria geografia cultural, visto que, sobre essa compreensão a cultura se distancia da realidade vívida, sendo ela um elemento que está sobre a sociedade, pairando sobre ela, formando-se assim realidades que se distinguem em orgânica e supra-orgânico.

As críticas foram essencialmente importantes para o direcionamento posterior da geografia cultural, culminando-se na chamada nova geografia cultural formada na segunda metade do século XX. Para Paul Claval (2001; p. 42-43), o apoio em uma epistemologia crítica é um dos fatores de mudança. Visando o pesquisador, o autor afirma que ele nunca deve se libertar do “lugar, do momento e da cultura em que se vive”, ou seja, o pesquisador enquanto ser com história e vivência, deve-se utilizar dela para se aprofundar no objeto e compreendê-lo por completo. Outro ponto de mudança, é a renovação ocorrida nos estudos do homem e o meio, que passa a analisar a relação do homem e dos grupos sociais com a natureza.

A questão regional, compreendida como a forma em que “as pessoas recortam e vivem a Terra”, para Claval (2001; p. 43) é uma importante mudança, pois passou a considerar o “papel do corpo e dos sentidos na experiência humana, os recortes da realidade física e social das pessoas, a riqueza da imaginação”, as experiências, as identidades e os territórios. O último ponto descrito por Claval é a ampliação dos sujeitos pesquisadores, logo a ampliação dos pontos de vista das pesquisas. Denota-se, que as críticas e as mudanças evidenciam a importância dos sujeitos, tanto como pesquisadores quanto como cultura. Percebe-se que não existe cultura que se separe do sujeito, do seu corpo e das relações sociais.

No sentido de valoração do sujeito, a fenomenologia destaca-se enquanto aporte metodológico nas pesquisas. Destaca-se também, o materialismo histórico e dialético,

sobretudo, a visão crítica marxista que foi posteriormente questionado por descrever a cultura como algo estritamente material, o que Claval afirma:

“a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais. São a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e de ideias. As relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço tem uma dimensão psicológica e sociopsicológica. Nascem das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. Expressam-se por meio de práticas e habilidades que não são completamente verbalizadas, mas que resultam de uma atividade mental; estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças que são o objeto de discurso e da reflexão sistemática.” (CLAVAL, 2001; p. 39)

Assim, tem-se dois pontos contraditórios, o da supra organicidade da cultura, afastando-a da materialidade e dos sujeitos; e a contraposição que coloca a cultura justamente como algo material. Destarte, como pontuou Claval, as relações humanas não podem ser vislumbradas apenas através da materialidade, pois elas não ocorrem somente na concreticidade da matéria, mas também em dimensões outras como a mental, das crenças, do conhecimento, etc. Nestes termos, a cultura passa a ser entendido como algo produzido e reproduzido pelos sujeitos, grupos e comunidades em seu movimento de relação social. (CORRÊA, 2001)

Percebe-se, neste momento, que se muda não somente a compreensão do conceito de cultura, mas o papel que os sujeitos passam a ter enquanto centrais na cultura. Deixam de ser agentes passivos, onde o ambiente influencia em sua cultura; para se tornar um agente ativo na formação dessa cultura. A subjetividade, agora entendida como parte importante da cultura, impele que se olhe as relações homem e o espaço meio ambiente, homem/natureza e homem/homem de outra maneira. Yi-Fu Tuan (1930-2022) em suas obras promove esse debate. Topofilia de 1974 uma de suas principais obras se propõe ao diálogo do sujeito com o meio ambiente, trazendo à luz os valores, a percepção dos sujeitos em relação àquilo que o circunda.

Topofilia e Topofobia, são os conceitos desenvolvidos por Tuan (2013), sendo instâncias subjacentes à relação que os sujeitos estabelecem com o meio ambiente. A partir dos sentidos biológicos (visão, audição, tato, olfato e paladar), o autor afirma que por eles é que nos relacionamos com os outros e com o meio ambiente, criando-se assim relações de afetividade entre os sujeitos e o meio, podendo ser mais ou menos profunda a depender da relação estabelecida. A distinção entre os conceitos se dá pelo entendimento do lugar enquanto positivo, topofilia, sendo ele “atraentemente vividos e do bem-estar são abrigos, aposentos e refúgios”; ou negativo, topofobia, esses lugares que impele sobre o sujeito sensações de indiferença, medo, apatia, abandono, etc. (MELLO, 2001; p. 88)

Ao apreender os sentidos biológicos na interpretação das relações sociais, Tuan (2013) estabelece o corpo como um elemento importante nas relações que são estabelecidas. É o corpo que se liga diretamente ao ambiente, bem como aos outros sujeitos estabelecendo as relações. É a força do corpo, intermediado pela técnica que altera o meio ambiente, assim, “a experiência do espaço é feita por meio dos sentidos humanos; as geografias vividas dependem da visão, da audição, do olfato, do gosto e do sentido do tocar, e variam em função da mobilidade e da força de quem a vivência”. (CLAVAL, 2001; p. 61-62)

Debatendo a vivacidade no espaço, compreendendo-o como um espaço vívido, Claval (2003) se volta à geografia cultural francesa em seu diálogo. Segundo Claval, num primeiro momento a geografia cultural francesa apresenta os “novos domínios da pesquisa geográfica”. Sendo logo criticada, o autor destaca a crítica de Armand Frémont, que questiona a efetividades das pesquisas produzidas, visto que entendendo a cultura como um espaço vivido, as pesquisas não estavam conseguindo com clareza as “especificidades da paisagem e dos habitantes das regiões que analisavam”, tendo assim que ser inserido nas pesquisas as “formas, cores, cheiros, sons e ruídos” (CLAVAL, 2003; p. 158).

Houve, a partir desta crítica uma significativa inclusão dos sentidos nas pesquisas feitas por franceses, porém, o corpo como um todo não teve a mesma inserção nas pesquisas e estudos. Uma reformulação teórico-metodológica na geografia cultural francesa ocorreu em um segundo momento, impactando em toda a geografia humana, visto que, a “geografia humana sempre trata de fatos culturais” (CLAVAL, 2003; p. 162). Desta forma, redefine-se o que é cultura. Claval assevera que:

“a cultura aparece como um conjunto de gestos, práticas, comportamentos, técnicas, know-how, conhecimentos, regras, normas, e valores herdados dos pais e da vizinhança, e adaptados através da experiência a realidades sempre mutáveis. A cultura é herança e experiência. Ela é também projeção em direção ao futuro.” (CLAVAL, 2003; p.163)

Observa-se que a cultura se produz no espaço, sendo os sujeitos e o meio ambiente elementos que a compõe. Nota-se na citação supracitada, que há na cultura uma multiplicidade de elementos que o constitui. A cultura é um momento, que se encontra em constante movimento de (re)construção permanente, contendo o passado, construindo o futuro.

Da relação entre sujeito e espaço se constrói lugares. O lugar pode, ao nosso ver, ser compreendido como uma instância cultural, onde as práticas e comportamentos individuais ou coletivos são produzidos e reproduzidos. Para Mello (2001) a partir de Tuan (1985) afirma que a casa, o bairro, a cidade, a nação, são escalas de lugar estabelecendo de forma individualizada

um grau de proximidade com o sujeito, mas todos eles possuindo teor simbólico positivo como de identidade, de pertencimento, entre outros; mas também com viés negativo como medo, violência, discriminação, preconceito e vulnerabilidade.

Há no avanço da geografia o apelo a contestação das normas hegemônicas. Nesse sentido, a objetividade das relações sociais e as subjetividades advindas delas passam a serem vistas como fator importante, mas pesquisas culturais e humanas, procurando distanciar a geografia do discurso único, eurocêntrico, hétero e branca. De tal modo, que se passa a perceber que há modos, sentidos, sentimentos, dinâmicas, entre outros comportamentos sociais importantes, necessários de se ter nas pesquisas para que a melhor compreensão da sociedade. Claval (2001; p. 45-46) afirma a necessidade dessas questões na pesquisa, quando aponta que o geógrafo não deve se afastar das análises que visam a contestação social, “do desenvolvimento de movimentos de oposição do surgimento de culturas críticas e de contraculturas”.

A nova geografia cultural se alinha às novas visões de mundo, aos sujeitos que o compõe de forma plural e totalizadora sem a exclusão de grupos ou sujeitos. Denis E. Cosgrove e Peter Jackson (2003; p. 136) propõem uma definição da nova geografia cultural, significando-a como contemporânea e histórica, por se alinhar a temas atuais sem se desfazer do arcabouço teórico pré-existente; é social e espacial, por considerar as relações em sua essência, compreendendo-as espacialmente; e é “urbana e rural; atenta natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistência. Para essa “nova” geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída.”

Pode-se adicionar a essa definição, a corporalidade. Pois, é no corpo, nas relações sociais do qual ele se faz objeto e sujeito, compreendido espacialmente, nos ambientes urbano e rural na contemporaneidade é que duas vertentes em ascensão da geografia cultural ganham forma, são elas a “Geografia Feministas” ou “Geografia de Gênero” e a “Geografia das Sexualidades” ou “Geografia Queer”. Essas vertentes geográficas buscam à compreensão do espaço geográfico através do corpo, considerando a diversidade do mesmo, relacionando-o com os marcadores sociais que nos atravessam. Salienta-se assim que a compreensão do espaço geográfico é dada através do corpo, ou seja, da sua relação com o meio ambiente. Neto (2019) ao relatar a relação do corpo com o espaço afirma:

“o espaço é contexto onde os corpos entram em interação e ao mesmo tempo seu resultado. Interações que podem ser de tensão e conflito, a depender do que os corpos portam e como se portam e de como estes conteúdos entram numa relação social de comunicação, em que informações circulam e são decodificadas pelos sujeitos em interação, a partir de suas posições. O espaço é o que existe entre, que permite que

tudo isto aconteça e é ele mesmo produzido em ato, pela própria interação que ali (no aqui e agora do lugar?) se estabelece” (NETO, 2019; p. 4)

Observa-se assim, que o espaço é meio e produto onde as relações entre corpos ocorre. O que Neto nos indica é que as relações que ocorrem sobre o espaço, produz subjetividades, signos, sentidos e significados dos quais podem ser positivas ou negativas. Em um exercício de compreensão, pode-se visualizar uma esquina qualquer, no qual o encontro entre dois sujeitos de gangues rivais que neste local brigam com frequência demarcam esta esquina como um símbolo de violência, medo e perigo. Em contrapartida, uma ponte onde jovens casais vão para se encontrar, onde já houve vários pedidos de casamento, passa ser visto como símbolo de romantismo, demarcado por signos como amor e afeto. Sassi (2018) contribui afirmando que:

“nossa existência corporal esta imbuída em contexto relacional e cultural em que nossos corpos são sítios de prazer e de dor, são públicos e privados, têm fronteiras permeáveis, são materiais e discursivos e contribuem para a organização espacial do espaço público e das relações sociais.” (SASSI, 2018; p. 2)

No contexto cultural tem-se o gênero. As geografias feministas se empenham em debater a questão de gênero em perspectiva espacial, compreendendo os papéis e as relações que decorrem deste marcador. É foco desta vertente geográfica, majoritariamente, o papel do gênero feminino na sociedade (principalmente a mulher), debatendo sua importância nas mais variadas áreas que compõe a sociedade. Tece sobre a própria geografia críticas contundentes ao apagamento do papel, da relevância e das experiências das mulheres no processo de formação da sociedade, destacando o olhar masculino nas pesquisas geográficas e a consequente hiper valoração do homem na sociedade.

Joseli Maria Silva (2010) uma das principais pesquisadoras das geografias feministas no país, identifica que esta vertente possui nos anos 1970-80 seu início. A autora depõe que esses foram anos de efervescência no debate sobre o gênero e o papel da mulher na sociedade advinda da segunda onda do movimento sufragista, o que possibilitou na Europa e os Estados Unidos o desenvolvimento desse tema na ciência geográfica. Ainda segundo Silva, o trabalho das pesquisadoras Janice Monk e Susan Hanson de 1982 foi fundamental, visto que elas questionavam a geografia interrogando qual seria o papel da mulher na ciência geográfica, estando no papel de cientista ou o objeto de estudo, assim afirmando:

“nem toda a humanidade esteve expressa no conhecimento geográfico. Esta crítica fundamenta o célebre artigo das geógrafas norte-americanas Janice Monk e Susan Hanson, intitulado ‘On not excluding half of the human in human geography’,

presente na revista ‘The professional geographer’ da Association of American Geographers de 1982. Este artigo denuncia as relações de poder inerentes à produção do conhecimento geográfico, a hegemonia androcêntrica que lhe é inerente e a invisibilidade feminina.” (SILVA, 2010; p. 41)

Observa-se que a falsa simetria de gênero na sociedade diante a ciência é o questionamento levantado por essas pesquisadoras. Elas vocalizam que há na sociedade diferenças entre os sujeitos que precisam ser levadas em consideração na pesquisa. A priori se questionou o papel da mulher, o que foi se desdobrando em questionamentos outros, sobre distintos elementos que compõem os sujeitos, o que Silva (2010) assevera:

“deste movimento emergem iniciativas de tornar visíveis grupos ausentes da produção científica geográfica e desenvolvem-se os estudos sobre as mulheres, gays e lésbicas, procurando evidenciar suas expressões materiais de produção do espaço, como a distribuição espacial das moradias e áreas de lazer, os deslocamentos físicos e as inserções de tais grupos nas relações produtivas e reprodutivas da sociedade burguesa e patriarcal.” (SILVA, 2010; p. 41)

Salienta-se que, assim como no movimento sufragista, a mulher branca e hetera inicialmente é a grande questionadora da questão da mulher na ciência, visto que historicamente ela conseguiu alcançar esse papel mais rapidamente, visto que a formação da sociedade ocidental é escrita por um passado escravagista. Somente a posteriori, com o levante de novas vozes na ciência é que questões da racialidades e sexualidade fora do eixo da heterossexualidade é que foram postas em debate.

Neste contexto, a composição de gênero ao qual elas se pautam não fazem parte do espectro biológico, mas sim social. Ou seja, o gênero passa a ser interpretado como uma ‘construção social’, do qual suas regras todos os sujeitos estão encobertos. Destaca-se também a postura relacional e processual que essas pesquisadoras possuem do gênero, compreendendo que o papel do meio é importante, bem como a noção de que a sociedade está em um permanente processo de construção (SILVA, 2010). Diante essas questões a geografia feminista abre um leque de possibilidades de pesquisas, que em sua amplitude irá pensar a sociedade fora dos dizeres hegemônicos, indo construindo sua própria geografia.

A Geografia das Sexualidades, como o próprio nome diz se atenta às questões da sexualidade e a relação espacial. O amplo espectro da sexualidade e as inúmeras interseccionalidades possíveis é o que busca desvendar essa geografia, discutindo essas questões no contexto espacial. Assim, as pautas não hegemônicas, inclusive aquelas sendo pouco ou não debatidas na geografia de gênero são absorvidas nessa vertente e posteriormente pesquisadas. Assim trabalha questões de sexualidade, raça, sexo, gênero e identidade.

Inicialmente, esses estudos não foram bem aceitos nas escolas francesas e anglófonas, sofrendo resistências sendo inclusive descredibilizada (BORGHI, 2015). O artigo feito pelos pesquisadores Jon Binnie e Gill Valentine em 1991, chamado “Geographies of sexuality - a review of progress” nos apresenta uma boa base de como as questões da sexualidade estava sendo tratado dentro desta ciência. Os autores percebem que esses estudos eram ainda primários em relação a outras vertentes geográficas já em desenvolvimento avançado. Destaca-se também a quão restrita estava o debate, sendo feita essencialmente por pesquisadores norte-americanos e britânicos, seguindo inclusive três linhas de estudo.

A primeira linha é a da geografia urbana. No qual os estudos urbanos, paisagem urbana e as regiões culturais se destacam. Os estudos de Loyd e Rowntree (1978) e de Weightman (1981) são pioneiros ao debaterem a “paisagem gay”. O grande destaque desta linha é o trabalho de Manuel Castells (1983) “The City and The Grassroots”, onde apresenta um debate espacialmente as vivências de gays e lésbicas em São Francisco – Califórnia (EUA) (BINNIE e VALENTINE, 1991). Sobre o trabalho de Castells, Borghi (2015, p. 136 apud. CASTELLS; MURPHY, 1982; WEIGHTMAN, 1981) assevera que “as gay villages e os bairros homossexuais das cidades dos Estados Unidos (São Francisco em particular) começaram a ser lidos como paisagens culturais, sociais e políticas e como o reflexo da experiência espacial de sexualidades 'outras’”.

A segunda linha se insere no debate clássico da geografia, a oposição urbano/rural. Binnie e Valentine (1991) apontam que as pesquisas desta linha irão caracterizar o urbano como o local da diversidade sexual, contrapondo o conservadorismo que existe nas áreas rurais. Os autores apontam ainda que há uma migração dos sujeitos em direção à cidade para poderem vivenciar a sexualidade a sua maneira, e que assim o rural se torna local de descanso. A terceira linha de pesquisa dialoga com o Estado e as questões de sexualidade, sendo chamada de “cidadanias sexuais”. Nesse sentido, o debate se dá sobre os temas: regulação da sexualidade, expressão sexual em espaços públicos e privados, leitura discursiva do espaço, política queer, entre outros vários.

As cidadanias sexuais, formam de certa forma, o estudo dos direitos através do olhar geográfico. Busca-se compreender o grau de amplitude de direitos dos sujeitos não-heterossexuais perante aos Estados. Dialoga também, a instituição de uma cidadania global, na qual serve de base a promoção de direitos no contexto universal. Binnie e Valentine (1991) discorre que todas essas pesquisas em suas linhas e temas, não se distanciaram de formas positivistas de olhar o espaço com muitos dos estudos, propostas de regionalizações, quantificação e classificação dos espaços ocupados por esses sujeitos.

Após o conhecimento dessas pesquisas e da instituição de uma geografia que pense a sexualidade e a identidade de gênero, iniciou um processo de interseccionalidade na pesquisa. Binnie e Valentine (1991) já identificava que apesar de não ser uma geografia tradicional, a geografia das sexualidades se mostrou possuir um certo olhar universal desses sujeitos, desconsiderando as especificidades deles. Os autores demarcam especialmente a questão da racialidades, das Pessoas com Deficiência (PCD) e a bissexualidade, sendo fatores importantes nas vivências e experiências desses sujeitos, nas relações entre si e com o espaço.

A “Teoria Queer” de autoria de Judith Butler (1990), se tornou um importante aliado na pesquisa geográfica. O nome dado a essa teoria é uma ressignificação do termo queer, que significa estranho, utilizado pejorativamente como um xingamento de pessoas não-heterossexuais e/ou de gênero discordante. O conceito de “performatividade” cunhado por Butler, permitiu aos geógrafos criar novas interpretação da paisagem, do lugar e do espaço geográfico como um todo. Neste sentido, Pequeno e Pereira (2022) afirmam:

“a vista da sua profusão teórico-metodológica, entende-se queer, na perspectiva geográfica, como aqueles estudos que versam sobre espacialidades e/ou práticas espaciais, territorialidades entre outros fenômenos que são protagonizados por grupos marginalizados e/ou não-hegemônicos, assim, interferindo em suas condições de existência e/ou demandas. Tais estudos têm entre seus objetivos questionar, mobilizar e/ou superar processos de opressão/ou exclusão, conhecimentos, saberes, discursos, narrativas, e outros mecanismos utilizados para manutenção do poder e privilégio dos atores e/ou agências hegemônicos” (PEQUENO e PEREIRA, 2022, p. 160; Apud SILVA, 2005; ORNAT, 2008; REIS, 2015)

Nota-se que o papel central dos estudos queer é o de questionar, procurar interpretações novas às relações sociais já existentes. Neste contexto, a performatividade compreende os diversos e variados papéis sociais do qual todos os sujeitos performam ao longo do dia, até mesmo da vida. Tomando como exemplo, o gênero nesse sentido é uma performance. Uma performance que passa a existir no momento de sua atuação. Desta forma, Borghi (2015) anuncia que:

“para Butler, o gênero é um enunciado performativo que tem a capacidade de criar aquilo que nomeia. Concebido como uma atribuição normativa, a performance cita gestos, posturas, palavras, as reitera, as repete e termina, ao reproduzi-las sem cessar, por naturalizar o gênero. O gênero é, portanto, uma performance porque não existe antes de ser atuado. Ele não é uma qualidade do sujeito, mas uma citação da norma. (BORGHI, 2015; p. 138-139)

Observa-se assim que gênero é uma construção social, que só ocorre quando é atuado, ou seja, ele não existe antes da ação. Isso é crucial, pois ela se contrapõe à imposição do modelo

ideal de gênero, o heteronormativo dividido em masculino e feminino, no qual Butler (1990) discorda afirmando que não há uma universalidade de gênero, um modelo homogêneo, coeso e biológico. Borghi (2015, p. 140; apud. CHAPUIS, 2010, p. 46) assevera que o conceito de performatividade tira do corpo o signo de uma suposta ‘normatividade’ biológica, acrescentando ao corpo a performance que é o corpo como ação “que produz perpetuamente uma nova realidade”; e também o corpo como representação, sendo ele “uma imagem, uma descrição do mundo”.

A direção ao corpo feita pela ciência, descortina os diferentes atores sociais que não se encontram suprimidos ao modelo socialmente criado de corpo e sujeito. Na sociedade, encontram-se sujeitos dissidentes à norma, no qual seu corpo é a representação de si próprio, mas também promove a subversão do status quo, sendo uma “ferramenta de resistência às normas de gênero e como meio para tornar visível e para desnaturalizar o espaço heteronormativo” (BORGHI, 2015; p. 141).

Destarte, pensando no espaço geográfico o corpo passa a ser entendido como parte deste. O corpo é espacial. O corpo não constitui o espaço, mas nele se encontra, contribuindo para sua formação; da mesma forma não representa tempo, mas é moldado por ele (NETO, 2019). O corpo é relacional, pois é considerado a partir da interação estabelecida com outros corpos e objetos espaciais, interações essas objetivas e subjetivas. Deve-se ater ao refletir sobre o papel do corpo no espaço que ele está sujeito a normas, sejam elas sociais e de convivência pautadas por leis, ou ainda normas subjetivas impostas por um pensamento hegemônico que construiu um padrão normativo, estático e único, no qual os sujeitos devem se adequar, essas advindas do patriarcalismo e da heteronormatividade.

Neste sentido, sobre o espaço há poder, sendo referendado por essas normativas. Destaca-se, que ao normatizar a heterossexualidade, todo e qualquer corpo que esteja fora deste contexto, seja quanto a orientação sexual ou a identidade, é automaticamente posto como periférico à normalidade, sendo assim anormal ou dissidente. O poder do qual o espaço é coberto, exerce o papel de perifêrizar os corpos dissidentes (não-héteros) quando torna legítimos discursos LGBTfóbicos, agressões físicas e psicológicas, até mesmo o extermínio desses sujeitos, ao passo que a sociabilidade deles seja limitada a vivências outras. O estudo dos espaços onde transitam os corpos dissidentes são, segundo Rosa, Marinho e Carneiro (2019), dificultados pela pressão do qual esses sujeitos estão submetidos. Os autores determinam:

“a verdade é que para descrever os espaços dos (as) homossexuais, por exemplo, é algo audacioso, pois as leis impostas pelo patriarcado não nos permitem ter um olhar amplo sobre a realidade de vida deles (as), embora sucumbe toda essência e vivência dos mesmos (as) no espaço, tornando-os (as) estranhos (as), anormais e diferentes.” (ROSA, MARINHO e CARNEIRO, 2019; p. 4)

Observa-se que é necessário ir além dos limites impostos pelo patriarcado para uma compreensão completa dos espaços onde transitam os corpos dissidentes. Tomando o estudo das ‘gays villages’ descritas por Manuel Castells, Borghi (2015) afirma que a descrição pelo autor feita é simplista em vista das complexidades das vivências dos sujeitos nesses bairros. Buscando o aprofundamento dos estudos, Nabozny, Silva e Ornat (2007) a partir de James Duncan (1990), propõem a interpretação dos espaços a partir dos conceitos de “paisagem/texto” e “cidade/texto”. Neste cenário, a paisagem não é vista como um ente estático e momentâneo, mas sim, é “um discurso, uma estrutura social de inteligibilidade dentro da qual todas as práticas são comunicadas, negociadas e desafiadas”.

Na interpretação da paisagem como um texto, está a vocalização dos discursos que estão reprimidos e subjugados ao poder hegemônico; vislumbrando assim a pluralidade, a multiplicidade e plurivocidade dos sujeitos e culturas que a compõe. Contextualizando a partir de exemplos, Nabozny, Silva e Ornat (2007) nos apresenta um estudo onde analisam a prostituição em duas situações diferentes. A primeira diz respeito a garotas (em essência crianças e adolescentes) no qual utilizam dessa prática para a sobrevivência; a segunda situação é a dos territórios de prostituição de travestis e transsexuais.

Nabozny, Silva e Ornat (2007) observam que o espaço nesses dois cenários exerce influência significativa nas relações estabelecidas entre as trabalhadoras (do sexo) e os clientes, entre si e com o resto da sociedade. No primeiro caso, a delimitação de um espaço não ocorre, sendo inviável pela jovialidade delas, colocando-as na mira dos órgãos competentes, assim a prostituição ocorre por toda a cidade em pontos diversos e dinâmicos. No segundo caso, a territorialidade é um fator importante, pois é nele que muitas se formatam (social, psicológica e sexualmente), se protegem e constroem relações afetivas topofilicos e topofobias entre elas e seu espaço.

Observa-se assim, que em uma mesma atividade exercida por diferentes agentes, provoca sobre o espaço resultados distintos. Tem-se a noite como o principal momento das travestis, sendo mais acolhedor a elas, ao passo que as meninas exercem a profissão no turno de dia; as meninas se sentem confortáveis em socializar de dia, explorar a cidade e os espaços de convivência, já as travestis preferem os eventos noturnos onde são menos reprimidas. Desta forma, nota-se que a relação espacial desses dois grupos (meninas e travestis) é distinta,

pois, a relação delas com o espaço é singular a própria relação delas com a sociedade. Assim, o conceito de paisagem/texto nos permite o entendimento de quais relações sociais são estabelecidas sobre esse espaço.

Neste exemplo, é perceptível a importância que o corpo possui ao pensarmos a geografia. Seguindo os marcadores, nota-se que as meninas possuem uma maior espacialidade defronte as travestis. Percebe-se, que as travestis necessitam mais de seus territórios, sendo assim, impõem um valor maior a eles, visto que esses são os lugares de criação de experiências, de formação social e cultural, bem como é o local de onde tiram sua subsistência. Os limites impostos pela sociedade patriarcal são impostos aos sujeitos e grupos de formas diferentes, abrindo-se o leque para que a relação deles com o espaço geográfico tenha características exclusivas a cada interseção.

O grupo LGBTQIAP+ é uma representação precisa do que são os corpos dissidentes, assim, cada instância sexual e identitária do grupo possui um modo de relacionamento com o espaço, sempre mediado pelos valores e normas da sociedade. De tal forma, as já mencionadas travestis e transsexuais possuem uma relação única com o espaço e a sociedade, o mesmo ocorre com os gays, as lésbicas, bissexuais, etc. Denota-se que a imposição social é transpassada de mesmo modo de acordo com o papel que cada gênero deve exercer socialmente. Ou seja, aos gays, travestis e transsexuais femininas são cobrados a performatividade masculina, tal qual ao homem heterossexual. Às lésbicas e aos homens transsexuais, é cobrado e sobre eles impera a norma referente a performatividade feminina, assim dizendo, devem ser e agir como as mulheres heterossexuais.

Nessa perspectiva, os lugares deste grupo são construídos pensando nas relações que as sexualidades e identidades de gênero formam. A espacialização deles também se encontra sobreposta por estas questões. De tal forma, no capítulo seguinte abordaremos a concepção de lugares desses sujeitos que diferem da heterossexualidade, compreendendo seu processo de formação e efetivação. Considerar-se-á ainda, as distinções no grupo analisando a criação de lugares de gays, lésbicas, travestis e mulheres transexuais e, homens transexuais separadamente.

2 CORPOS DISSIDENTES E A CONSTRUÇÃO DOS LUGARES DE SOCIABILIDADE

Corpo. Como pensar o corpo como um elemento geográfico? Holzer (2003) já nos deu a primeira pista, ao firmar o corpo como a instância primeira de contato entre o sujeito e o meio ambiente. A relação estabelecida entre o corpo (somado à subjetividade) e o meio ambiente que o cerca, demonstram a dinâmica primeira da formação espacial. Nesses termos, o sujeito é tido como um agente interventor no espaço, porém, essa ideia suplanta toda a diversidade de corpos que existem, homogeneizando gênero, raça, condição física e de saúde. Evidentemente, camufla também a sexualidade e as identidades de gênero, ocultando assim os corpos dissidentes.

Demonstrou-se anteriormente, que para que a ciência geográfica compreendesse o papel dos corpos na relação espacial, foi necessário questioná-la. As interrogativas visaram as metodologias, os sujeitos, grupos e objetos pesquisados, a relevância do que se pesquisa, bem como levantou questionamento sobre o próprio pesquisador, indagando questões como a ascendência, raça, e principalmente o gênero. A inquietude desses questionamentos, possibilitou a formação das Geografias Feministas e das Sexualidades. Uma vertente potente da ciência, que propõe a desmistificação do corpo no espaço apenas como força de trabalho ou como ferramenta de perpetuação da espécie. Trazendo-o para a esfera social, cultural e afetiva da sociedade.

Pensa-se assim, o corpo como material, produtor e reproduzidor de espaços, mutável, causando a cada estágio corporais (faixa etária) impactos distintos e significativos na produção do espaço. Silva et al. (2013) aponta que as transformações materiais da sociedade também transformaram o corpo, ou melhor, o sentido de corpo. O corpo e o espaço se influenciam mutuamente. Nessa perspectiva, o corpo antes visto como um objeto produtor, passa a ser visto como um corpo desejante, que dá vazão ao consumo, ao avanço do mercado tornando-o padronizado e replicável.

De tal forma, o corpo passa da ação do trabalho para a subjetividade dos desejos, seja ele afetivo-sexual ou como uma referência. Tendo um modelo padrão, a diversidade dos corpos desaparece em meio a ideias midiáticas de como ser e estar no mundo. Objetivamente, a padronização não somente ignora as diferenças, mas impede que se tenha uma compreensão mais certa sobre os espaços que eles ocupam. Marcadores sociais como classe, raça, gênero, sexualidade, religião, entre outras demonstram a pluralidade dos sujeitos e determinam condições específicas da cultura em determinados grupos e comunidades.

A sexualidade e a identidade de gênero são importantes fatores para compreender a espacialização dos sujeitos do grupo LGBTQIAP+, pois deles partem a não heterocisgeneridade imposta na sociedade. Deve-se atentar, que a sociedade é composta majoritariamente por pessoas heterossexuais. Assim, ser hétero enquanto modelo correto de ser e estar, pensar e se relacionar, coloca aqueles que estão fora desse linear os coloca no lugar de estranhos (Queers).

A heteronormatividade impera sobre todos os aspectos da sociedade. Coisas e objetos, espaços, lugares e territórios são sobrepostos por essa linearidade entre sexo, gênero e desejo. Desta forma, o grupo LGBTQIAP+ contrariando as condições impostas constroem seus próprios espaços, impõe significados a seus próprios objetos, porém, sempre contido pelo hegemônico padrão estabelecido. Desenvolvendo seu pensamento a partir dos fenômenos arquitetônicos, José Miguel Garcia Cortés em seu livro “Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle” de 2008, apresenta um debate relacionando a arquitetura ao gênero, desvelando como o primeiro promove o controle do segundo.

A ótica do controle, a domesticação dos corpos e a conseqüente docilização deles, é possível graças ao auxílio da arquitetura pode criar os chamados “espaços doces” (Cortés, 2008). Assim, maquiados em discursos rasos de praticidade ou beleza, projetos arquitetônicos privados ou públicos possuem significados mais profundos do que tenta transparecer. A forma e a função dos objetos, não são formados apenas pela necessidade e presteza, mas sim, em seu interior contém o objetivo de controle sobre os sujeitos. Nesse sentido, há a supressão dos direitos individuais e dos grupos onde:

“a cidade reproduz, além da violação dos direitos, formas autoritárias de apreensão do espaço público, em que determinados indivíduos/segmentos são atormentados, violentados e aterrorizados. A verdade é que as cidades, num movimento dialético, revelam e escondem a própria lógica do sistema do capital em sua densidade histórica. E, assim, contemplam as conquistas do desenvolvimento das forças produtivas e da cultura e comportam as conseqüências de um tipo de sociabilidade que não tem como prioridade o atendimento das necessidades humanas.” (SILVA e SANTOS, 2015; p. 504)

Nesse sentido impera sobre o espaço público o modelo “pan-óptico”¹ através dos objetos. Vigiar e ser vigiado se torna parte da estrutura da sociedade. Assim, todos somos vigiados, ao passar por avaliações constantes de atitudes, ações e comportamentos. De tal

¹ O conceito “pan-óptico” proposto por Jeremy Bentham (1748-1832) “trata-se de uma tecnologia política que obriga o indivíduo a um estado de visibilidade permanente e que assegura o funcionamento automático do poder; uma tecnologia que se utiliza sem ruído, que sutilmente se incrusta nas atitudes e nos hábitos pessoais. O objetivo é fazer que o indivíduo se saiba sempre sob controle, ao mesmo tempo que modifica as formas sociais de se relacionar e origina práticas que tratam de converter a multidão desconexa e indiferenciada em uma coleção de indivíduo reconhecíveis e marcados.” (CORTÉS, 2008; p. 46)

forma, aplica-se a formação de um poder onipresente, onde além do Estado, todos os sujeitos passam a ser agentes guardiões dos princípios daquela sociedade, tornando-os para algumas vivências agentes repressores. Salienta-se que a heteronormatividade, por ser embasada por preceitos morais-religiosos, rejeita a diversidade dos sujeitos, fazendo deles os principais alvos de vigilância. Nesse sentido a vigilância ocorre:

“mediante um poder onipresente, pois você sabe quem está sendo observado, mas inverificável, pois não sabe de onde, quando ou como. O poder, aqui, já não baseia sua força na repressão exterior, mas em algo mais corpóreo, porém mais efetivo, como a própria coerção, a própria submissão; um poder que, ao estar difundido no corpo social e sem utilizar outro instrumento além de uma arquitetura e uma geometria, consegue agir diretamente sobre o indivíduo, convertendo cada pessoa em seu próprio vigia.” (CORTÉS, 2008; p. 46)”

O espaço urbano reflete significativamente as concepções de vigilância dos corpos. A iluminação de ambientes escuros, a supressão dos lugares insalubres, a construção de grandes eixos de tráfego, o controle populacional através do recenseamento, são elementos que visam descorporificar o espaço, ou seja, transforma a cidade em um lugar de massas, retirando a unicidade dos sujeitos.

O controle exercido sobre os sujeitos, se inicia eliminando relações interpessoais. A supressão dos espaços considerados “incertos”, impactam na vida de toda uma população que vivem nesses espaços de precariedade, como em locais periféricos e/ou insalubres. Nesse meio, manifestações culturais também são alvos deste controle, indo desde as manifestações de fé à arte, sobrevive sobre a vigilância constante. Obviamente, a sexualidade, as práticas sexuais, as identidades não cisgênero, entre outros marcadores do grupo LGBTQIAP+ se mostram em constante vigília pela sociedade, mas que possui em grupos que se dizem conservadores uma maior atenção.

Entende-se que a heteronormatividade sobrepõe toda a sociedade. Cortés (2008) apreende que essa imposição social, ocorre apenas sobre os sujeitos, afirmando que o espaço é agênero. Porém, de certa forma, o autor se contradiz ao afirmar que a arquitetura é masculina, que as construções são feitas para agradar e demonstrar o poder e virilidade masculina, a exemplo dos arranha-céus de formatos fálicos. A autores como Daniel Welzer-Lang (2001) afirmam que o espaço é sexualizado. Indo além o autor afirma que o espaço é dividido por gêneros.

O barbeiro, a rua, o campo de futebol, o pátio da escola, entre outros são espaços masculinos; o salão de beleza, a casa, a sala de aula, etc. são os espaços femininos, segundo Welzer-Lang (2001). Esses lugares são referências na perpetuação da heterossexualidade, dos estereótipos de masculinidade e feminilidade. Esses locais fazem parte do processo educacional

do sujeito heterossexual. Efetivamente, essa organização espacial não admite aquilo que está fora dessas caixas, visto que, esses espaços são excludentes a serres que não se adéquam as normativas impostas, sobrando a elas encontrar novos lugares para expressar sua condição.

Os LGBTQIAP+ são a expressão dessa dinâmica excludente. Por não ter espaços próprios, a alternativa criada por eles foi durante muito tempo a ressignificação de lugares. Assim a presença coletiva deles, produzindo relações sociais, propondo movimentações culturais ou mesmo tendo relações afetivas-sexuais, demarcavam o lugar como pertencentes ao grupo. A necessidade de formas ambientes próprios, ocorre graças a sensação de não pertencimento que esses sujeitos possuem por onde transitam, sendo muito comum o preconceito e discriminação, tendo como consequência exclusão desses sujeitos o fizeram criar espaços de inclusão às diferentes identidades, vivências, experiências e desejos, sendo assim:

“a cidade contemporânea, a partir das lutas dos sujeitos políticos LGBT e de outros movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, tem exigido o respeito e o reconhecimento da diversidade sexual em todas as dimensões da vida social. Por meio dessas lutas, a sociedade é chamada à convivência democrática para entender o direito dos indivíduos à diversidade sexual. Gays, lésbicas, transexuais e travestis saíram dos guetos e do “anonimato” urbano e ganharam as ruas.” SILVA e SANTOS, 2015; p. 506)

Uma das formas de agrupamentos são as microterritorialidades. Este recorte espacial, ocorre tendo como elementos o amalgama sociedade-indivíduo-espaço. Da tríade, o primeiro é o ente superior o que possui as regras e determinações; o segundo é o agente efetivo, o que interage e domina o espaço; o terceiro é o local onde as relações de dominação e sociabilidade estabelecidas ocorrem. Esta forma de territorialidade ocorre através das manifestações culturais, bem como nas práticas, nas interações corpóreas, ou seja, nas relações, nas subjetividades, nas “ideias e identificações sobre o eu e os outros – dos sujeitos orientados para o mesmo sexo” (MULLER, MACHADO e FOLMER, 2021, p. 126; Apud PINÓS, 2010, p. 3).

Subjugado a lógica heteronormativa, as microterritorialidades foram criadas muitas vezes em locais escusos, insalubres, distantes e/ou socialmente periféricos. Banheiros de rodoviárias, parques e shoppings, parques e boates distantes são alguns dos lugares dos quais o grupo LGBTQIAP+ se apossou para a socialização ou para práticas sexuais. Esses são os espaços doces (CORTÉS, 2008). Destaca-se, que a dominação do espaço se dava através da subjetividade, ou seja, ocorria pela simples presença desses sujeitos nesse espaço, muitas vezes temporariamente. Um exemplo, é a territorialização em banheiros públicos, aberto a todos, mas que em determinados horários do dia o coletivo (sociedade) entendia o local como pertencente ao grupo devido à alta demanda deles e pelas práticas sexuais que ali ocorriam.

Cria-se assim, segundo Cortés (2008), símbolos, códigos, vestuários e gestos que possibilitava a identificação de seus pares nesses espaços públicos. O significado desses elementos, facilita o entendimento inclusive do que se procura nesses lugares, indicando se a posição das pessoas nos atos sexuais, passivo ou ativo. Por estar limitado aos sujeitos do grupo, os símbolos permitiram que a sexualidade e identidade desses sujeitos fosse invisível ao público geral, bem como possibilitou a criação de espaços temporários e exclusivos do grupo. (DAVI, 2011).

Estando fora do hegemônico padrão estabelecido pela sociedade, os lugares do grupo LGBTQIAP+, ainda passam pelo crivo da permissibilidade. A dualidade permitido-proibido, sobrepõe os espaços ocupados por esse grupo de acordo com Muller, Machado e Folmer (2021). A permissão dos lugares onde o grupo pode circular, depende essencialmente do processo de produção capitalista do espaço. Duas formas se aventam, a primeira diz respeito a construção de espaços específicos como as saunas e as boates; a segunda são a ocupação de espaços degradados, deteriorados do qual o capital não tem interesse momentâneo.

O constante movimento do espaço urbano, determina os lugares desses sujeitos. Os locais de degradação eram os lugares permitidos, pois eles se afastavam da realidade cotidiana dos cidadãos que discordavam com as vivências desses sujeitos. Incluindo nesses lugares ficavam as saunas e boates, que devido o anonimato e a menor repulsa da sociedade se fixavam nesses locais, pois assim permitia que pessoas que não se afirmam como homossexuais frequentassem esses lugares. Na dinâmica urbana de valorização-desvalorização dos lugares, o centro se torna um local propício para as microterritorialidades desses sujeitos. Desta forma, Carlos (2005) afirma:

“no caso das grandes cidades, por exemplo, ocorre geralmente a deterioração do centro e/ou das áreas centrais que passam a ser ocupados por casas de diversão noturna, pensões, hotéis de segunda classe, zonas de prostituição. Isso faz com que os chamados “bairros ricos”, localizados perto das áreas centrais, sofram uma mudança de clientela; os antigos moradores “fogem” para áreas privilegiadas mais afastadas.” (CARLOS, 2005, p. 41)

Entende-se assim, conforme o movimento do espaço urbano os grupos migram de lugares. Há a inversão dos lugares. Nessa dinâmica, os grupos periféricos passam a frequentar a área central, enquanto os antigos moradores da área requerem para si a região periférica. A paisagem noturna do centro, com pouco valor ao capital hegemônico, se torna o principal local de grupos onde a descrição é o principal objetivo. Tem-se assim, as microterritorialidades do tráfico de drogas, da prostituição e grupo LGBTQIAP+ (CORTÉS, 2008).

Observa-se até aqui, que os locais de sociabilidade do grupo são plurais. A principal característica que liga todos esses espaços é precariedade deles, em sua localização, ou seja, nos próprios espaços que não são ideais às formas pretendidas de se socializar. Devemos nos ater ainda, que além dos lugares, o próprio grupo determina especificidades nas formas de se socializarem. As distintas sexualidade e identidades do grupo, determinam sua forma de sociabilidade. Para compreender essas nuances, propõe-se assim analisarmos separadamente algumas delas. Iniciaremos pela sociabilidade dos homossexuais cisgêneros (gays), a posteriori abordaremos a sociabilidade lésbica, por fim apresentaremos a forma em que as travestis e transsexuais se socializam.

O debate sobre a sociabilidade gay é o mais antigo sobre o grupo. A formação dos territórios, as formas de encontro, as práticas sexuais, formação de comunidade e sua cultura, são as principais questões debatidas a respeito desses sujeitos. Todos esses temas convergem ao serem formas de sociabilidade do grupo, nas diferentes maneiras de encontro com o grupo. Isadora Lins França em sua dissertação intitulada “Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo” em 2006, apresenta um debate acerca da consolidação dos espaços do grupo na cidade, compreendendo que esse foi um dos primeiros locais de luta do grupo no país.

A sociabilidade dos gays brasileiros, se mostra distinta de outras realidades mundiais, tendo em vista a relação estabelecida entre esses sujeitos e o espaço. Tomando como referência o trabalho de Manuel Castells no livro “The City and The Grassroots”, onde aborda a comunidade gay em São Francisco (Califórnia), França (2006) afirma que o circuito² dos lugares de sociabilidade se distinguem, principalmente pela sua organização. Segundo a autora, no Brasil a organização dos gays é tida na forma de sociabilidade, ou seja, compreende em sua maior parte o lazer como princípio; já o que Castells alude é a formação de uma comunidade, estruturada não somente simbólica e ideologicamente, mas sim concentrando as moradias, comércio e relações cotidianas desses sujeitos formou-se nos anos 1970 e 1980 os chamados bairros ou guetos gays.

Os gays ghetto (guetos gays) são, certamente, uma forma única de agrupamento. São assim uma comunidade só com indivíduos atravessados pela mesma sexualidade, que propõe o compartilhamento de todo o espectro da vida a partir dela. O trabalho, lazer e cultura nesses

² França utiliza das terminologias ‘manchas’ e ‘circuitos’ para determinar geograficamente os lugares de sociabilidade dos homossexuais. Para uma melhor compreensão utilizaremos a terminologia ‘circuito’, por acreditarmos que a ideia de mancha impõe uma certa homogeneização do espaço, uma cobertura homogênea no qual não acreditamos que ocorra.

bairros passam a ser relacionados a vivência homossexual, até mesmo a ideia de família passa a ser vinculada a comunidade. No Brasil, encontros casuais, festivos e sexuais são o principal propósito da sociabilidade do grupo.

Compreendendo um período entre os anos 1970 e início dos anos 2000, França (2006) pontua que a sociabilidade gay em São Paulo (SP), ocorreu a priori em locais não caracterizados como espaços gays. Assim como Cortés (2008), a autora postula haver lugares de ocupação temporária deste público, marcados por essa concepção apenas nesses períodos. Esses espaços eram públicos, voltados principalmente às práticas sexuais, afirmando-se na cidade como importantes espaços de afirmação e demonstração da coletividade do grupo.

É pontuado por França (2006), que na cidade de São Paulo há dois circuitos de sociabilidade gay. O primeiro está situado no centro da cidade, onde a concentração de bares, boates, restaurantes e festas voltadas ao público gay é significativa. A autora destaca que na área central, já na década de 20 havia notícias de havia ali estabelecimentos voltados a esse público. A paisagem noturna do lugar é propício a sociabilidade desses sujeitos, tanto pelo movimento quanto pela variedade de formas de lazer que o lugar oferece.

O segundo circuito é menos concentrado. A desconcentração dos lugares de sociabilidade é proposital ao público que esses lugares pretendem atingir. O circuito Paulista-Jardins é composto por boates, bares, saunas e festas voltadas a um público mais selecionado, das classes média e alta, preparado a atender ao público internacional (FRANÇA, 2006). O poder econômico é a base da distinção entre os circuitos apresentados. Os sujeitos que frequentam em ambos os espaços são gays, porém o marcador social econômico possibilita que eles tenham experiências distintas ao procurar a mesma categoria de lazer, inclusive um deles tendo contato com sujeitos de outros países, outras realidades.

Denota-se que o circuito central é um espaço das massas. É maior, mais emblemático, possui os lugares mais baratos, sem muita especialização, porém, com muita variedade de escolhas. Sendo um lugar degradado como afirma Carlos (2005), as boates e bares gays coabitam com os trabalhadores do sexo (principalmente miches, travestis e transsexuais), trabalhadores do repasse de drogas lícitas e ilícitas, usuários de drogas (é nessa área que hoje se encontra a Cracolândia), moradores de rua, pedintes e outros. Diametralmente oposto, tem-se o circuito direcionado aos Jardins, cujo caráter é higienizado, o público frequentador não quer apenas o encontro com seus pares, mas sim com seus iguais. (FRANÇA, 2006)

Barreto (2010), no que lhe concerne, toma os espaços gays do Rio de Janeiro (RJ) como “territórios simbólicos”. O conceito pensado por Rogerio Haesbaert (2007), alude às simbologias, os signos que são construídos sobre os espaços, tornando-os territórios. A

convivência, a sociabilidade, as reuniões, os agrupamentos do grupo em um determinado espaço, promove a territorialização dele, assimila-se assim a identidade do grupo a um determinado território. Nesse sentido, a Praça Tiradentes (antigo Largo do Rossio) é um dos territórios apontados pelo autor como de convivência do grupo, historicamente conhecido por essas práticas.

Outro ponto de destaque é o “trecho da praia localizado em frente ao hotel Copacabana Palace” (Barreto, 2010; p. 18). Este lugar se destaca pelo alto poder aquisitivo dos frequentadores do hotel, sendo uma área de grande exposição dos atributos físicos, com o propósito de se relacionar com os turistas. A rua Farme de Amoedo em Ipanema, especificamente no encontro com a praia, é destaque na convivência do grupo. Esse espaço, para além do simbolismo que há na circulação dos sujeitos, segundo Barreto (2020), é ornamentado por elementos das comunidades, como as bandeiras LGBTQIAP+.

Em Recife capital de Pernambuco, a distinção entre os lugares de sociabilidade do grupo, aparenta ser mais complexa quando Rios e Vieira (2022) apresentam uma abordagem interseccional sobre os lugares. Dois marcadores são postulados, o econômico e a raça. Segundo os autores há na cidade duas principais boates voltadas a esse público, a boate ‘Metrópole’ é considerada um local de elite na cena homoafetiva. Esse é um lugar onde há uma maior concentração de sujeitos heteronormativos, sendo considerado exclusivo, com grande público jovem de classe média-alta, frequentado por pessoas majoritariamente brancas.

O segundo local é a boate ‘MKB’. Um espaço considerado de baixa classe, do “povão”, frequentado por negros, pobres, afeminados, pessoas gordas e de mais idade (RIOS e VIEIRA, 2022), com uma maior diversidade. Observa-se na diferença entre os lugares, que características fenotípicas são importantes na organização e seleção daqueles que irão circular nesses ambientes. Denota-se, que há uma homogeneidade nos espaços quanto aos sujeitos, uma relação de iguais, o branco, cisgênero, heteronormativo, de poder aquisitivo alto, vai a um determinado espaço, os que desviam dessa lógica são relegadas a frequentar outro espaço.

Por essas dinâmicas na organização dos espaços, percebe-se a presença marcante da heteronormatividade nos espaços frequentados por esses sujeitos principalmente locais onde frequentam os gays de classes média e alta. Denota-se a presença desta imposição social em França (2006) quando debate o circuito Paulista-Jardins; quando Barreto (2010) aborda o trecho de praia defronte ao hotel Copacabana Palace; em Rios e Vieira (2022) quando aborda a composição de sujeitos que frequentam a boate Metrópole. Se essa imposição não está presente somente em cidades grandes, em maior demanda pode ser vista nas cidades interioranas.

O município de Santa Maria no Rio Grande do Sul, é um exemplo da presença maciça da heteronormatividade. Segundo Muller, Machado e Folmer (2021), a cidade que possui cerca de 300 mil habitantes, reproduzem dinâmicas de sociabilidade deste grupo ocorridos nos grandes centros urbanos. Os autores observam, que há na cidade a formação de microterritórios em espaços públicos, sendo muitos deles voltados as relações sexuais. Mesmo que formem territórios, os autores asseveram que o jeito “rustico” do interior predomina sobre os homens gays, percebendo-se assim uma aproximação estética entre os homens héteros e os homossexuais.

A despeito dos espaços de sociabilidade dos homossexuais alguns pontos devem ser levantados. O primeiro deles é a multiplicidade de espaços criados por eles. Seja por uma territorialização através da frequência de circulação ou pelos símbolos do grupo, ou mesmo pela construção de lugares exclusivos a essa vivência, são inúmeras as formas que os gays encontraram para se socializar, procurar lazer e até mesmo externar seus desejos. A proibição para eles não parecem ser uma barreira efetiva.

O segundo ponto, diz respeito a concentração territorial dos lugares de sociabilidade. Observa-se nos trabalhos de França (2006); Barreto (2010); Muller, Machado e Folmer (2021); Rios e Vieira (2022) que apesar de haver uma concentração de locais de sociabilidade, principalmente nas áreas centrais no período noturno, há por toda a cidade espaços onde encontros acontecem. Faz-se necessário compreender, que os locais públicos fazem parte do traslado do cotidiano dessas pessoas, a exemplo dos banheiros de rodoviária e de terminais de ônibus coletivo.

O terceiro ponto, é o alto poder segregacionista dos espaços de sociabilidade de homossexuais. Observa-se que a cada boate, bar e festa voltados ao público homossexual, há uma composição estética, econômica, racial e cultural específica que determina quais são os sujeitos “permitidos” frequentar o espaço. Obviamente, essas questões não são regras postas pelos estabelecimentos, mas sim, são normas sociais subjetivas formadas a partir das características físicas deles, assim validando-os ou não como pertencentes àquele ambiente.

O trabalho de França (2006) nos mostra com clareza essas regras subjetivas. Percebe-se em seus escritos uma clara alusão a questão estética dos homossexuais. Assim, os locais que estão dispostos no circuito central absorvem com maior facilidade (possui festas específicas) os sujeitos com sobrepeso, afeminados e fora dos padrões estéticos sociais normativos definidos pela heteronormatividade. Nesse sentido, pode-se notar que esses locais são mais tolerantes a diversidade dos corpos e das identidades, possuindo, portanto, uma maior presença de sujeitos negros e gordos.

Em contrapartida, o circuito Paulista–Jardins é mais reticente a aceitação desses sujeitos. Neste circuito a presença de negros é ínfima. Destaca-se também que os negros que lá frequentam se adequam a estética do local, se vestindo com poucas indumentárias como tranças e objetos que remetam a sua ancestralidade, bem como, se percebeu que eles possuem um padrão físico que se assemelha aos que ali frequentam. Ou seja, os negros que frequentam os espaços de maior poder aquisitivo se adequam a estética do lugar para poder pertencer ao lugar. (FRANÇA, 2006)

Compreende-se, a partir das questões supracitadas, que os espaços de sociabilidade dos homossexuais são espaços complexos de serem compreendidos através de uma única perspectiva. A interseccionalidade é um fator determinante na ocupação dos lugares. Se olhássemos apenas através da localização, já perceberíamos objetivamente que não ocorre da mesma maneira. Visto que, a opção de frequentar determinados lugares se inicia na residência, ou seja, os homossexuais periféricos e/ou pobres não frequentam os mesmos espaços dos que vivem em melhores localidades e/ou faz parte da classe média e alta.

Aludindo ao corpo, percebe-se que a questão estética é determinante na sociabilidade. Pois, ela garante os lugares onde os sujeitos irão se sentir bem. A raça e o peso, mesmo em um contexto onde os sujeitos possuem poder aquisitivo alto, não garante a eles que os lugares que frequentam vão lhes proporcionar conforto. Salienta-se, que os preconceitos que há na sociedade também se encontra intrínseco ao grupo. Por fim, clarifica-se que nos lugares públicos é possível de encontrar sujeitos de toda a vertente do grupo LGBTQIAP+, porém os lugares boates, saunas e bares geralmente são específicos a essa parcela do grupo sendo proibida a entrada de pessoas que performam o gênero feminino (mulheres cis e trans, travestis).

Mulheres lésbicas demandam devido sua condição outra organização, outra sociabilidade. Deve-se ter em mente, que as prerrogativas do patriarcado e machismo também sobrepõe a realidade dessas mulheres. Welzer-Lang (2001) ao demonstrar que o espaço é generificado, apontou que os ambientes fechados são voltados às mulheres, reproduzindo uma lógica conservadora, sendo essas a casa, o cabeleireiro, a sala da escola, etc. Por essa lógica, entende-se que essas imposições sociais priorizam o homem em detrimento da mulher.

Desta forma, as mulheres são obrigadas a desenvolver um papel de subserviência em relação ao homem. Nesse sentido, ao homem ou gênero masculino, cabe ser o provedor, chefe da família, o que trabalha fora e sustenta a casa; à mulher cabe ser um apoio ao homem, assim suas funções principais são a de esposa, mãe e dona de casa. Salienta-se que essas implicações partem da heterossexualidade, estendendo-se a lesbianidade, ou seja, a elas é imposto a

heteronormatividade, que tenta fazê-las reproduzir esse padrão. Assim, Choucair e Lopes (2017) preconizam:

“a heterossexualidade como uma norma valorada moral e culturalmente também é perceptível em outros níveis sociais, como nas interações cotidianas no âmbito das famílias, amigos, trabalho e escola – nos quais, muitas vezes, a homossexualidade é punida com rejeição familiar, estupros corretivos contra lésbicas, agressões físicas, agressões verbais, etc.” (CHOUCAIR e LOPES, 2017; p. 60)

Observa-se assim, que a imposição heteronormativa as sujeitas lésbicas, ultrapassa a violência psicológica, mas avança sobre seus corpos. A violência sobre os corpos lésbicos, é uma realidade que avança na crueldade para “corrigir erros”. Salienta-se que diferentemente dos gays, onde muito da violência contra seus corpos ocorrem na rua, as lésbicas possuem na casa, no âmbito familiar suas maiores fontes de agressão, incluindo o estupro corretivo que frequentemente parte dos próprios pais, tios e irmãos.

O papel de subserviência e a constante ameaça a seus corpos, dificultou para que as mulheres se tornassem autônomas, donas de si. Em relação à sexualidade, o tempo foi ainda maior. O movimento lésbico se organizou enquanto tal, apenas nos anos 1950, submergindo ao cenário de lutas por liberdade e direito juntamente com outros movimentos que aconteciam em simultâneo. Vê-se assim, quão recente é a organização e a consequente socialização delas fora dos espaços específicos. Deve-se ater que encontros sempre ocorreram, mas são de maneira que o grande público pudesse saber para que determinado lugar servia. Alguns países possuem uma maior liberdade sexual, a exemplo da Bélgica, especialmente na cidade de Bruxelas onde em meados dos anos 2000 possuía uma pulsante cena noturna lésbica.

Nessi e Lens (2018) ao estudar a sociabilidade lésbica em Bruxelas, afirma que ela atualmente já não é mais como foi outrora. As autoras afirmam, que os espaços voltados a elas hoje já não estão mais presentes nos circuitos de festas e lazer da cidade, visto que eles foram fechando um-a-um à medida que o público frequentador diminuía. O destaque das autoras está no fechamento de espaços como bibliotecas e livrarias, que fizeram parte do movimento de luta delas, bem como serviam como ponto de encontro. Nesse sentido, as autoras apontam que:

“um declínio significativo em locais, em oposição a noites dedicadas, para mulheres (queer, bi, lesbian, trans, cis etc.) em Londres, Manchester e Bristol. [...] homens gays frequentemente superam pessoas de outros gêneros e sexualidades; e como há uma falta de espaços e lugares para pessoas LGBTQI BAME (negros, asiáticos, minoria étnica, Nda]/queer, trans, intersex, Pessoas de Cor” (NESSI e LENS, 2018, p. 167; Apud CAMPKIN et al, 2016, p. 25).

Observa-se assim, que há uma reestruturação em relação aos espaços lésbicos, fecham-se lugares e aumenta o número de noites dedicadas a elas. Três argumentos são tidos como resposta ao fechamento dos lugares exclusivos para mulheres lésbicas: o primeiro sobre as questões econômicas, afirmando que os ganhos salariais entre gêneros, tornam as lésbicas menos rentáveis em relação ao público gay; o segundo motivador é a instituição “família”, as lésbicas tenderiam a formar família com maior frequência, ter filhos e se casarem; o terceiro possível motivador seria a tendência a não segregação, nesse sentido, as lésbicas tenderiam a frequentar mais lugares queers ou mistos. (NESSI e LENS, 2018; Apud STEIN, 2010 e JD SAMSON, 2009)

Os argumentos sobre o fechamento dialogam entre si, visto que ao se formar uma família concentra-se os gastos nela. E pela mesma lógica, passa a ser necessário que elas vão a lugares onde seus filhos podem circular livremente. A sociabilidade lésbica no Brasil, possui essa característica em relação à família. Percebe-se nas lésbicas que diferentemente dos gays elas não desejam a autosegregação, ou seja, ter espaços exclusivos para sua sociabilidade não é um item de primeira necessidade como para homens. Não há também o desejo a obscuridade dos lugares precários, nem mesmo a marginalidade do sexo em locais públicos.

Alguns autores como Lacombe (2007), Gallas e Reis (2016) e Araújo (2019) debatem sobre a sociabilidade lésbica, um ponto em comum é a versatilidade dos lugares. Destaca-se, que os lugares por elas frequentados não restringem o acesso de pessoas com outras sexualidades e identidades. Elas são maioria nesses espaços, porém, não são só elas que o frequenta. Estudando o centro do Rio de Janeiro, Lacombe (2007) nos apresenta a sociabilidade lésbica a partir do bar “Flôr do André”. Para o autor, o número elevado de lésbicas que frequentam o bar, o caracteriza como um espaço de sociabilidade delas, sendo amplamente conhecido por isso.

Circula pelo Flôr do André em sua maioria lésbicas e homens heterossexuais. Lacombe (2007; p. 209) debate que essas antagônicas identidades convivem em harmonia, uma relação pacífica. Para o autor, dois pontos se destacam no bar: o primeiro é o poder aquisitivo baixo das frequentadoras; o segundo ponto é a segurança percebida pela autora, visto que relações homosociais e homoeróticas acontecem no local sem nenhum problema. Nesse sentido, percebe-se que há uma aceitação das diferentes formas de ser neste bar.

Em proximidade com Lacombe, Grasielly Sousa Araújo (2019) nos apresenta a cena pernambucana de sociabilidade lésbica. Analisando de forma a dialogar com questões econômicas e sociais das lésbicas, a autora nos mostra a quão variada é a cena noturna LGBTQIAP+ de Fortaleza (Ceará). Ela propõe uma distinção da cena de Fortaleza, onde “os

bares do bairro Benfca e as boates ao redor do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura” são os locais de sociabilidade de todo o grupo, tendo a predominância gay; os locais direcionados e majoritariamente de lésbicas são os bares “Damas de Paus” e “Varandão da Vila” no bairro Vila Peri e o “Canto dos Babados” no bairro Carlitos Pamplona. (ARAÚJO, 2019; p. 10)

Essa distinção compara onde se concentra os ambientes gays, demonstrando assim a periferização dos lugares de sociabilidade lésbica. A localização está interligada aos fatores econômicos, culturais e sociais delas. Araújo (2019) aponta, que predominantemente nesses bares frequentam mulheres acima dos 30 anos, da classe baixa e média, que curte músicas como sertanejo e forró, e são apreciadoras de shows ao vivo. A autora ainda pontua que há nesses bares a presença comum dos filhos delas. Salienta-se, sendo normal lésbica ter filhos, fruto de relacionamentos heterossexuais anteriores ou até mesmo de métodos como inseminação e fertilização. Nessi e Lens (2018), Araújo (2019) quando debatem as questões geracionais, acordam que as lésbicas mais jovens pouco frequentam esses espaços voltados a suas vivências, segundo as autoras as pessoas mais jovens preferem circular em espaços queers ou gay-friendly

Apresentando outra realidade, Gallas e Reis (2016) apresentam um estudo onde observam a sociabilidade de uma mulher lésbica com maior poder aquisitivo. Nessa pesquisa antropológica, se destaca o peso do capital social e cultural que se sobrepõe as vivências desses sujeitos. Observa-se que ter uma formação, um nível de instrução elevado, retira ao pelo menos em parte, o estigma pejorativo que a lesbianidade enseja sobre o sujeito. Demonstra-se que estar em uma posição elevada possibilita que essas mulheres possam sociabilizar com maior segurança. Denota-se ainda, que diferentemente dos casos acima mencionados, mulheres lésbicas de classes superiores preferem frequentar lugares mais exclusivos ou particulares.

Observa-se, que em diferentes contextos tem-se variadas formas de se socializar. Porém, em todos os contextos o bar se destaca por ser o principal ambiente onde elas se socializam, de Bruxelas a Fortaleza, e no Rio de Janeiro o principal lugar delas são os bares. Denota-se ainda, que aparentemente não sentem a necessidade de um lugar exclusivo, visto que seus principais espaços possuem uma pluralidade de sujeitos. Nesse sentido, percebe-se que os lugares exclusivos delas estão se tornando cada vez mais escassos, tendo vista que elas circulam por todos os espaços.

Tendo o fechamento dos espaços em vista, algumas estratégias são feitas para manter o ar de união do grupo lésbico. No caso de Bruxelas, houve a criação na Rainbow House (Casa do Arco-Íris), que é uma pequena rua onde se localizam inúmeros bares LGBTs onde festas temáticas ocorrem durante o ano. Criou-se nessa rua um dia especial dedicado ao público lésbico, tendo adesão de bares e restaurantes que criaram inclusive cardápios exclusivos a esse

público, além do “L-Festival (Festival Lésbico Inclusivo), Elles Tournent (festival de filmes realizados por mulheres) ou Pink Screen (festival de cinema queer)”. (NESSI e LENS, 2018; 167)

Outra forma de conservar o público lésbico cativo, é manter uma certa “higiene moral”³ nos bares e espaços que elas frequentam. Nóbrega (2021) descortina que o lazer e o bem-estar das mulheres lésbicas não consideram somente elas, mas também seus filhos e família. Segundo a autora, deve-se pensar na sociabilidade lésbica para além das festas e das baladas, visto que elas constroem para si uma rede de afeto entre elas e com o mundo. Observa-se que as formas de relacionamento, a constelação familiar e as formas de se divertir são distintas das outras frações do grupo LGBTQIAP+, assim sendo necessário que elas formem espaços únicos e singulares para se socializar.

As travestis e transsexuais (masculinos e femininos) apresentam outra forma de sociabilidade, distinguindo dos gays e das lésbicas. Destaca-se, primeiramente, que a relação desses sujeitos com a sociedade é mais perniciososa a seus corpos, o que reflete nas formas em que irão se relacionar com os outros sujeitos e o lugar. Observa-se, que há sobre seus corpos um projeto de adequação voltados a heteronormatividade, que tem efeitos significativos em suas vivências coletivas. Denota-se que o processo de identificação desses sujeitos é mais complexo, visto que tanto a sexualidade quanto a identidade de gênero são questionadas no caminho até o entendimento de si. Este processo é cruel e pernicioso a vida dessas pessoas, e muitas vezes a família, os entes e amigos próximos se tornam seus algozes.

Para compreender a sociabilidade desta parcela do grupo, faz-se necessário uma subdivisão em vista da especificidade de cada subgrupo. Assim falaremos a priori das travestis e transsexuais femininas e a posteriori dos transsexuais masculinos. Débora Lee (2013) em um relato de vivência, pontua a perniciosidade que é ser uma travesti, no sul do Brasil. O espaço familiar, a casa é o primeiro espaço interdito do qual Lee verbaliza, recordando de que havia muito preconceito quanto a ela. Para Lee são formas de preconceitos por ela sofrido em âmbito familiar, o primeiro corresponde a aceitação dela (ainda se identificando como ele) enquanto um homossexual, onde ela sofria preconceitos, mas com parte da família ainda a aceitando; o segundo momento é o da ruptura com grande parte da família, pelo fato dela externalizar a sua identidade trans, sendo esse um momento não só de preconceito, mas de discriminação.

³ “Higiene Moral” aqui é posto com o intuito de dimensionar esses espaços como livre de condutas sexuais explícitas, lugares onde não só as lésbicas frequentam, mas também possibilita que a “família tradicional nuclear” possa também acessar esse ambiente. Pontua-se assim, que esses espaços são formados para que se absorva um público vasto, visto que muitas mulheres lésbicas possuem filhos e habitualmente eles frequentam os mesmos lugares que suas mães frequentam.

Fernanda Riquelme (2013) ao contar sua trajetória, afirma que sua vivência familiar foi cercada de preconceito, sendo inclusive obrigada a frequentar um colégio interno masculino, com o propósito de adequá-la a heteronormatividade. O internato, segundo ela, não teve o efeito esperado por sua família, ao contrário a experiência naturalizou o sexo homoafetivo, pois no colégio era recorrente essas relações, inclusive com os superiores. O livro “Geografias Malditas” traz esses e outros relatos de travestis e transsexuais que expõe suas vivências diante a sociedade da qual estamos inseridos. Percebe-se nos discursos, a baixa presença ou inexistência do lazer, nos fazendo pensar na pouca relevância que essa área possui em suas vidas.

É imprescindível entender, que o preconceito e a discriminação por elas sofridas são maiores e mais violentos quando comparados a gays e lésbicas, por exemplo. A afirmativa é corroborada pelos dados sobre a violência sobre o grupo, onde travestis e transsexuais são o subgrupo que mais são violentadas e mortas no país (GGB, 2021). De tal forma, que pensar na sociabilidade demanda delas a quebra da barreira social imposta sobre seus corpos, visto que elas são consideradas seres “abjetos”. Nesses termos, muitos são os lugares onde esses sujeitos são proibidos de frequentar, os chamados espaços interditos (SILVA e ORNAT, 2010), sendo proibidas através da força, ou através de questões subjetivas nas relações que ocorrem ali, colocando-as em um lugar de constrangimento.

O machismo e o patriarcado transformaram seus corpos em abjetos, ou seja, assemelha-se a objetos, sem vida, sem alma, anormais, malditos. Essa conceituação apresentada por Butler (1990), nos aponta o caminho para se pensar as vivências delas e a relação delas com o espaço, logo visto, que objetos não possuem direitos, o lazer é um deles. Desta forma, a sociabilidade delas está vinculada primeiramente a sobrevivência delas e a posteriori diversão. Um dos caminhos a sobrevivência delas é a prostituição, talvez o mais emblemático deles, visto que é amplamente debatido e visualizados nas cidades brasileiras. É nesses locais que se inicia o processo de sociabilidade delas, sendo parte de seu processo de formação enquanto ser humano, auxiliando no processo de entendimento de si. (SILVA e ORNAT, 2010)

Azevedo (2021) ao refletir sobre os lugares desse subgrupo, aponta que a problemática não está somente na formação de espaços, mas sim nas próprias relações que ocorre no grupo. Segundo a autora, as demandas do patriarcado e machismo exercem forças sobre o relacionamento entre elas, dificultando assim que elas se agrupem. Desta forma, Azevedo afirma:

“as reações aos estigmas se contextualizam a partir da sociedade que nós, travestis, nos inserimos. Assim como as mulheres cis são refém de um sistema patriarcal, machista, sexista e heteronormativo que as põem inconscientemente em rivalidade entre si, o mesmo pode ser dito com as travestis. Os contextos sociais e políticos de mulheres cis e trans por vezes se distanciam, por outras se aproximam. A noção de sororidade, ou seja, a união, amizade e empoderamento coletivo das mulheres, pode ser encarada como forma de resistência tanto das mulheres cis quanto das travestis, frente a um sistema que impõe uma rivalidade mútua e que molda drasticamente as redes de sociabilidade construídas.” (AZEVEDO, 2021; p. 246)

Observa-se que permeado a suas vivências está a compatibilidade com a mulher cisgênero, assim a competitividade feminina é transferida a suas experiências enquanto grupo. A competitividade entre elas fica claro na formação dos territórios de prostituição, do qual as que mais se destacam em beleza, em força física, social e econômica são as que se sobressaem, dominando-o, comandando-o, formando hierarquias institucionais do espaço. (NIKARATY, 2013)

Apesar de toda a negação a sociabilidade das travestis e transsexuais, Azevedo (2021) demonstra que há a ocorrência de agrupamentos que visam a sociabilidade e o lazer. A partir do município de Mossoró (Rio Grande do Norte), a autora aponta que existem dois grupos de travestis que se socializam para o lazer, sendo eles: “As Bratz” e as “As Macabras”. Esses são dois grupos de travestis e transsexuais amigas que são acostumadas a sair juntas para curtir a noite mossoroense (AZEVEDO, 2021; p. 246). Observa-se nos grupos de travestis que elas não possuem um espaço definido, um lugar específico para se socializar. O que demonstra a dificuldade que elas têm de se agrupar, e pior, de superar a barreira econômica e criar espaços e lugares que sejam voltados aos interesses delas.

Os transsexuais masculinos, também são alvos da dinâmica social que exclui e segrega esses corpos discordantes. Santos e Ornat (2018) ao fazer um estudo sobre o município de Ponta Grossa (Paraná), apontam que para esses sujeitos a ocupação de espaços, e sentir-se pertencentes aos lugares que ocupa, são fatores importantes em suas relações, visto que os lugares possuem significados únicos para eles, em detrimento de outras vivências. Assim como ocorre com as travestis e transsexuais femininas, eles também são tidos como abjetos, precisando assim superar as barreiras subjetivas da sociedade e ter espaços interditos a sua circulação.

A partir de quatro entrevistas feitas com homens trans, Santos e Ornat (2018) propõe a análise das vivências espaciais desses sujeitos, através das evocações espaciais em seus discursos. Segundo os autores, os espaços mais evocados foram: os espaços educacionais (escola, universidade), corpo, casa, empresa, cidade, hospital, igreja, ONG e a rua. Desta forma, percebe-se que há uma variabilidade de espaços onde eles frequentam ou frequentaram em

algum momento. Denota-se que não há espaços de lazer, nem tão pouco de coletividade delas que vai além das ONGs, isso nos indica a exclusão delas de espaços comuns de diversão e lazer.

Ávila e Grossi (2010) apresentam outra perspectiva sobre esses sujeitos, apontando há dificuldade que eles têm de adentrar aos espaços do universo masculino. Adentrar ao mundo masculino pode e é pernicioso a esses corpos. Retomando ao estudo de Choucair e Lopes (2017), pode-se compreender que a lógica que incide sobre a sociabilidade das lésbicas, incide também nas vivências dos homens trans. Desta forma, estupros corretivos, exclusão familiar e social, entre outras, são alguns dos modelos de agressão que incide sobre esses sujeitos.

Martin Ignacio Torres (2020) num estudo que procura desvendar como ocorre a experiência de oito homens trans em Santiago (Chile), aponta que os homens trans nessa sociedade são dirigidos a exercerem o papel de masculinidade. O autor descortina, que o fato de serem homens trans os coloca socialmente em uma posição de paridade com o homem hétero cis, assim é obrigatório que eles desempenhem o papel social do homem. Neste mesmo sentido, Kath Browne (2016) aponta em seu estudo sobre as “geezer-bird” (mulher-homem) mulheres lésbicas masculinizadas, são alvos dessa obrigatoriedade de desempenho masculino. Podendo ser muitas vezes impedidas de acessar espaços femininos, como banheiros por serem muito masculinas.

Ao pensarmos na sociabilidade do grupo percebeu-se que as boates e bares que são voltados ao público LGBTQIAP+ ou gay-friendly, são abertos a toda e qualquer identidade, sexualidade e gênero que possa compor o grupo ou estar fora dele. Um segundo ponto é sobre os lugares exclusivos, como as saunas e bares que são direcionados aos gays, nesses lugares a exclusividade é conforme o gênero, sendo assim homens trans também podem frequentar esses espaços. Observa-se, que há uma multiplicidade de lugares onde a sociabilidade desses sujeitos ocorre. Certo é, que a relação de cada subgrupo com a sociedade demarcará a forma do qual as relações sociais irão acontecer.

Seus corpos são docilizados. Para Cortés (2008), todo o grupo está subordinado a uma lógica que mina a representatividade dos corpos dissidentes dos lugares comuns, e dos ambientes de poder. Nesse sentido, o lugar de ocupação desses corpos são os lugares degradados, com pouco valor ao sistema econômico, onde se relacionam com outros sujeitos que são considerados escória do mundo, como traficantes e prostitutas. Esses são os espaços dóceis, espaços onde a “família tradicional nuclear” não tem acesso, e talvez o principal, locais onde naquele momento não é interessante ao circuito econômico hegemônico.

Desta forma, observa-se a partir de autores como França (2006), Barreto (2010), SOUSA (2019) e Azevedo (2021) o quão periféricos social e/ou geograficamente os lugares de

sociabilidade do grupo são. Há de se demarcar, sobre a reflexão aqui imposta que os sujeitos do grupo vivem sobre a lógica machista e patriarcal da sociedade, fundamentalista e de moral cristã. Essas imposições sociais por si só delimitam as vivências desses sujeitos, configurando seus caminhos e espaços. Ainda há, como elemento interventor nas relações, o capitalismo e as dinâmicas produzidas por ele.

Observa-se assim, que o poder do capital perpassa as concepções moralistas na busca do lucro. Assim cria-se espaços dedicados ao atendimento deste público, visto que eles são consumidores como qualquer outro grupo. França (2006) demonstra que as boates em São Paulo são lugares voltados ou turismo do grupo na cidade, fazendo parte de um sistema econômico maior do que a cena local do grupo LGBTQIAP+.

3 UBERLÂNDIA ATRAVÉS DA DIVERSIDADE SEXUAL E IDENTITÁRIA

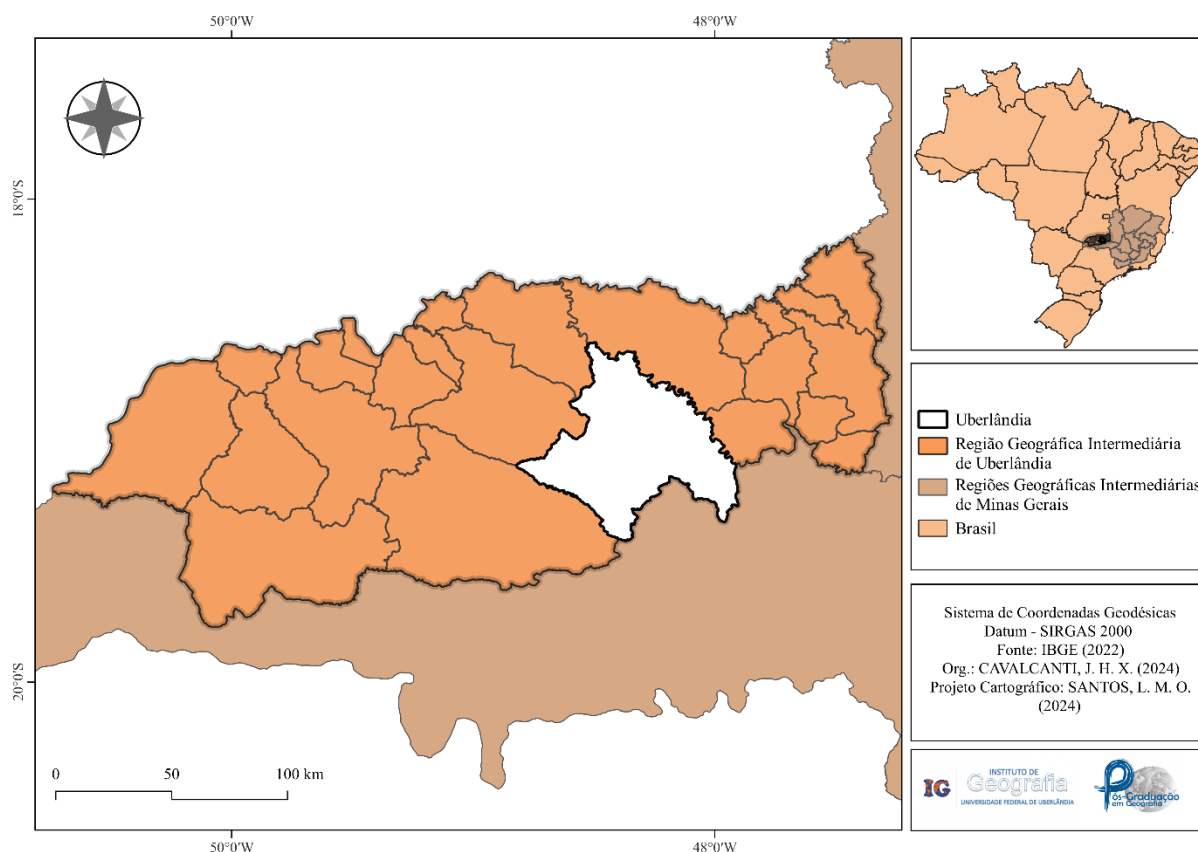
Por mais complexa que seja a vivência dos sujeitos LGBTQIAP+ no Brasil e a formação dos seus lugares, alguns municípios se mostram prolíficos a suas vivências, experiências, formas de ser e estar, e se relacionar com o espaço, é o caso de Uberlândia. Esta cidade, se tornou na região referência as pessoas do grupo, com seu crescimento econômico e social expandiram-se também os ambientes dos quais o grupo pode se reunir, construindo lugares ampliando sua sociabilidade.

Uberlândia (mapa 1) é um município da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba em Minas Gerais, possui segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, 713.232 habitantes. O mesmo órgão divulgou que no ano de 2021, o Produto Interno Bruto (PIB) da cidade foi de R\$ 43,1 bilhões (IBGE, 2023). É um grande polo comercial, industrial, de ensino superior e profissionalizante, de saúde além de ser um amplo centro de distribuição e logística de todo o país. Segundo Bessa (2005) seu desenvolvimento ocorreu no mesmo período que outras cidades de mesmo porte, tendo como bases a produção agropecuária, industrial, do comércio e serviços.

A implementação de infraestruturas que propiciaram o desenvolvimento e a modernização do município, como a implementação de sistemas de engenharia do transporte e das telecomunicações. Desta forma, segundo Mota (2019) Uberlândia se encontra inserido na lógica da culturalização a partir das megaestruturas que são construídas para se atrair investimentos, esvaziando a cultura local. São shoppings, loteamentos, condomínios e outros que provocam o processo de gentrificação na cidade, assim:

“complexos comerciais como o Center Shopping no setor leste e o Uberlândia Shopping no setor sul auxiliaram para que novas centralidades fossem criadas, junto com equipamentos públicos de grande impacto como o Centro Administrativo de Uberlândia, a Universidade Federal de Uberlândia e demais instituições que agregam valor e trazem desenvolvimento a essas regiões.” (MOTA, 2019; 42)

MAPA1: UBERLÂNDIA – MG: MAPA DE LOCALIZAÇÃO



Fonte: IBGE, 2022.

Organização: CAVALCANTI, J. H. X. (2024)

Geograficamente Uberlândia se encontra em uma localização privilegiada, pois está em um entroncamento ‘aéreo-rodoferroviário’, fazendo deste um local de fluxo alto de pessoas e mercadorias, ligando-se às principais cidades brasileiras. Possui ligação direta com centros maiores e portos de escoamento de mercadoria, tendo inclusive uma estação aduaneira (Estação Aduaneira Interior-Eadi de Uberlândia) de importação e exportação. Destaca-se que a localização somada a ampla infraestrutura permitiu o estabelecimento e desenvolvimento da agroindústria e, sobretudo, do comércio atacadista e distribuição. (BESSA, 2005; p. 276)

A área central de Uberlândia é o local de concentração de atividades comerciais varejistas como os calçados e confecções, de instituições financeiras, escritórios, de consultórios médicos e odontológicos, e outras. Segundo ALVES (2011, p. 196), esta região é de intenso fluxo comercial, de pessoas e informações, tendo o seu ápice no bairro Centro, nas proximidades da “Praça Tubal Vilela, nas avenidas Afonso Pena e Floriano Peixoto, onde é expressiva a concentração de atividades mais valorizadas, ligadas às finanças e à gestão.”

A análise feita por Alves nos apresenta ainda alguns dados interessantes como áreas especializadas, ou seja, há entre o núcleo central e os bairros residenciais circunvizinhos a

presença desses arranjos comerciais especializados no comércio de um determinado tipo de mercadoria. Estando então localizados na “zona periférica do centro” a autora identifica o comércio de acabamentos e construção civil; comércio de colchões, móveis e decoração de interiores; comércio de tecidos, confecções aviamentos e costurarias; comércio e serviços automotivos; serviços de saúde, como as principais especializações. (ALVES, 2011)

Estas características possibilitaram não só o desenvolvimento econômico, mas cultural e social da cidade. Neste intermeio, a cultura e os espaços de entretenimento dos LGBTQIAP+ começam a ganhar destaque local e regional exercendo uma força centrípeta na região, servindo de pontos turísticos para aqueles que buscam essa forma de entretenimento (FREITAS e PORTUGUÊS, 2015). Certamente, os anos 2000 foi o período de maior proliferação no debate sobre existência e direitos, bem como na sociabilidade desses indivíduos. Davi (2011) aponta que os lugares que visavam o atendimento desse público se tornaram mais comuns, sendo importantes instrumentos para o reconhecimento desses sujeitos enquanto cidadãos, colocando-os em evidência, criando-se assim uma vertente do comércio especializada no grupo. O autor afirma que:

“o incremento no comércio gay favoreceu a visibilidade da homossexualidade na cidade. Sob o patrocínio de alguns empresários, realizou-se em 2002 e 2003 as primeiras paradas do Orgulho Gay na cidade que hoje se encontra na sua 8ª edição. Também surgiu uma imprensa alternativa que divulga notícias sobre o meio LGBT uberlandense.” (DAVI, 2011; p. 153)

Observa-se assim, que o grupo criou espaços, ocupou lugares que vão além do lazer, inserindo-se no comércio, possibilitando o financiamento de eventos como é o caso das primeiras paradas da diversidade. Esta é uma situação atípica, visto que o comércio LGBTQIAP+ se destaca nas áreas de lazer e turismo. Sendo o lazer o mais proeminente, pois em toda cidade pode haver estabelecimentos que abarque essa demanda.

Ao refletir sobre esses espaços em Uberlândia, Bruno de Freitas (2016; p. 81) apresenta um estudo sobre as territorialidades do grupo. O autor revela que há na cidade a presença de um gueto LGBTQIAP+ no setor central, onde se concentram os espaços de sociabilidade do grupo, seja para práticas sexuais ou para encontros e lazer. Ele identifica duas saunas nesta área (Sauna 171 e Sauna Up), quatro bares ou pubs (185, Flag Pub, 110, Club Belgrano) e três boates (Weekend Club, F5 Pub, Velvet Club).

Sobre o lazer no centro, percebe-se que há uma proximidade entre os estabelecimentos. A praça Rui Barbosa (Praça da Bicota) é certamente o local de maior concentração de bares e pequenos pubs. Nas adjacências há av. Floriano Peixoto entre a rua Goiás e a Praça Tubal

Vilela; na rua Goiás entre as praças da Bicota e Adolfo Fonseca e na Av. Afonso Pena entre a rua Goiás e a Praça Clarimundo Carneiro. Nesta região há uma presença significativa de bares, boates, pubs e restaurantes. Destaca-se que devido à alta presença de pessoas no período noturno algumas lanchonetes funcionam 24 horas nos fins de semana.

Salienta-se que os espaços de lazer distribuídos nessas ruas e praças, atendem a todos os públicos. Assim, o centro possui um papel fundamental na sociabilidade das pessoas em Uberlândia. Denota-se por Alves (2011) que essa área há a predominância do comércio em detrimento da moradia, que segundo ela se localiza na zona periférica do centro, nos bairros circunvizinhos. A respeito dos sujeitos LGBTQIAP+, o estudo “O perfil socioeconômico e demográfico da população LGBTQIA+ de Uberlândia-MG”, produzido por Nogueira, Paiva e Cabral (2022), nos mostra que efetivamente os sujeitos que compõe esse grupo não moram no centro.

O estudo é descrito como um censo demográfico, tendo em vista que o feito pelo IBGE em 2022 não levou em consideração as questões de sexualidade e identidade de gênero em seu questionário. Segundo os dados obtidos pelo estudo, as regiões de maior concentração de pessoas LGBTQIAP+ são os setores leste e sul da cidade. No primeiro se concentra a maior quantidade de indivíduos nos bairros Santa Mônica, Tibery e Umarama, no segundo setor os bairros Shopping Park e Chácaras Tubalina são os com maior centralização. Santa Mônica é o bairro de maior concentração entre todos, assim ao relacionarmos a concentração desses sujeitos no bairro, com a idade, maioria entre 18 e 24 anos; e os dados sobre empregabilidade com alto índice de estudantes, infere-se que o agrupamento no local se dá pela presença da universidade. (NOGUEIRA, PAIVA e CABRAL, 2022)

Souza (2009) aos estudar os subcentros de Uberlândia, aponta o bairro Santa Mônica como um dos principais. Ele fica a um quilômetro do centro (em linha reta), nele está localizado o centro administrativo da cidade (Câmara Municipal e Prefeitura), bem como o Center Shopping (efetivamente localizado no bairro Tibery, mas na divisa com o Santa Mônica) e a Universidade Federal de Uberlândia. Segundo a autora, a universidade é a instituição que deu início ao desenvolvimento do bairro, com a criação e instalação dela em 1978 foi progressivo o processo de expansão urbana, e com a posterior construção do shopping e do centro administrativo acelerou-se esse processo.

Essas instituições promovem no Santa Mônica um fluxo alto de pessoas. No subcentro, o comércio é dinâmico possuindo um alto índice de atividades terciárias concentradas principalmente nas avenidas “que cortam o bairro no sentido leste-oeste (Salomão Abrahão, Ortízio Borges, Belarmino Cotta Pacheco, Segismundo Pereira, Ana Godoy e Dr. Laerte

Gonçalves)” (SOUZA, 2009; p. 172). Destaca-se também o número elevado de locais de lazer como bares, boates e pubs, sobretudo, as av. Belarmino Cotta Pacheco e av. Segismundo Pereira que concentram boa parte desses empreendimentos, inclusive os LGBTQIAP+.

Ao relacionarmos os locais de sociabilidade LGBTQIAP+ e a moradia, percebe-se que apenas o bairro Santa Mônica demonstra significativa presença desses sujeitos. Porém, a área central se apresenta mais atraente à formação desses espaços, pois possibilita uma maior privacidade e liberdade àqueles que desejam esses serviços, a paisagem noturna possibilita isso (MOTA e LAURENTIZ, 2019). Esses empreendimentos impactam o entorno de forma direta, não só pela movimentação de pessoas, mas também porque ruas e becos servem para diferentes usos, assim:

“a rua então vira boate, o banheiro ou a ruela se transformam em motel, e as pessoas se sentem encorajadas a se impor na cidade, auxiliadas pelo agrupamento e pertencimento de pessoas semelhantes. A exploração dos mais variados sentidos da cidade por um grande número de pessoas é dessa forma visibilizada espacialmente, criando contatos com passantes de diferentes planos de fundo.” (MOTA e LAURENTIZ, 2019; p. 58)

Desta forma, a sociabilidade não ocorre somente no local, dentro e fora dele são construídas relações afetivas e, até mesmo sexuais entre os sujeitos que ali circulam. Além das várias formas de lazer encontradas, essa dinâmica na área central possibilita o encontro com pessoas que não são oriundas da cidade. Por ser um lugar turístico para o grupo em Uberlândia, é possível que sujeitos de diversos lugares do país se encontrem e se relacionem. Esses espaços são feitos para se ter uma experiência completa da cultura do grupo, sendo através das festas ou das práticas sexuais. Os autores acrescentam:

“a própria espacialidade contida e labiríntica das baladas de Uberlândia é um dos fatores a potencializar a experiência de seus usuários em gênero, sexualidade e sexo. Desde os mais antigos dark rooms até os mais ordinários banheiros públicos, os lugares escolhidos para a apropriação de pessoas com intenções intimistas ou sexuais são em sua maioria encurralados, escuros e reservados.” (MOTA e LAURENTIZ, 2019; p. 58)

Denota-se assim, que há segundo os autores, uma relação direta entre o estabelecimento e o espaço que o rodeia, visto que sua localização é estratégica e propositalmente organizada de forma a ampliar a intimidade entre os sujeitos.

Há em Uberlândia uma variedade de formas de lazer e sociabilidade, porém, é visível que há uma estratificação dos sujeitos que compõe o grupo. Nogueira, Paiva e Cabral (2022) apontam em sua pesquisa, que há uma maior proporcionalidade de gays e bissexuais na cidade.

Quanto a raça, os autores afirmam a existência de uma maioria de LGBTQIAP+ brancos. Correlacionando esses dados, percebe-se que há uma hegemonia de pessoas do sexo masculino e brancas. Este retrato dialoga com os espaços que são criados, pois, em sua maioria servem o atendimento deste recorte, visto que são os que possuem maior poder aquisitivo.

Sobre a idade dos sujeitos LGBTQIAP+, Nogueira, Paiva e Cabral (2022) apontam que majoritariamente os sujeitos possuem entre 18 e 24 anos. Os indivíduos entre 25 e 30 anos constituem o segundo grupo com mais pessoas, porém a discrepância entre o primeiro e segundo é significativa. Por conter muitas universidades, acredita-se que esse declínio ocorre devido à migração feita por jovens que se mudam para cidade com fins educacionais, e ao final voltam para seus locais de origem. Relacionando aos dados da espacialização de moradias, visualiza-se que eles estão concentrados nos bairros onde se localizam dois dos principais campus da UFU, o Santa Mônica e Umuarama.

Destaca-se também, os lugares Gay-Friendly. Estes são espaços de não discriminação. Nesse sentido, faz parte dos ideais do estabelecimento o atendimento universal, onde todos os sujeitos são tratados como iguais. Esses ambientes não são construídos especificamente para o atendimento do público LGBTQIAP+, mas o absorve com facilidade, promovendo assim a convivência entre pessoas de diferentes sexualidades, gêneros e identidades de gêneros de maneira pacífica. Há a explicitação de regras que promovem o respeito às mulheres, aos LGBTQIAP+, se colocam contra o racismo, entre outras, que organizam o estabelecimento e garantem civilidade e segurança aos frequentadores.

Menciona-se, que a cidade é palco de avanços e de retrocessos constantes nas pautas e na vida dos sujeitos LGBTQIAP+. Há na cidade a Parada da Diversidade que já se encontra em sua 21ª edição em 2023, ocorreu em 19 de novembro, percorrendo um trajeto simbólico que vai da concentração na Praça Clarimundo Carneiro até o fim da caminhada na Praça Sérgio Pacheco. Shows musicais, apresentações artísticas e culturais, e discursos políticos de grupos e ONGs ocorreram em prol dos direitos do grupo. A parada se encontra no calendário oficial do município desde 2015. Há assim, o apoio e auxílio de órgãos municipais que com parte de financiamento e estrutura ajudam na efetivação deste evento.

Mesmo com avanços na luta e direitos, há ainda na cidade muitas barreiras ao grupo. Em seu estudo, Rezende (2020) demonstra que os LGBTQIAP+ de Uberlândia ainda possuem grande dificuldade de se estabelecer no mercado de trabalho. A autora verbaliza que esses sujeitos enfrentam barreiras para se adentrar e permanecer no mercado de trabalho devido ao preconceito institucionalizado na sociedade. Nesse sentido, os indivíduos que adentram esse espaço preferem permanecer calados sobre sua sexualidade, pois tem medo de sofrer

discriminação e preconceito. Assim o empreendedorismo se abre como uma alternativa, já que assim não possui superiores e colegas inconvenientes.

O local de trabalho é apenas um dos espaços em que esses problemas são evidentes. A violência direta e indireta perpetrada sobre seus corpos também são uma realidade. Assim no estudo de Nogueira, Paiva e Cabral (2022) 44% do total de entrevistados mencionaram que já sofreram alguma forma de violência em Uberlândia, apenas por serem o que são. Agressão física e verbal, violência psicológica, homofobia, bullying e invalidação da identidade de gênero são os ataques mais frequentes. Quanto aos locais, a casa (família), espaços públicos e escola/faculdade são onde majoritariamente as agressões ocorrem. Visualiza-se assim que efetivamente na cidade não há lugar completamente seguro.

Esses dados corroboram com as políticas e leis aprovadas pelas instâncias administrativas que se portam contra esses sujeitos na cidade. Nos últimos anos, vem se destacando o aumento de movimentos políticos que buscam abafar até mesmo criminalizar o debate de gênero, sexualidade e identidade de gênero, nos mais variados espaços. A expressão máxima dessa repressão foi a tentativa de efetivação da Lei Municipal 14.004/2023,4; onde se proibia o debate nas escolas de qualquer questão relacionada a gênero e orientação sexual de forma ideológica, impactando o processo educacional e a formação crítica dos alunos, reprimindo um debate essencial para o combate a LGBTfobia. (SINDICATO, 2023)

Salienta-se que em uma ação civil pública protocolada em 13 de julho pelo Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público (SINTRASP), acabou com a suspensão da lei no dia 17 do mesmo mês. Houveram em outras cidades e estados leis semelhantes que foram derrubadas pelo Supremo Tribunal Federal (SINDICATO, 2023). Observa-se assim, que o retrocesso na pauta e nos debates estão por todos os lados, sobretudo nas instâncias de poder que deveriam representar “o povo”, mas em grande medida os representantes das câmaras e congressos se portam como combatentes de questões que não existem ou são considerados inconstitucionais, como o caso da “ideologia de gênero”.

Uberlândia é uma cidade de destaque estadual e nacional. É de certa forma compreensível que os debates sobre as questões de gênero e sexualidade se aprofundem e ganhe grandes proporções. O alcance midiático e o capital político que a cidade possui, alçou nas últimas eleições vários representantes do município a cargos de grande relevância, como governadores e principalmente deputados. A Lei 14.004/2023,4 promulgada e sancionada este ano foi um retrocesso na luta por direitos. É visível a tentativa de minar os direitos e estabelecer na cidade um silenciamento das pautas e das questões que são importantes para a população

LGBTQIAP+, sendo massacrada anualmente graças aos seus ideais, sonhos, desejos e identidade.

Nesse sentido, compreende-se que Uberlândia é uma cidade dinâmica, economicamente forte, de amplo desenvolvimento social e cultural de seu povo. Compreender a espacialização dos lugares e compreender a sociabilidade dos sujeitos LGBTQIAP+ se faz importante devido sua pluralidade e unicidade no tempo e espaço, além de ser uma resposta àqueles que tentam subjugar e criminalizar vivências reais e legítimas em prol de seus ideais. No processo de produção da cidade mudam-se as formas e funções dos lugares, assim, descortinar e desmistificar esses espaços na atualidade serve como reforço a luta e demonstra efetivamente a existência deles.

3.1 Sobre lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ em Uberlândia

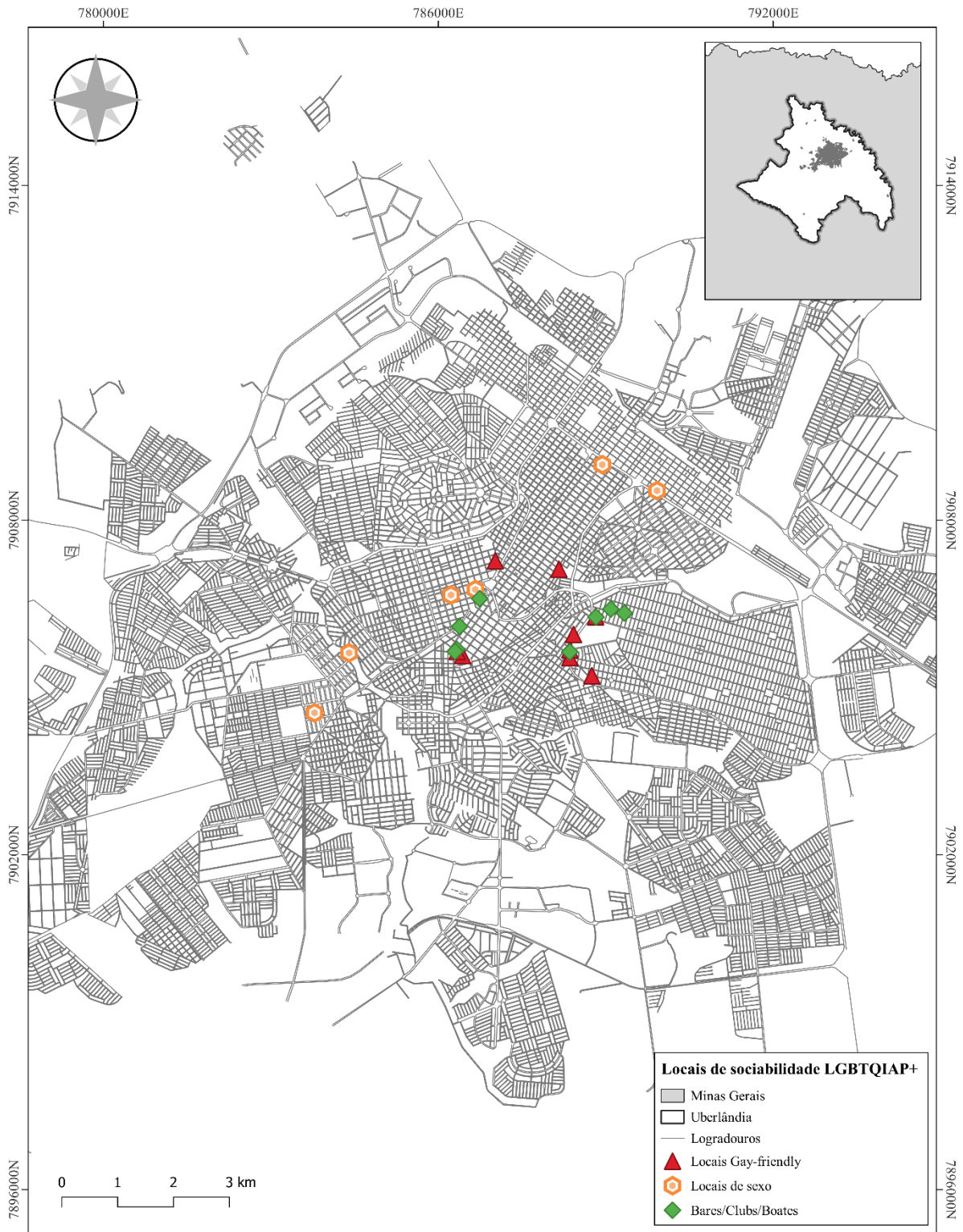
Davi (2011) ao apresentar um pequeno histórico sobre a organização do grupo LGBTQIAP+ em Uberlândia, anuncia que este se estruturou, já no início dos anos 2000, se estruturou de modo a formar espaços de acolhimento a todos que dele faz parte. Segundo o autor, havia representantes nos mais variados locais como o comércio, serviços, lazer e política. Hoje, 23 anos após, a organização não é mais a mesma, muito pelo seu próprio movimento, mas também pelo ininterrupto desenvolvimento da sociedade.

Observa-se que claramente em Uberlândia há movimentos voltados a esse grupo que buscam à sua maneira reivindicar direitos, respeito e seguridade às suas vivências no espaço. Há os que caminham através da política, movimentos de apoio social, de proliferação e divulgação cultural, entre outros. Contrapondo a todos esses, há ainda movimentos contrários que busca minimizar, limitar os direitos embasados por uma pretensa fé religiosa que através da política local formula leis discriminatórias. Esse embate político e cultural onde os LGBTQIAP+ estão inseridos promove mudanças em suas vivências, alterando assim toda a composição espacial dos lugares que frequentam.

Atualmente a espacialização dos lugares de sociabilidade foi modificado, espalhando-se pela cidade, não mais concentrado na área central. Para o levantamento dos espaços, utilizou-se de pesquisas nas redes sociais, blogs, sites e em jornais eletrônicos. Os principais instrumentos utilizados foram o Instagram e WhatsApp, em vista a escassez de informação sobre o tema em outros domínios. Conversas informais com outros LGBTQIAP+ também contribuíram para a descoberta de tais locais. Encontrou-se 25 espaços. Desta forma, entendendo que há diferenças nos locais, classificamos eles interseccionando três métricas,

sendo elas: o tipo de público, qual o modelo de sociabilidade e a sazonalidade dele. Chegou-se assim à seguinte tipologia: 1) Bares, clubs, pubs e boates; 2) lugares Gay-friendly; 3) lugares voltados ao sexo e 4) lugares sazonais (mapa 2).

MAPA 2: UBERLÂNDIA -MG: LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+



Projeção Universal Transversa Mercator (UTM)
 Datum - SIRGAS 2000/ Zona 22S (EPSG 31982)
 Fonte: IBGE (2021; 2022)
 Org.: CAVALCANTI, J. H. X. (2024)
 Projeto Cartográfico: SANTOS, L. M. O. (2024)



Fonte: IBGE, 2022.
 Organização: CAVALCANTI, J. H. X. (2024)

Observa-se no mapa que os locais estão distribuídos pela cidade. Porém, dois bairros concentram a maioria dos lugares, sendo eles o Santa Mônica com oito (8), e Centro com sete (7). Há ainda três (3) espaços no bairro Martins, dois (2) no Jaraguá, um (1) no Santa Maria, um (1) no Jardim Finotti, um (1) no Custódio Pereira e um (1) no Jardim Sul. Denota-se assim que um dos bairros, o Santa Mônica, concentra não apenas o maior número de lugares, mas também é um dos principais locais de moradia dos sujeitos LGBTQIAP+, conforme foi descrito por Nogueira, Paiva e Cabral (2022)

O primeiro tipo de lugar “Bares, Clubs, Pubs e Boates”, está concentrado apenas no Centro e no bairro Santa Mônica. Historicamente, esses locais caracterizam os LGBTQIAP+, sendo espaços de representatividade onde a sexualidade e as identidades de gênero não eram vistas como algo estranho, consolidando-se como ambientes de segurança. Foram nesses lugares que artes como a Drag Queen e a dança/cultura “Vogue” se desenvolveram, tornando-se parte do imaginário social do grupo.

Atualmente, em Uberlândia, temos School Bar e Etc., HollyUdi bar, La Biblioteca, Cecy bar, Casa Madalena, o Garage Pub & Lounge, F5 Club e Mamba Club. Esses são os bares e boates voltados ao grupo LGBTQIAP+. Destaca-se que no fim de nosso trabalho em dezembro de 2023, descobriu-se que as boates F5 Club e Mamba Club fecharam por tempo indeterminado. A comunicação ocorreu através de posts nas redes sociais dos estabelecimentos. Assim, seis dos espaços estão efetivamente em atividade, sendo dois no centro e quatro no bairro Santa Mônica. Dentre esses espaços, apenas a boate F5 Pub permaneceu em atividade no período pós COVID-19 e o consequente lockdown. Lugares antigos do grupo não sobreviveram aos efeitos desse período, encerrando suas atividades. O impacto da pandemia é significativo nesses ambientes, dada a proximidade e o contato das pessoas ao frequentar esses espaços.

Em um contexto geral, esses lugares apresentam características culturais significativas do grupo. O HollyUdi Bar (João Naves de Ávila, Santa Mônica), por exemplo, despontou em 2023 como um lugar LGBTQIAP+ por sediar o evento “Sunday Drags”. Esses eventos ocorriam uma vez ao mês e tinham a proposta de ser um evento de arrecadação de verba para a parada da diversidade da cidade. A arte drag queen é muito representativa e está cada vez mais alcançando um público maior através dos programas de televisão. Eventos como esses destacam uma arte centenária que também está presente na cidade, ampliando seu alcance ao público heterossexual, uma vez que o bar atende toda a sociedade.

O Cecy Bar localizado na R. João Velasco de Andrade, Santa Mônica, é outro destaque. É um espaço comandado por lésbicas. O bar apresenta uma estética específica, visto que há nesse espaço a frequência de pessoas de idades variadas, tem aparência de um estabelecimento

comum a qualquer outro bar heteronormativo. Porém, diferencia-se pelos adornos que o compõe, que facilita a sua identificação como LGBTQIAP+. A exposição de bandeiras e símbolos demarcam o lugar como um espaço de diversidade, exprimindo aos sujeitos pertencentes ao grupo que o frequenta a sensação de segurança e pertencimento.

São variados os eventos que ocorrem no Cecy Bar. Em 2022, o bar tornou-se referência para aqueles que desejavam assistir à Copa do Mundo de Futebol. Telões foram instalados no estabelecimento de forma que pessoas do lado de fora podiam assistir. Este ano (2023), na semana que antecede o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAP+ (28 de junho), o bar fez parte da semana de conscientização que antecede a principal parada da diversidade, a de São Paulo⁴. Dentre os eventos que o bar sediou esses são certamente os mais emblemáticos e com propostas de público e sociabilidade antagônicas.

Observa-se através desses bares a pluralidade nos espaços. Ambos se encontram no bairro Santa Mônica, mas apresentam propostas distintas. O HollyUdi Bar destaca o valor artístico e cultural da cidade, o Cecy bar valoriza a sociabilidade em sua plenitude. Acredita-se que sua localização influencia no perfil dos espaços, visto que a proximidade com a universidade garante a eles um público jovem, sendo esses mais abertos a diversidade.

Percebe-se assim que a sociabilidade lésbica não é linearizada, até mesmo limitada pela sexualidade como é a sociabilidade gay, por exemplo (ARAÚJO, 2019). Denota-se nesse sentido, que as lésbicas se encontram em maior proximidade com o universo heterossexual. A organização de seus espaços não é feita para camuflar suas ações da sociedade, pelo contrário, são feitos para atender múltiplas pessoas com suas individualidades, que sejam respeitados e aceitos, isso inclui os heterossexuais. De tal modo, no Cecy Bar é possível encontrar uma maior pluralidade de sujeitos de identidades distintas confraternizando com seus pares, além de famílias inteiras frequentarem o bar.

Notadamente, são múltiplas as características dominantes nestes lugares que determinam a predominância do público LGBTQIAP+. O fator cultural, sem dúvida, é o mais descritivo. Shows de drag queens, de comédia, de musicais, apresentações de dança vogue,

⁴ A parada do Orgulho de São Paulo ocorre anualmente na avenida Paulista. Essa parada dita, entre outras coisas, o tema de debate daquele ano. Ou seja, ela é a referência para os debates que aconteceram nas outras paradas. Além do tema, é na parada de São Paulo que a música do ano oficial da parada é apresentada. Em 2023, na sua 27ª edição a parada de SP aconteceu no dia 11 de junho, com tema “Queremos políticas sociais para LGBTQ+, por inteiro e não pela metade”, e teve na caminhada cerca de três milhões de pessoas. (<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/06/5101004-parada-lgbt-leva-milhoes-de-pessoas-para-avenida-paulista-veja-fotos.html>)

teatrais, artísticas; proposição de festas temáticas que tenham a ver com o grupo, etc. são algumas das manifestações da cultura nos espaços que os descreve enquanto voltados ao grupo.

O segundo tipo de lugares de sociabilidade são os lugares Gay-friendly. Esses espaços possuem como característica o abraço às vivências do grupo LGBTQIAP+, nesses ambientes facilmente visto um número significativo de sujeitos que fazem parte deste grupo. Se encontrou em Uberlândia dez lugares gay-friendly, sendo eles: Seu Rosa/Boate Cabaré, Dboche Pub, La Republica, Na Laje bar e danceteria, Bullteco bar, Arquibancada Sports Bar (Uberlândia), Arena Music, G8 Bar, Bar das atléticas, Playground universitário.

Destaca-se o bar Seu Rosa/Boate Cabaré. Localizado na av. Afonso Pena, Centro, o Seu Rosa é um lugar famosos na cidade pelo samba-pagode de domingo que ocorre semanalmente. Para além das domingueiras, no bar ocorre também festas temáticas, como o carnaval e halloween. Em 2023, foi adicionado ao espaço do bar uma boate, a Boate Cabaré. Os espaços são complementares, ao adentrar o bar passa-se a ter direito a frequentar a boate (exceto em festas específicas promovidas pela boate).

Este espaço é emblemático por ser um ambiente popularmente conhecido pelo alto número de gays frequentadores. É comum ao pedir referências a moradores da cidade por espaços de samba-pagode onde esses indivíduos frequentam, eles apontarem o Seu Rosa como o melhor espaço. Destaca-se que o público do qual o estabelecimento se volta é o público hétero, que se interessa pelo estilo musical. O que distingue esse de outros espaços com a mesma proposta é a ideologia do lugar, são as regras e normas que carrega, fazendo dele um espaço onde questões de homolesbotransfobia não são toleráveis. Acredita-se que a construção de um regimento que assegure a pluralidade, não se deva especificamente pela causa do grupo LGBTQIAP+, mas sim, se soma a outros preconceitos como o racismo, visto que a grande parte do público é negra assim salvaguardando outros grupos socialmente minoritários.

Efetivamente, a seguridade já bastaria para que sujeitos deste grupo frequentassem esse espaço. Indo além, em 2023 a Boate Cabaré (espaço anexo localizado na R. Bernardo Guimarães, Centro) foi o espaço oficial da festa que ocorreu nos pós Parada Da Diversidade. Se aproximando mais do proposito e demarcando sua ‘aliança’ com o grupo, o lugar se tornou sede do principal evento que ocorre após a caminhada que ocorreu no dia 19 de novembro. Um evento como este em um local heteronormativo, pautado na cultura negra, demonstra aos indivíduos LGBTQIAP+ que este é um lugar seguro às suas vivências e modo de vida.

Para além das subjetividades dos espaços, denota-se nesses lugares que o fator econômico é determinante na formação de espaços e nos preceitos que eles carregam. No sistema capitalista a busca por novos mercados, neste caso novos clientes, é constante. Assim,

torna-se necessário que haja políticas que visem a adequação a um público crescente e economicamente viável como o LGBTQIAP+. Os lugares, mercadorias, serviços e qualquer outra atividade que se porte como parceira deste grupo, é vista hoje com maior valor, o que reflete automaticamente na obtenção de lucro e prestígio.

A terceira tipologia são os lugares de práticas sexuais. O sexo como parte da natureza humana caracterizou durante muito tempo a homossexualidade, as práticas sexuais entre homens era a característica primeira desta identidade. Atualmente entende-se que as relações carnais são apenas um dos elementos que integram as diversas identidades do grupo LGBTQIAP+. Porém, para além de uma necessidade biológica desses sujeitos, o sexo foi no caminho de formação do grupo e, até mesmo um ato político.

O tratamento restritivo e punitivo que a homossexualidade tem em sua história, provocou nos sujeitos uma necessidade de dar vazão aos seus desejos através de atos considerados indecentes criando microterritorialidade. O “banheirão” é uma das práticas mais antigas do grupo, tendo como principais agentes os homossexuais masculinos, onde esses em momentos pontuais se encontram em banheiros, parques, terrenos vazios, entre outros para consumir o ato sexual. Salienta-se que nessa prática os sujeitos não necessariamente se conhecem, os atos ocorrem sem que nem mesmo haja uma conversa entre eles.

Em Uberlândia foram encontrados alguns espaços dos quais a prática sexual entre gays ocorre com frequência. A chamada “matinha” do Parque Linear Uberabinha, o Cinemais Drive In, Lucas Sex Bar, Sauna 171, Sauna Campos Uberlândia e Sauna Berlândia. Esses espaços são conhecidos por serem locais onde essas relações acontecem. Demarca-se que o Drive in em 2023 fechou permanentemente. Essas práticas foram e são para além do desejo atos políticos, pois através delas o grupo reivindica espaços e a evidenciação de sua existência. Destaca-se que se buscou encontrar todos os espaços, públicos ou privados, porém não tivemos retorno efetivo de outros lugares, sabe-se apenas que os banheiros da rodoviária, dos terminais de ônibus, dos shoppings e dos grandes estabelecimentos, também são vistos como possibilidade para essas práticas.

Saunas e os “Cruising Bar” são comuns em capitais, cidades grandes e médias. Esses lugares são regidos pela ideia de uma sociabilidade onde o sexo é o atributo principal, mas não a única coisa. É a somatória de um consciente agrupamento dos sujeitos com seus pares, afim de socializar, tendo ou não sexo. Destaca-se dois lugares a sauna 171 e o cruising bar Lucas Sex Bar (ambos localizados na Av. Belo Horizonte no bairro Martins). O primeiro se destaca por ser a sauna mais antiga em atividade na cidade. Durante e após o período pandêmico se manteve em pé, sendo referência na cidade. Há no interior um bar onde é possível o encontro

dos sujeitos para diálogos comuns, bem como há uma área externa e salas de cinema em que filmes eróticos são reproduzidos. A sociabilidade acontece de maneira mais natural e simples, pois as pessoas podem se conhecer e se relacionam de forma ampla, pois os espaços são feitos para haver diálogo entre as pessoas, não limitando sua experiência a ideias pré-determinadas.

O Lucas Sex Bar, é um espaço novo, inaugurado em 2022 por um casal de gays. Contrapondo a sauna, o cruising bar apresenta outra proposta inteiramente voltada as práticas sexuais. Tomando como referência de modelo os do Rio de Janeiro, possui todos os ambientes formulados para que o sexo possa acontecer, por ser escuro, com música alta, sem objetos para se sentar, assim não sendo possível que diálogos longos possam acontecer. Para além dessas questões, o local aderiu ao sistema de tipologia do homossexual, onde caracteriza os sujeitos pelo seu biotipo físico, raça e classe social.

Assim, semanalmente há no Lucas Sex Bar, festas temáticas a partir da tipologia dos homossexuais, sendo um dia dedicado aos “ursos”, outro aos “twinks”, um dos “negros” e assim por diante. Essa tipologia fragmenta e segrega o grupo. O hábito de ter festas temáticas é comum nos bares e saunas, elas garantem a quem frequenta e que se encaixam nos requisitos, a diminuição nos preços de entrada e consumo, bem como alimenta o fetiche das pessoas em determinados corpos.

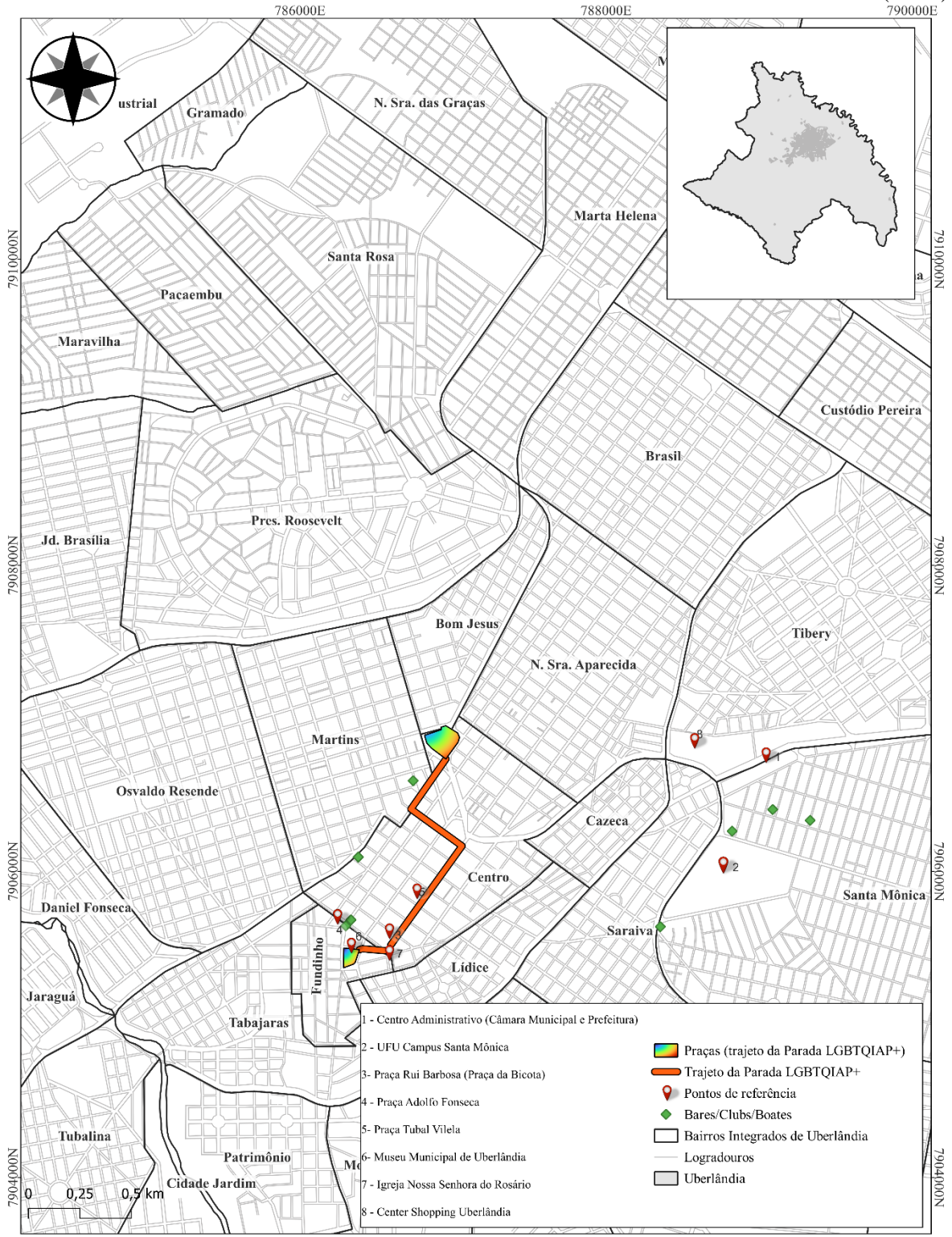
Observa-se que os espaços voltados as práticas sexuais estão espalhadas pela cidade. Denota-se sobre os lugares, que a concentração deles em determinados locais não é qualitativa, visto que a competição por público é alta se comparado aos bares e boates. Percebe-se também, que ainda hoje esses locais tem na camuflagem seu maior trunfo, pois, muitos homens que frequentam esses ambientes não assumiram publicamente sua sexualidade. Assim, faz-se necessário ter fachadas simples como de uma casa comum, dado que este é um elemento essencial na frequência dos clientes.

Notadamente, os locais públicos voltados as práticas sexuais possuem características próprias dos espaços. A matinha é emblemática por ser um parque onde há a proximidade com casas e famílias que moram ali por perto. Assim, há a territorialização temporária desse espaço por esses sujeitos, visto que as famílias que vão levar suas crianças naquele ambiente devem ir até determinado horário do dia, visto a possibilidade de se encontrar com pessoas em atos sexuais. O mesmo ocorre em banheiros públicos onde por vezes homens heterossexuais se deparam com essas práticas.

O quarto e último tipo de lugar são os espaços sazonais. A “Parada do Orgulho LGBT+ de Uberlândia” (mapa 3) foi o lugar encontrado. A concentração ocorreu na Praça Clarimundo Carneiro, onde se iniciou a caminhada que seguiu pela rua Bernardo Guimarães, passando pela

Praça da Bicota (Rui Barbosa), seguindo pela av. Floriano Peixoto, rua Cel. Antônio Alves Pereira, rua Cipriano Del Favero e finalizando na Praça Sérgio Pacheco. A 21ª edição em 2023, teve um papel de relevância na luta contra opressões como as primeiras edições tiveram. Na cidade houve a aprovação da Lei Municipal 14.004/2023,4 pela câmara de vereadores na cidade, que visava o silenciamento do debate sobre sexualidade e identidade de gênero nos espaços educacionais, demonstrando o quão patriarcalista e heteronormativa é a cidade. Mesmo que a posteriori a lei tenha caído graças ao STF, ainda sim, é possível compreender o poder, a determinação e a força dos grupos que são contra essas vivências.

MAPA 3: UBERLÂNDIA – MG: PERCURSO DA PARADA DA DIVERSIDADE (2023)



Fonte: IBGE, 2022.
Organização: CAVALCANTI, J. H. X. (2024)

A parada é uma resposta a imposição e tentativa de silenciamento do grupo. As propostas de leis que comumente chegam as câmaras de vereadores e dos deputados, demonstram o empenho da sociedade em tentar silenciar os que possui a sexualidade e/ou identidade diferente da heterossexualidade. Assim, é ainda necessário a movimentação gerada pela parada da diversidade. Salienta-se que muitos dos espaços do cotidiano dos sujeitos LGBTQIAP+, como escola, igreja, trabalho, etc. são espaços fechados ideologicamente, onde o afeto não pode ser demonstrado em público, onde a heterossexualidade é imposta e incentivada fazendo desses locais incompatíveis às vivências deles.

A parada vem na contramão da obscuridade, do disfarce, da invisibilidade, pois a priori a intenção é a demonstração da existência desses sujeitos que exigem a legitimação e garantia dos seus direitos. “É hora de TRANSformar” foi o tema/lema do evento. Nos encontros e reuniões da semana de conscientização (semana que antecede a parada), as palestras e encontros propostos tiveram por base este tema, debatendo as vivências de pessoas transsexuais.

As tipologias apresentadas, demonstram a variabilidade de forma e modelo de sociabilidade existentes no grupo LGBTQIAP+. Salienta-se que a sociabilidade “apresenta-se como um aspecto fundamental do estar-junto, de relações de partilha entre indivíduos livres para identificações sucessivas” (MAIA, 2001; p. 10), logo, elas são formas que os sujeitos encontraram de se socializar, agrupar, de forma autônoma e livre. Evidencia-se que a formação de lugares voltados a esse grupo passou e passa por uma série de regulamentações subjetivas onde o patriarcado e a heteronormatividade são os controladores.

As boates, bares e pubs são o exemplo mais significativo daquilo que é permitido a esses sujeitos. Mas deve-se ter ciência, que a permissão na formação e construção de espaços está embasados pelos preceitos do capitalismo que visa o acúmulo de capital acima de tudo e todos, inclusive dos preceitos moralistas que enxergam as vivências dissidentes como pecados ou crime. Os lugares gay-friendly podem também ser vistos por essa lógica capitalista que não descarta a possibilidade de aquisição de lucro. Destaca-se nesta tipologia, a participação significativa de pessoas jovens nesses espaços, sobretudo estudantes, assim muitas vezes eles próprios fazem parte do grupo ou são simpatizantes as suas lutas. Sendo assim, ruim para o estabelecimento uma publicidade negativa baseada em preconceito e discriminação.

Os lugares voltados ao sexo e os sazonais, servem ao grupo por outras vertentes de sociabilidade, mas também são objetos de resistência do grupo. São vistos como uma forma de ocupação de espaços, são microterritorialidades. Os locais de práticas sexuais públicas são peculiares por não serem frequentados apenas por gays, mas também por muitos homens heterossexuais. Clarificando, há na sociedade uma enorme quantidade de homens que não

assumem a sua homossexualidade ou bissexualidade e, que utilizam os lugares de pegação para extravasar seus desejos sexuais e afetivos, assim fazendo parte da prática de banheirão.

É comum ver e encontrar, homens casados com mulheres tendo relações com outros homens nesses espaços, pois esses lugares os garantem relações rápidas e fortuitas com pessoas desconhecidas, do qual provavelmente não voltará a encontrar. Isso nos mostra a hipersexualização que há nos homossexuais. Destaca-se nos bares, boates, pubs e saunas e cruising bar que, na atualidade, as práticas sexuais estão separadas das festas. Melhor dizendo, as boates de maneira geral continham os chamados “Dark Rooms”, espaços específicos dentro das boates e bares para que a prática sexual ocorresse ali mesmo. A separação das práticas é positiva ao grupo, social e culturalmente, visto que os lugares passam a receber mais heterossexuais, popularizando mais a cultura que é produzida nesses espaços que outrora circulavam apenas um grupo seletivo de pessoas. Bem como os estabelecimentos não precisam mais estar localizados em locais decadentes e degradados.

A Parada da diversidade é um evento que propõe uma sociabilidade distintas das outras, por trazer a essência da luta por direitos. É na parada que o grupo como um bloco se relaciona. Como já salientado, o LGBTQIAP+ é formado por sexualidades, identidades e gêneros distintos, dos quais formam subgrupos com especificidades e dinâmicas distintas. É neste evento que toda elas se encontram em maior número, onde as experiências de cada subgrupo são compartilhadas uns com os outros. É na parada que o grupo efetivamente demonstra sua organização.

Denota-se na espacialização dos lugares, que apenas os bares, clubs e boates, apresentam uma significativa concentração. Ressalta-se que os bairros onde estão localizados esses espaços, são ambientes de fluxo intenso de pessoas, pois ambos são centros comerciais de dia e a noite possuem uma ampla diversidade de estabelecimentos voltados ao lazer, sendo propícia à criação deles, nessas regiões. Há também, uma concentração dos lugares gay-friendly nesses mesmos bairros. Ao olharmos os dados de moradia, pode-se inferir que a alta concentração de espaços dessa tipologia no bairro Santa Mônica se relaciona com o alto número de moradores do grupo. Acredita-se que a presença constante de sujeitos LGBTQIAP+ nos ambientes do bairro, forçou aos ambientes heteronormativos a criarem formas de fazer esses sujeitos se sentirem confortáveis. Outra hipótese é a de que a presença da universidade e o constante debate sobre essas questões auxiliie na formação dessas micropolíticas de aceitação da diversidade.

Quanto aos lugares de práticas sexuais, certamente são os mais espalhados pela cidade. Isso se dá, ao nosso ver, pelas dinâmicas ocorridas nesses ambientes. A primeira delas é a

privacidade que eles devem demonstrar, assim as saunas e o cruising bar possuem ambas fachadas simples como a de uma casa comum, sem nenhum adorno ou demonstração de que ali é um estabelecimento comercial deste tipo. O segundo é que os espaços públicos são além de discretos, espaços que estão na cotidianidade dos sujeitos, nos caminhos diários deles, assim a formação dessa microterritorialidades depende do fluxo de pessoa, por isso não se concentram. Isso se confirma, visto que a matinha do Parque Linear Uberabinha, local de encontro está próxima à avenida Rondon Pacheco e a Getúlio Vargas que o atravessa. A Sauna Berlândia é outro destaque, pois se encontra próximo a BR-365.

A área central é a região onde é encontrado todos os tipos de sociabilidade. Desde lazeres comuns como festa, até para sexo e militância. Observa-se que a lógica que impera sobre cada modelo de sociabilidade, determinará qual local do espaço urbano ele ocupará. Os bares, clubs e boates estão vinculados a uma demanda, assim se localizam onde uma massa maior de possíveis clientes, visto que estão em locais de grande fluxo de pessoas. Os locais de práticas sexuais, estão submetidos a lógicas como descrição e acesso rápido, assim se localizam onde os frequentadores possam ir e rapidamente sair sem serem “descobertos”. Os gay-friendly operam pela lógica do capital, visto que quanto maior o público atendido maior a possibilidade de lucro. Os lugares sazonais como a parada possuem a aquisição de direitos como o imperativo primeiro, sua organização depende de forças que vão além da simples reunião autônoma dos sujeitos, mas sim requer ações maiores e pensadas a longo prazo.

O panorama aqui descrito sobre os lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ de Uberlândia, considerando a tipologia e a forma de relação social que é produzido em cada um desses espaços, nos mostram o quão dinâmico, diverso e plural é a vivência dos sujeitos na cidade. Demarca-se que a sociabilidade ocorre a partir da intencionalidade, de “orientação voluntária e livre” (MAIA, 2001; p. 9), ou seja, a ida, permanência e socialização dos sujeitos nesses espaços dependem dos seus gostos e objetivos. Bem como, em vários desses espaços é possível encontrar pessoas heterossexuais que enxergam uma menor pressão social nesses lugares, frente as normas que a sociedade impõe.

De forma dialética, esses lugares funcionam como uma rede de segurança sobre o espaço urbano onde os sujeitos com suas individualidades podem se expressar e socializar em paz. Verdade é, que algumas questões ainda são empecilhos para parte do grupo. Como é o caso das travestis e transsexuais que são estigmatizadas pela prostituição, são expulsas de casa na primeira parte da adolescência, dificultando que elas tenham acesso a lugares aonde parte da cultura que atravessa seus corpos é construída.

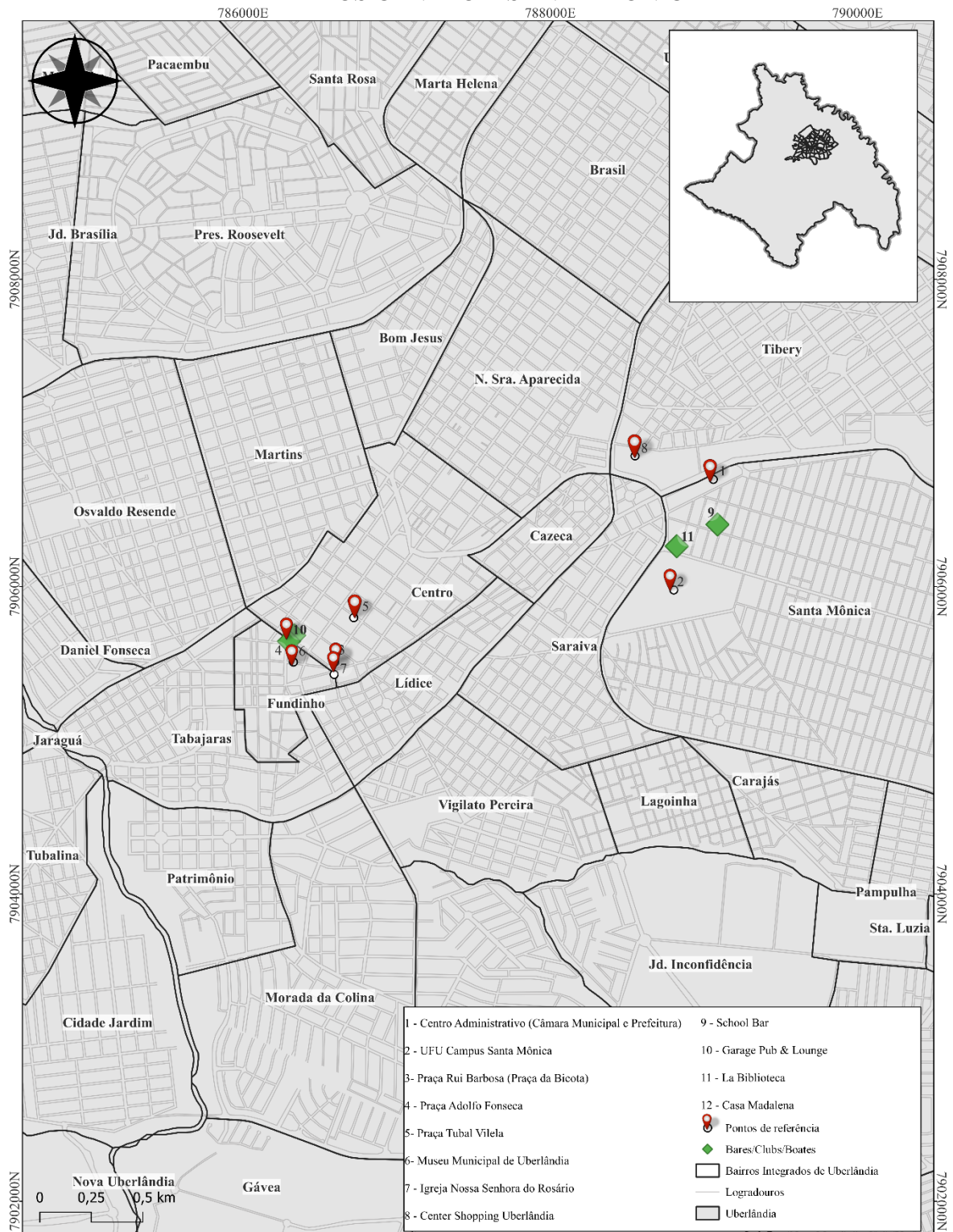
Vislumbra-se assim, que há no seio no grupo diferenças que determinam o lugar de cada sujeito, bem como constrói no próprio grupo preconceitos e discriminações a corpos que não se encaixam em determinados espaços. Essas questões provocam uma seleção subjetiva dos indivíduos que circulam nos lugares, impactando na forma em que os sujeitos se socializam. Reflete-se assim a necessidade de estar em contato com os sujeitos nesses espaços, visando entender quais são as relações subjetivas que ali imperam. Desta forma, a observação participante é uma forma de compreender as nuances do preconceito e da discriminação nos espaços de sociabilidade.

3.2 Pontos e contrapontos na sociabilidade LGBTQIAP+ nos bairros Centro e Santa Mônica

Tendo como objetivo o entendimento da espacialidade dos lugares de sociabilidade que engloba todo o grupo LGBTQIAP+, percebeu-se no processo de tipologia dos lugares que apenas o primeiro tinha efetivamente uma presença mais concisa. Visto que os lugares para práticas sexuais são excepcionalmente masculinos, os gay-friendly não são ideologizados a esse público em específico e, os sazonais, ocorrem poucas vezes ao ano e não fazem parte da cotidianidade desses sujeitos, escolheu-se o primeiro tipo, bares, clubs e pubs para o aprofundamento do estudo. Compreende-se a partir dos encontrados, que há duas localidades onde é mais plural e multicultural essas vivências: os bairros Centro e o Santa Mônica. São os de maior concentração deles, bem como é onde as dinâmicas de lazer do grupo e o encontro com pessoas heterossexuais ocorrem com frequência.

Como demonstrado encontramos oito lugares do grupo nessa tipologia. A escolha de onde a pesquisa *in loco* ocorreu, se deu a partir de três métricas, a primeira é a localidade, tendo em vista a qualidade do trabalho escolheu-se dois de cada bairro; modelo de estabelecimento, de forma que as diferenças impactam significativamente nas dinâmicas internas e externas aos estabelecimentos e; tipo de sociabilidade acontece nos ambientes. Deve-se mencionar que o fechamento de dois dos espaços, ambos na área central, não impactou em nossa pesquisa, pois a escolha já havia sido feita anteriormente. Assim no centro selecionou o Garage Pub & Lounge e Casa Madalena, um bar que também é boate e uma boate; do Bairro Santa Mônica foram selecionados a boate School Bar e Etc. e o bar La Biblioteca (mapa 4). A pluralidade nas formas de sociabilidade, a localidade e as dinâmicas que esses lugares provocam no seu entorno nos fizeram estudá-los.

MAPA 4: UBERLÂNDIA – MG: LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIAP+ NOS BAIROS CENTRO E SANTA MÔNICA



Projeção Universal Transversa Mercator (UTM)
 Datum - SIRGAS 2000/ Zona 22S (EPSG 31982)
 Fonte: IBGE (2021; 2022)
 Org.: CAVALCANTI, J. H. X. (2024)
 Projeto Cartográfico: SANTOS, L. M. O. (2024)



Fonte: IBGE, 2022.
 Organização: CAVALCANTI, J. H. X. (2024)

Para uma análise mais completa dos lugares, e a consequente diferenciação nas formas de sociabilidade, apresentaremos adiante uma análise comparativa sobre os lugares. Utilizar-se-á três parâmetros para análise: localização (o local e o entorno), cultura (dança, música e festa) e sujeitos (vestes, comportamento, raça, idade, biotipo físico). A ida a campo ocorreu entre os meses de setembro e dezembro de 2023. A incursão ao School Bar e Etc. ocorreu nos dias 22/09 e 10/11; ao Bar La Biblioteca dias 28/09, 10/10 e 24/11; ao Garage Pub & Lounge nos dias 28/10 e 08/12; à Casa Madalena 25/11.

Demarcamos que o encontro dos espaços se deu pela internet e em conversas informais com pessoas do grupo. Salienta-se que nas incursões a campo teve-se a presença de um intermediário. Foi necessário, para as idas *in loco* de uma pessoa que estava habituada a frequentar esses espaços, com a vida noturna LGBTQIAP+ da cidade assim possibilitando que se ampliasse a circulação nos espaços com maior facilidade. Assim, uma mulher lésbica, cisgênero se propôs a auxiliar nas idas a campo.

O bar e boate Garage Pub & Lounge (figura 1) está localizado no centro, na rua Goiás entre as av. Afonso Pena e João Pinheiro. O estabelecimento fica a um lote da esquina com a av. João Pinheiro. O quarteirão é composto por comércios. Depois do bar, indo no sentido à av. Afonso Pena tem uma garagem como vizinha (figura 2), seguido de uma ótica, imobiliária, um consultório médico, uma conveniência, uma loja de materiais hospitalares, uma ótica e um supermercado na esquina. Têm-se como vizinhos de frente uma academia na esquina da av. João Pinheiro, seguido do Officina Music Bar, um salão de cabeleireiros e um escritório de contabilidade.

Figura 1: Uberlândia – MG: Garage Pub & Lounge (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

Figura 2: Uberlândia – MG: Comércio vizinhos ao Garage Pub & Lounge (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

O Garage Pub, se encontra na área central de Uberlândia. Em uma região onde a paisagem noturna é movimentada devido à concentração de bares e boates voltados ao público em geral. Nas proximidades não há a presença de residências. Por se tratar de uma área comercial, a presença delas é pouco significativa, possibilitando que os bares no entorno não tenham problemas com a vizinhança. Para além a localização dele permite que as pessoas circulem entre os vários espaços que há na região, inclusive saindo dele e indo à boate Casa Madalena ou ao cruising bar que ficam nas proximidades.

A de se destacar, que de frente ao Garage Pub há outro bar com proposta completamente distinta, o Officina Music Bar Uberlândia, que tem o propósito de ser um espaço de todos. É do dia-a-dia do Officina bar (figura 3) receber como clientes famílias inteiras, tendo inclusive um espaço para crianças. Estando de frente um ao outro, observa-se que não há problemas entre o público frequentador dos espaços, nem mesmo quanto aos representantes dos bares

Sendo um dos lugares LGBTQIAP+ mais significativos da cidade. O Garage Pub é interessante por haver dois ambientes. O primeiro próximo à entrada é um bar comum, onde as pessoas chegam e se divertem. Internamente há um segundo espaço, uma boate que começa a funcionar às 23:00, de quarta a domingo. Destaca-se a forma com que o bar lida com esses espaços, visto que promove uma série de promoções na área do bar nos chamados “happy hour”. Na boate há eventos com temas e dinâmicas que dialogam com a atualidade da cultura gay.

Como exemplo, em 2023 inspirados na turnê mundial da cantora estadunidense Beyoncé, a “Renaissance World Tour”, o Garage Pub promoveu três festas temáticas Act. I, Act. II e Act. III, onde foi utilizado o espaço chamado Arena (figura 3) que faz parte do Officina Bar como o local da festa, por ser maior que o espaço do bar promotor. Observa-se assim, que há uma proximidade entre os bares e públicos.

Figura 3: Uberlândia – MG: Oficina Music Bar (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

Figura 4: Uberlândia – MG: Oficina Music Bar e o anexo Arena (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

Na área central, o Garage Pub não se encontra em um lugar decadente, precário. Ele se encontra em uma rua estreita no centro (rua Goiás), porém ela é movimentada e dinâmica. Isso

se deve não somente ao bar, mas sim pelos ambientes próximos, tendo em vista que na vizinhança há dois ambientes de pagode/samba e duas outras boates. Desta forma, o alto fluxo de pessoas que circulam pela rua e pelas adjacências nos mostra que o bar se encontra em um espaço vivo em relação ao movimento de pessoas, se distanciando de lugares precários e decadentes do qual França (2006) aludiu.

O duplo ambiente, bar e boate, provoca também uma duplicidade no estilo de música. Como mencionado, o happy hour por iniciar na parte da tarde, tem uma maior variedade de estilos musicais, em contrapartida, a parte da boate tem alguns estilos predefinidos. Nas mídias sociais é possível visualizar com antecedência quais são os estilos musicais, os Dee Jays (DJs), cantores e bandas que irão se apresentar no local, assim formando dias temáticos. A exemplo, os principais temas e estilos que toca na boate é o funk, pop, rock e open format, sendo de um a dois estilos por dia. Para além das performances, há o dia do karaokê onde todos podem cantar.

Não é difícil o reconhecimento do público que frequenta esse lugar. Notoriamente, é majoritariamente homens gays, cisgêneros, brancos, classe média-alta. Ao adentrar o espaço é rapidamente visualizado a baixa porcentagem de mulheres, transsexuais e travestis, negros e pessoas com sobrepeso. O Garage Pub expressa como marca, uma “elite” LGBTQIAP+. Evidencia-se que esse é um dos lugares mais citado por pessoas do grupo, é uma referência entre aqueles que curtem esse tipo de ambiente.

Sob um olhar interseccional, compreendemos que o modelo de sociabilidade e cultura ali expresso, não dialoga diretamente com os LGBTQIAP+ periféricos, afrodescendentes ou com sobrepeso. Evidencia-se que há uma seletividade natural no lugar, a partir dos preços das entradas e das bebidas vendidas, bem como pela necessidade de condução se para chegar e, pôr fim pelo estilo de som que toca no local. Este último ponto, é sintomático na relação de sujeitos que frequentam esses espaços, visto que em ambientes lésbicos os estilos musicais estão alinhados à heterossexualidade, ou seja, músicas como sertanejo e forró tocam com maior frequência em detrimento do pop, funk e rock.

Ao refletirmos sobre o bar entende-se que ele está subjugado as regras do capitalismo. Nessa perspectiva, tudo o que compõe o ambiente determina ou dialoga com um público específico, no caso do Garage Pub, um público gay, branco, heteronormativo. Nesses termos, o Garage pub é um lugar de forte significado para um público gay heteronormativo, não só pelos sujeitos, mas dos elementos culturais do qual carrega, como a padronização dos corpos imposta pela heteronormatividade. Assim há pouca presença de negros e pessoas com sobrepeso, pois seus corpos não se adequam e a pouca presença de outros que sejam como eles.

Diametralmente oposto, está a boate Scholl bar e etc. (figura 5). O Scholl leva o nome de bar, porém não é. O estabelecimento em princípio possuía os dois ambientes, assim como o Garage Pub., em 2023 tornou-se apenas uma boate.

Figura 5: Uberlândia – MG: Scholl bar e Etc. (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

Localizado no bairro Santa Mônica, a boate se encontra em uma movimentada avenida do bairro a av. Belarmino Cotta Pacheco, entre as ruas Maria Dirce Ribeiro e Cecílio Jorge. O estabelecimento fica no meio do quarteirão, havendo comércio em ambos os lados (figura 6). Os comércios da quadra a partir da rua Maria Dirce Ribeiro são: uma loja especializada em churros, um bar, o Scholl Bar e Etc., um restaurante de comidas árabes, uma conveniência e

uma loja de telecomunicações chegando à rua Cecílio Jorge. De frente, de maneira inversa, há uma loja de materiais de escritório, uma casa, uma loja de vestuário, seguido de residências e uma tabacaria na esquina da rua Maria Dirce Ribeiro.

Figura 6: Uberlândia – MG: Comércio próximos ao Scholl bar e Etc. (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

As ruas adjacentes citadas acima, são compostas essencialmente por moradias. Há uma quantidade significativa de casa e, principalmente, prédios pequenos de até quatro andares. Muitos dos estudantes da UFU vivem nas redondezas, explicando assim o alto número de pessoas jovens que frequentam o bar. Se contrapondo a boate Casa Madalena, o Scholl Bar e Etc. carrega em si a proposta de atendimento de um público mais variado.

Estando próxima à universidade e ao centro administrativo da cidade, sua localização é privilegiada quanto a circulação de pessoas. Pois, no bairro Santa Mônica além do comércio que é vigoroso, há os estabelecimentos de lazer, assim fazendo que se tenha movimento no

período noturno. Salienta-se que as lanchonetes próximas ao Scholl, fecham após o seu fechamento, absorvendo os clientes que desejam se alimentar. As dinâmicas na própria boate e dos comércios vizinhos, possibilita e até facilita que os moradores próximos se identifiquem com o local e a escolha para se socializar. Visto que, há a possibilidade do não pagamento de ingresso, os preços são similares aos dos bares, há lanchonetes abertas ao sair e, a depender da proximidade, é possível não gastar com condução de ida e volta.

A boate foi se tornando um espaço LGBTQIAP+ pela dinâmica proporcionadas por seus donos e pelo público que ali frequenta. A primeira vez que fomos à boate ainda em 2022, observou-se na época havia uma variedade maior nos temas e músicas, pois se preocupavam em agradar um ainda presente público heterossexual. Em 2023 houve reformas nos ambientes, houve a conversão do bar em boate e a reformulação dos eventos que aconteciam para receber outro público, especialmente estudantes que fazem parte do grupo.

O Scholl Bar e Etc. notadamente não é um lugar elitista. Alguns elementos demonstram isso. Na boate é possível a partir de uma lista formulada com antecedência adquirir entradas gratuitas para as festas e eventos semanais que ocorrem nesse espaço. O segundo são as vestimentas. É perceptível a despreocupação dos frequentadores quanto as roupas que usam, é comum ver pessoas usando chinelo, bermudas e camisetas de atléticas da faculdade. O terceiro elemento são os preços dos produtos. Observa-se que mesmo sendo uma boate, os preços são semelhantes aos dos bares da proximidade.

Tendo grande parte do seu público composto por estudantes, entende-se a necessidade de ser um espaço acessível a esses sujeitos que muitas vezes estão fora do mercado de trabalho, assim sendo economicamente limitados. Com isso, observou-se que nesse espaço há a presença de inúmeras travestis e mulheres transsexuais. No Scholl bar e etc. há travestis e mulheres trans como clientes, e há também uma funcionária.

Percebeu-se nas idas a campo, que o Scholl, diferente de outras boates, os sujeitos se sentem mais livres. O que se quer dizer, é que há uma menor pressão estética, comportamental e econômica dos frequentadores, em vista de outros lugares como o Garage Pub. Observa-se que nesta boate, a sociabilidade ocorre de maneira mais plural, visto que há no espaço uma maior variedade de pessoas. Notou-se também nas idas a boate que a predominância de clientes no local é masculina. Apesar de haver uma grande quantidade de mulheres, percebe-se que os gays são maioria absoluta. Há também muitas pessoas negras e pessoas com sobrepeso.

Não se viu, assim como no Garage Pub, PCDs. Sendo esse um ambiente onde há a possibilidade de circularem, tendo em vista que há uma rampa de acesso na entrada, há banheiros próprios com instrumentos apropriados, portas duplas que facilitam a passagem, entre

outros que possibilitam seu acesso. Outro grupo que também pouco se viu foram pessoas acima de 40 anos, ao menos, pela aparência, se viu poucas pessoas maduras, quando se viu elas ficavam na maior parte do tempo nas mesas na área de fumante. O alto fluxo de pessoas jovens fica, de certa forma, desconecta as pessoas mais velhas, tendo em vista as novas formas de se socializar que a internet proporciona, bem como as referências que estão em uma constante transformação, excluindo aqueles que não estão inseridos nesse processo.

A pluralidade de sujeitos no possibilita que no Scholl Bar e Etc. se encontre seus pares, ou seja, uma pessoa negra irá certamente encontrar outros como ele neste local. Ter uma multiplicidade de sujeitos com classe, raça, sexualidade e identidades distintas em um mesmo espaço constrói um sentido de segurança para os que ali frequentam. Mesmo em locais voltados aos LGBTQIAP+, a padronização do ambiente para atender determinada parcela do todo, não garante o pertencimento e a representatividade de todo o grupo. Acredita-se que o poder econômico é determinante nesse sentido, pois os baixos valores promovidos nessa boate, permite o encontro de classes para um propósito em comum, se socializar.

O bar La Biblioteca (figura 7) apresenta certa similaridade a boate Scholl Bar e Etc. O bar se encontra no bairro Santa Mônica, na rua Av. Segismundo Pereira. A boate e o bar estão a três quarteirões de distância um do outro, dividindo o mesmo público. O bar fica entre as ruas r. Miguel Rocha dos Santos e av. João Naves de Ávila. Na mesma quadra há apenas dois outros bares, de frente há a universidade. A rua adjacente ao bar é composta por moradias, casa e prédios de pequeno porte. Observa-se no bar a mesma liberdade nos dois espaços. Nas idas ao bar, notou-se a maior pluralidade de sujeitos, quando comparado aos outros ambientes. A proximidade com a universidade, fez deste um local de encontro de todos os tipos de pessoas, ou seja, héteros e LGBTQIAP+ frequentam esse espaço, com predominância do segundo.

Figura 7: Uberlândia – MG: Frente do Bar La Biblioteca (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

A localização do La Biblioteca é preciosa ao tipo de negócio. Observa-se em seu entorno, que a falta de moradias próximas e o alto número estabelecimentos de lazer na rua, forma uma verdadeira economia de aglomeração. Nas quadras ao lado, há também a presença de bares como Apollo 11 e Na Laje Pub. (figura 8) e conveniências que atraem para a avenida como um todo, um fluxo grande de pessoas. A circulação entre os lugares é uma vantagem e garante a multiplicidade de pessoas que circulam nesses ambientes. Assim, não só no La

biblioteca, mas nos outros bares é possível visualizar pessoas de todos os tipos de corpos, raça e classe.

Figura 8: Uberlândia – MG: Bares La República e Na laje (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

Este bar possui apenas quatro anos de funcionamento, porém ganhou destaque entre os estabelecimentos do entorno da universidade, por ser um lugar barato e livre de preconceitos. A convivência entre os sujeitos LGBTQIAP+ e heterossexuais é pacífica. Interessante neste bar, é que ele não possui um tipo de música e eventos semanais como as boates, nele o estilo que irá tocar depende dos clientes. Os clientes é que escolhem as músicas, selecionando-as e colocando em uma playlist. É comum no bar a variação de estilos musicais, indo do pop ao sertanejo, do rap a MPB (Música Popular Brasileira). Dois dos espaços gay-friendly são ao lado (figura 9). Um dos elementos essenciais dos lugares no Santa Mônica é a segurança. Ouve-se pouco sobre agressões, roubos, discriminações e preconceitos. Sendo um ambiente com maior diversidade e aberto ao público, é percebido que o respeito ao outro é primordial para uma boa convivência.

Figura 9: Uberlândia – MG: Bar La Biblioteca e Bar La República (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

A sensação de liberdade é o que caracteriza o bar. Percebeu-se nas idas ao bar, que os sujeitos que ali transitam se sentem libertos para viver sua individualidade da forma mais completa possível. Isso se dá pela dissipação da pressão que se tem em outros lugares a respeito das vestes, do comportamento e da padronização imposta pela heteronormatividade. Há nesse espaço uma pluralidade de corpos, raças, gêneros e identidades que comungam de uma sociabilidade mais ampla e fértil, indo além das já pré-programadas formas de socializar que ambientes controlados produzem.

A heterogeneidade de corpos e sujeitos do La biblioteca, nos remete à outro lugar LGBTQIAP+ da cidade. A boate Casa Madalena (figura 10), localizada no centro na Av. João

Pinheiro, está situada próximo ao Garage Pub. O ponto onde se encontra é propício às atividades noturnas, pois se encontra entre as ruas Goiás e Bernardo Guimarães tendo principalmente comércios e uma praça como vizinhos. A partir da primeira rua há uma academia, a Casa Madalena, uma floricultura, uma loja de eletrônicos, um condomínio residencial e uma loja de eletrodomésticos (figura 11).

Figura 10: Uberlândia – MG: Frente da boate Casa Madalena (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

De frente, há a Praça Adolfo Fonseca e um supermercado (figura 12). Essa configuração dos estabelecimentos vizinhos e o baixo número de moradias possibilita que neste ambiente se tenha liberdade de circulação, principalmente pela proximidade com o Garage Pub., possibilitando que as pessoas se movimentem entre os locais.

Figura 11: Uberlândia – MG: Comércio próximos a Casa Madalena (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

Figura 12: Uberlândia – MG: Praça Adolfo Fonseca (2023)



Foto: CAVALCANTI. J. H. X.

A boate é o espaço mais recente dentre os lugares aqui debatidos (inaugurada em 2023), promove a seus frequentadores uma ligação direta com a cultura que caracteriza o grupo. Trazendo personalidades da música, da arte drag queen, da comédia e outros que fazem parte da cultura LGBTQIAP+, a Casa Madalena está inteiramente ligada a atualidade do grupo. Percebeu-se ao ir à boate, que há no lugar uma multiplicidade de sujeitos e corpos. Observou-se, diferente do Garage Pub tem uma presença significativa de pessoas negras. Acredita-se que seja pela influência do estilo de dança vogue, símbolo da luta e resistência dos homossexuais negros dos guetos em Nova York nas décadas de 1980 e 1990, que vem nos últimos anos se popularizando no cenário brasileiro, existindo inclusive algumas “casas”⁵ em Uberlândia. Na boate há apresentações artísticas de grupos voltados a esse tipo de dança. A Casa Madalena é certamente o que mais apresenta semelhança com cultura LGBTQIAP+ mundial. Pois, ele carrega os símbolos do grupo em sua totalidade, desde o som que se toca até a estética do ambiente.

Certamente, a Casa Madalena é um contraponto ao Garage Pub. Tendo em vista as formas de sociabilidade e o público que recebem, observa-se que a boate apresenta uma maior variedade de sujeitos. A proximidade entre os dois podem servir de complemento um do outro, ao passo que o forte no Garage Pub. é o happy hour. Assim a circulação dos sujeitos pelos espaços é real. Porém, destaca-se que os dois ambientes cobram entrada, e a consumação não é similar aos bares, como ocorre com o Scholl Bar e Etc.

Os quatro lugares supracitados nos apresentam dinâmicas, espaços e estilos de sociabilidade distintos. Percebeu-se nos ambientes visitados, que a questão econômica é um fator importante na seleção do público. Desde as bebidas ofertadas até as atrações da noite, são pensadas para um determinado tipo de frequentador. Isso causa uma seleção naturalizada dos sujeitos que transitam por esses espaços. Deve-se ater, que o capitalismo tem a tendência da reprodução de modelos, assim símbolos criados nos grandes centros econômicos, como Rio de Janeiro e São Paulo, são reproduzidos nas outras cidades. Assim, pessoas de poder aquisitivo maior, ligados às tendências globais buscam lugares que reproduzam aquela vivência.

Compreendendo que os lugares se pautam em símbolos e elementos da cultura do grupo para atrair certo público, percebemos que há uma divisão clara entre os que estão no centro da cidade e os que estão localizados no bairro Santa Mônica. Tomando os símbolos e consensos a respeito do grupo como primeiro parâmetro, observa-se que esses são mais vivos nas boates do

⁵ Os grupos de dança e cultura vogue são denominados de ‘Casa’. O líder ou a líder do grupo são chamados de Father e Mother (pai e mãe em inglês), fazendo referência a constelação familiar heterossexual.

centro. Observa-se na Casa Madalena e no Garage Pub, uma atenção maior ao que o mundo LGBTQIAP+ consome no mundo.

Seja pela estrutura dos espaços ou das atrações artísticas que se apresentam. As festas temáticas dos lugares são ligadas a cultura pop mundial, como as festas dedicadas a Taylor Swift, Beyoncé e Britney Spears. A primeira ocorrida na Casa Madalena, as outras promovidas pelo Garage Pub. Em contraponto, a boate School Bar e Etc. e o bar La Biblioteca no Santa Mônica, não fazem esse tipo de festa, dado que nesses lugares o som que toca e as festas propostas estão vinculadas ao som que se escuta na universidade, por isso toca-se mais e festas são propostas de funk, hip hop, trap e outros estilos nacionais.

Há uma diferença ideológica muito clara entre os espaços. Nos do centro, a presença de drag queens ocorre apenas quando elas estão consolidadas no meio artístico. Demonstrando a estratificação feita pelo lugar, atingindo não só o público, mas também impactando nas questões culturais. A boate Scholl Bar e Etc. e o bar La Biblioteca, há a apresentação de novos e consolidados artistas, se diferenciando do primeiro, sendo notório que esses locais se preocupam com o cenário cultural da cidade. O exemplo drag é significativo, pois nos mostra o interesse do local em atingir determinados públicos através de uma arte que é reconhecida por todos do grupo.

Ao selecionar para apresentar drags consolidadas, automaticamente há impacto nas entradas dos eventos, porém haverá maior interesse do público em geral. Assim, ocorre uma seleção natural dos frequentadores. Em nossa ida ao Garage Pub no dia 28 de outubro, gastamos 20 reais de ingresso, 15 reais de Uber de ida e 25 reais de Uber de volta. Foram 60 reais⁶ apenas para chegar e adentrar o espaço, um dinheiro considerável para os sujeitos com menor poder aquisitivo. Em todas as nossas idas aos lugares no Santa Mônica tivemos apenas o gasto com o ingresso, quando necessário, no valor de 15 reais, visto que nas outras ocasiões a entrada foi gratuita.

As vestes, o comportamento, a raça, a idade e o tipo físico dos sujeitos que frequentam esses espaços são bastante antagônicos. Desta forma, as vestes dos sujeitos do centro estão vinculadas a heterocisgeneridade, enquanto as dos sujeitos do Santa Mônica estão vinculadas as formas de se vestir da universidade. Observou-se que os sujeitos no Scholl, por exemplo, se vestem mais livres, pelo alto número de pessoas que são universitárias, percebe-se que elas possuem maior liberdade para andar de chinelo, usar coletes, uniformes e pintura corporal de

⁶ 60 reais equivalem a 12,21 Dólar americano. Conversão referente ao dia 27 de janeiro de 2024.

atléticas, entre outros elementos que mostram seu vínculo com a universidade ou que expressam sua identidade queer.

Nas boates do centro, percebeu-se uma maior homogeneidade nas vestes, sobretudo, os homens gays brancos. O comportamento é outra das distinções entre os lugares. Observou-se no Garage pub, na parte do bar, um comportamento mais sutil quanto a sociabilidade das pessoas. Contrapondo-se, o La biblioteca possui uma integração maior entre as pessoas, mesmo sendo um bar os frequentadores se levantam para dançar, há mesas de sinuca que auxiliam na dinâmica social, há as que preferem ficar em pé e se socializar com outros além de seus amigos e parceiros. Fica claro, nos lugares do Santa Mônica que os sujeitos se portam com maior liberdade no espaço.

O afeto entre as pessoas é, no La biblioteca, ocorre com mais frequência. Beijos e abraços, são facilmente vistos neste bar. No Garage pub, são poucas as demonstrações de carinho e afeto na parte do bar. Acreditamos que a forma de organização das cadeiras e mesas, impossibilita uma maior integração entre os sujeitos. Quando o bar deixa de ser o ambiente principal e a boate abre, percebe-se que o afeto se torna mais evidente. cremos que essa mudança ocorra pela boate ter menor iluminação, e por todas as pessoas ali estarem em maior contato umas das outras, não só fechadas em seus círculos de amizade.

Se pudéssemos definir qual a faixa etária do grupo apenas por nossas experiências *in loco*, afirmariamos que o público da Garage Pub é composto majoritariamente de pessoas entre 25 e 40 anos; o da Casa Madalena e o School Bar e Etc. entre 18 e 30 anos e o bar La Biblioteca de pessoas entre 18 e 40 anos. Essas projeções são apenas suposições a partir de nossa ida aos locais. Porém, demonstra a notável presença de pessoas jovens em todos os espaços de sociabilidade LGBTQIAP+. Percebeu-se uma baixa presença de pessoas de idade que se elevam os 40 anos.

Todos esses locais apresentam propostas de sociabilidade que condizem com a vivência jovem. Os símbolos que eles carregam hoje dialogam com os jovens, as músicas que tocam são pensadas para esse público, os artistas que se apresentam são novas referências, conversando com as vivências de pessoas mais novas. Percebeu-se apenas no Garage Pub a presença maior de homens gays que aparentam ter mais de 40 anos e alguns poucos no Scholl Bar e Etc. e no La Biblioteca. No primeiro, acredita-se que o happy hour seja o principal dos motivos. Devemos destacar que pessoas adultas trabalham, logo possui muitas vezes horários limitados, de tal forma que ir em locais que abrem às 23 horas se torna inviável.

O que pouco se vê é a presença de pessoas com sobrepeso nos locais, principalmente no centro. A questão do corpo é um problema que começa com preconceito na infância e avança

sobre as vivências do adulto LGBTQIAP+ ou não. Nesse sentido, ser magro ou gordo, negro ou branco, jovem ou velho, se tornou tão emblemático na vivência desses sujeitos que aos gays foram atribuídas categorias que consideram exclusivamente a forma física como critério de seleção. Os padrões, twinks, ursos, negros, são algumas das classificações feitas a partir do corpo dos indivíduos.

Notadamente, essa problemática é maior em relação aos gays, do que dos outros subgrupos. Porém, a questão do corpo com sobrepeso é de toda a sociedade, sendo refletido o preconceito no grupo LGBTQIAP+. Assim, percebeu-se uma presença mais clara de pessoas com sobrepeso nos locais do bairro Santa Mônica, principalmente no bar La biblioteca. A liberdade nos espaços se estende aos corpos que não estão acordados com o considerado normal. A multiplicidade de sujeitos nesse bairro, permite que os de corpos diversos se sintam confortáveis.

Não encontramos em nenhum ambiente Pessoas com Deficiências. O School Bar e Etc. foi o único local onde se percebeu o mínimo de acessibilidade. A Casa Madalena possui apenas uma rampa de acesso que permite a entrada desses sujeitos, porém não há outros equipamentos que os auxiliem. Notadamente, não há nos espaços da cidade uma preocupação real com as formas com que eles irão circular e se divertir nesses ambientes. A falta de acessibilidade exclui as Pessoas com Deficiência, assim como outros sujeitos e corpos que não se encaixam no padrão, que acabam sendo vítimas do processo de seleção subjetiva, pois ao ir ao local não há condições estruturais para ele ficar confortável.

Quanto as travestis e transsexuais o La biblioteca e o School Bar e Etc. foi onde encontramos o maior número. Em nossas idas aos lugares, percebeu-se que nos ambientes do centro a presença de travestis e transsexuais é baixa. Acreditamos que seja pela questão financeira. A realidade delas é pautada em um preconceito mortal, onde seus corpos são tidos como abjetos, servindo muitas vezes como objeto de fetiche o que acaba levando-as a viver de prostituição. Essas questões as desconectam da sociabilidade do grupo de forma quase que efetiva, tendo alguns poucos momentos em que se relacionam. A parada da diversidade é um dos momentos em que se encontra uma proporção significativa delas.

Em relação as lésbicas, visualizou o maior número delas nos bares. Tanto o Garage Pub, quanto o La Biblioteca tinham mais lésbicas que as boates. Sabe-se que elas possuem uma forma de sociabilizar única, assim percebeu-se que elas estavam em maior número nos bares. Não notamos diferenças significativas entre elas no centro em detrimento do Santa Mônica, porém, percebeu-se que elas apresentam comportamentos e vestes similares ao que se pratica nos espaços. Ou seja, as lésbicas no Santa Mônica se vestiam mais livremente, demonstravam

afeto e se socializavam com o maior número de pessoas, enquanto no centro a socialização se dava principalmente entre as pessoas do círculo de amizade.

Perpassando essas identidades, tem-se o marcador social da raça. Há diferenças na presença de pessoas negras nos ambientes. Percebeu-se *in loco*, que o Scholl Bar e Etc. e o La Biblioteca são os locais com o maior número de pessoas negras. Como já mencionado, no Garage Pub a maior parte das pessoas que frequentam são gays, brancos, cisgêneros, de classe média-alta, assim havia lá uma homogeneidade de pessoas. Nós éramos um dos poucos negros que estávamos no local, nas duas vezes que fomos. Ao chegarmos e adentrarmos no espaço, um dos primeiros sentimentos que tivemos foi a de não identificação, pois ali não estavam nossos pares.

As discrepâncias nos públicos escancaram o processo de classificação subjetiva dos indivíduos que frequentam esses lugares. Como mencionado, na Casa Madalena havia uma maior quantidade de negros, porém, a maioria ainda consistia em homens gays brancos cisgêneros. Observa-se assim, que há uma predominância de negros nos locais do Santa Mônica. Deve-se atentar, que o negro é atravessado por uma cultura própria de sua comunidade. A dança vogue é um dos símbolos da cultura LGBTQIAP+ negra, ou seja, os negros construíram essa subcultura inerente ao grupo.

Denota-se ainda que a comunidade negra possui sons característicos e organização única, o que reflete em todo o espectro desse povo. Acreditamos que por essa razão, ao irmos ao Seu Rosa bar encontramos uma maior porção de negros LGBTQIAP+, neste ambiente focado em samba e pagode clássicos dessa cultura e vivência. Compreendemos ser complexa essa questão, de tal forma que não nos aprofundamos aqui. Porém, entendemos que as nuances do pertencimento, identidade e sociabilidade de uma pessoa negra lésbica, gays, travesti, etc. não se encontra somente vinculada à cultura do grupo, mas sim dialoga diretamente com a primeira cultura da qual ela está inserida, a negra.

4 CONCLUSÃO

Refletir sobre a espacialização dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ sobre o olhar geográfico é um grande desafio, visto que estudos nesse sentido são relativamente novos no campo da ciência geográfica. A partir dos anos 80 foi que o desenvolvimento efetivo de um campo de estudo das questões das sexualidades e identidades de gênero se tornaram mais plurais e, efetivamente, atingiram um público maior de cientistas e estudantes. Sabe-se ainda que as Geografias das Sexualidades e Gêneros são um campo aberto, porém ainda há uma influência significativa das pesquisas feitas as escolas anglófonas e europeias.

No desenvolvimento do projeto, encontraram-se obstáculos diante a baixa produção acadêmica sobre o tema. É comumente encontrado uma ampla bibliografia sobre territorialidades de prostituição, sobretudo de travestis e transsexuais, sendo esse uma vertente com estudos nas mais variadas escalas. Os estudos de cidades médias deixam a desejar quanto a variedade dos estudos, pois se concentram essencialmente em questões desconectas com a temática desse estudo. Áreas como a psicologia e a sociologia, se mostram mais prolíferas no debate desses assuntos.

Acreditamos que a metodologia utilizada foi positiva na construção e obtenção dos resultados. Na observação participativa há o contato com os sujeitos, suas vivências e experiências nos lugares, o que contribuiu significativamente para se entender quais eram as relações que ali ocorriam, os sujeitos e o modelo de sociabilidade. A escolha de análise dos lugares onde todos do grupo podem transitar foi, ao nosso ver, acertada visto que nos possibilitou ter um panorama sobre o grupo em variadas formas de interação entre eles e com a sociedade.

Pensar sobre os lugares, é refletir sobre processos. Pois, de início a formação deles sendo uma forma de resistência, chegando à atualidade como formas de lazer e de luta por direitos. Assim, foi-se mudando dos encontros clandestinos em locais insalubres, escondidos como praças, becos, banheiros públicos e outros; para a formação das primeiras boates, bares e saunas, que possuíam os lugares para as práticas sexuais, os dark rooms; seguida da formação das primeiras paradas da diversidade, até a atualidade dos mais diversos espaços mantendo os existentes e construindo novos, como os cruzeiros marítimos, bloquinhos de carnaval, festas temáticas e tantas outras formas de se socializarem como os aplicativos de relacionamentos.

Inicialmente, os lugares eram de casualidade ou periféricos. Essa era uma estratégia utilizada para viver seus desejos, diante a repressão e as imposições sociais que o patriarcado e a moralidade religiosa impõem aos seus corpos. Logo após, começa o processo de afirmação

do grupo através de seus lugares. Os bares e boates, principalmente, são responsáveis por esse processo, visto que neles há a formação da cultura do grupo, a dança, a música, os trejeitos, a linguagem, são nesses lugares criados e socializados. Havia assim, uma centralidade na construção da cultura, onde os grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo produzem e são repassados às cidades médias e pequenas.

Uberlândia, assim como outras, desenvolveu os lugares LGBTQIAP+ na década de 80 em diante, sobretudo no início dos anos 2000, quando se formou um verdadeiro mercado voltado a essa população, como bem afirmou Davi (2011). Desta forma o comércio de mercadorias e o do entretenimento foram os responsáveis pela formação dos outros espaços como a parada da diversidade. Observa-se assim que os ambientes de frequência do grupo na cidade sempre estiveram visíveis, faziam parte da dinâmica cotidiana do comércio e lazer.

No retrato atual dos lugares de sociabilidade, percebe-se que eles se encontram espalhados pela cidade, porém há duas concentrações, no Centro e Santa Mônica. Esses bairros são de grande importância para a cidade, vide o peso comercial e administrativo que eles possuem. Nenhum dos lugares encontrados estão em áreas degradadas de pouco valor social e econômico, pelo contrário, esses ambientes se encontram em locais de grande fluxo de pessoas e de comércio significativo.

Estando em áreas de grande fluxo de pessoas, o impacto deles sobre a vizinhança é subjogado pelos vários estabelecimentos que possuem em volta. Os lugares do Centro estão localizados em um lugar sem moradias, todos os estabelecimentos vizinhos são também comércios, voltados ao lazer ou clínicas. Os que se encontram no Santa Mônica possuem moradias no entorno, porém, o próprio local se utiliza de algumas medidas para mitigar problemas que possam atrapalhar, como a música baixa no La Biblioteca e os abafadores de som no Scholl Bar e Etc.

Observou-se que haviam nos lugares propostas distintas, carregando valores econômicos, sociais e culturais diferentes. Percebeu-se que alguns dos espaços reproduziam elementos da cultura LGBTQIAP+, como atrações, estética do lugar, festas temáticas e outros, como é o caso da Casa Madalena. Desta forma ele atrai o público que consome essa cultura globalizada, produzidas nos grandes centros e capitalizada para ser reproduzida em cidades médias e pequenas. Outros espaços como o School Bar e Etc. carregam uma estética que se liga a universidade, se baseando nas festas estudantis reproduz o estilo musical, o cardápio e as temáticas das festas.

Os bares se diferenciam das boates pela liberdade. O elemento central da estética dos bares são a ornamentação com os símbolos do grupo LGBTQIAP+. Um forte exemplo é o Cecy

bar, que há nas paredes do espaço bandeiras penduradas demarcando o posicionamento do estabelecimento quanto à diversidade. Essa é uma realidade também do La Biblioteca, porém não do Garage Pub. Esse último também é um espaço reprodutor das dinâmicas trazidas dos grandes centros e reproduzida, visto o público das classes média e alta que ele recebe é compreensível essa lógica de reprodução dos signos e significados dos espaços mundiais.

Não se encontrou espaços de sociabilidade formados pelo poder público, ou seja, produzidos para esse público com essas finalidades. Notou-se que os lugares públicos são apenas as territorialidades para fins de relacionamentos afetivo-sexuais. Isso demonstra a baixa iniciativa do poder público quanto a esses sujeitos. Salienta-se que em 2023 a parada da diversidade não é uma proposição da administração pública, mas sim recebe (quando recebe) uma ajuda de custos e auxílios de órgãos como a polícia militar e civil, corpo de bombeiro e secretarias como a de obras e planejamento.

Não há a presença de espaços voltados as vivências trans. Sabe-se da dificuldade que essas pessoas encontram no acesso aos espaços e quanto eles podem ser perniciosos a sua vivência. A falta de políticas públicas contribui para o não acesso delas, há algumas que visam auxiliar nesse processo como é o caso das cotas, porém são poucas e provocarão resultados significativos a longo prazo.

Há diferenças de público nos lugares. Os espaços voltados as práticas sexuais são majoritariamente masculinas, sobretudo as saunas e os cruising Bar, circulam por eles apenas homens gays, héteros ou trans. De tal forma, que há nesses espaços uma segregação entre os que podem ou não frequentar, isso ocorre devido a hipersexualidade que há no grupo, sobretudo sobre os gays. A distinção de público se dá por várias métricas importantes e subjetivas, mas a questão econômica é a mais representativa, pois dela se desdobra as outras. A estética do local com representações que remetem aos espaços dos grandes centros atrai aqueles que possuem acesso a essas informações ou que já estiveram nesses lugares, ou seja, os sujeitos que desconhecem ou que não compreendem os significados não são efetivamente atraídos para esses ambientes. Isso é percebido no Garage Pub e na Casa Madalena que estão localizados no centro, demandando gastos como o de transporte que encarece a ida ou local.

Na análise da espacialidade dos lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ em Uberlândia, notou-se que eles se encontram em centralidades. Essa característica se faz importante e contradiz as políticas propostas na cidade que visam o silenciamento das reflexões críticas sobre sexualidade e identidade de gênero em locais propícios para o debate como escolas e espaços públicos. Demonstra também, que não mais os lugares do grupo se encontram escondidos, segregados, marginalizados em periferias sociais.

Em sua espacialização há diferenças significativas nos espaços do Centro e do Santa Mônica, enquanto no primeiro não há a presença de moradores no entorno, no segundo eles se fazem presente. No Santa Mônica os lugares estão associados a universidade, a forma de cultura que ali é criada, assim as festas, dinâmicas e formas de sociabilidade que neles ocorrem possui similaridade com os eventos universitários. Devido a localidade, há a presença de pessoas negras, pessoas com sobrepeso, travestis e transsexuais e, uma estrutura mínima para a circulação de PCDs. De tal forma, a organização espacial impacta significativamente na sociabilidade do grupo, visto que onde se localizam possibilitam uma maior pluralidade de sujeitos e o estabelecimento de relações sociais outras.

Este trabalho não encerra os debates sobre os lugares LGBTQIAP+ em Uberlândia, é apenas um pequeno passo a construção de um retrato das dinâmicas e o impacto que esses lugares possuem no espaço urbano da cidade, visto que majoritariamente os estudos a respeito deste tema se concentra nos grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Assim abrem-se questionamentos dos quais esse estudo não respondeu como: Qual é o perfil socioeconômico dos LGBTQIAP+ em Uberlândia? De que forma estão espacializados os lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ em outras cidades médias? E em cidades pequenas? Quais os tipos de sociabilidade que há nessas cidades? As questões levantadas, são algumas sugestões que podem servir para que estudos posteriores sejam realizados.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lidiane Aparecida. **Os processos socioespaciais da zona periférica do centro: um estudo da área central de Uberlândia (MG)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 310. 2011.
- AMADO, Carolina. **Nova lei na Hungria permite denunciar pessoas LGBTQ de forma anônima. Político**, 2023. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2023/04/14/mundo/noticia/nova-lei-hungria-permite-denunciar-pessoas-lgbtq-forma-anonima-2046066>>
- ARAÚJO, G. S. de; **Cheei de sapatão: imagens da sociabilidade lésbica em Fortaleza**. Monografia (trabalho de conclusão de curso), Instituto de Cultura e Arte, Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Ceará, 2019, p. 71. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/43750>>. Acesso em: 23 maio 2023
- ÁVILA, S., GROSSI, M. P. “**Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina**”. 2010, p.10. Disponível em: <http://www.fg2010.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278255349_ARQUIVO_Maria,MariaJoao,Joao040721010.pdf>. Acesso em: 23 maio 2023
- AZEVEDO, Pietra. “**A senhora é destruidora mesmo**”: etnografando a socialização e a sociabilidade entre as travestis no contexto urbano mossoroense. *Tessituras* v. 9, n. 2 Jul-Dez, 2021, Pelotas-RS p. 236-249. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1130>>. Acesso em: 23 maio 2023 DOI: <https://doi.org/10.15210/tessituras.v9i2.1130>
- BARBOSA, B. C. “**Doidas e putas**”: usos das categorias travesti e transexual. *Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*. n.14, Dossier n.2, ago. 2013, p.352--379, ISSN 1984--6487. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200016>
- BARRETO, R. C. V.; **Geografia da Diversidade: Breve Análise das Territorialidades Homossexuais no Rio de Janeiro**. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 14-20, jan. / jul. 2010. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/download/1025/813/0>>. Acesso em: 23 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.1.i1.014020>
- BESSA, Kelly Cristine. **Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG)**. *Revista Caminhos de Geografia: Uberlândia*. p. 268 - 288, out. 2005. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>> Acesso em: 01 ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCG61615465>
- BINNIE, Jon. VALENTINE, Gill; **Geographies of sexuality - a review of progress**. *Progress in Human Geography*, p. 175-187, 1999. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/030913259902300202>> Acesso em: 15 jan. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913259902300202>
- BORGHI, Rachele. **O Espaço à Época do Queer: contaminações queer na geografia francesa**. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 133 -

146, ago. / dez. 2015. Disponível em: <
https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7303/pdf_204 > Acesso em: 15 jan. 2023.
 DOI: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.6.i2.0009>

BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BROWNE, Kath; “Uma perfeita geezer-bird (mulher-homem)”: os lugares e olhares de corporalização “feminina”. In: SILVA, J. M., ORNAT, M. J. CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.). **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**, 2016. p. 131-158.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 8. Ed. São Paulo: Contexto, 2005, 98p.

CORRÊA, J. A. M.; CRUZ, M. S. **Entre machos e discretos: discursos, identidades homoeróticas masculinas e(m) aplicativos de relacionamento**. Heterotópica, v. 1; n. 2, p. 108-135. jul.-dez. 2019, ISSN: 2674-7502. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n2-2019-50080>

COSGROVE, D. E.; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução a geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146

CHOUCAIR, T. S., LOPES, P. C. **Numa luta marginalizada não cabe uma atuação tradicional: a Caminhada das Lésbicas e Bissexuais de Belo Horizonte**. n. 7, v. 1 maio-out. 2017, p. 54-77. Disponível em: <
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21670/14297> >. Acesso em: 23 maio 2023

CLAVAL, Paul. A contribuição Francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural da geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. 1.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 35-86.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: uma apreciação. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (org.). **Matrizes da Geografia cultural**. 1.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 9-34.

CORTÉS, J. M. G. Políticas do espaço: Arquitetura, gênero e controle social. Editora Senac São Paulo-São Paulo, 2008, 215p.

COSGROVE, D. E.; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146

DAVI, E. H. D. **Resistências e recusas: a cultura LGBT contrapondo-se a homofobia em Uberlândia**. Cad. Esp. Fem., Uberlândia/MG, v. 24, n. 1, p. 141-161, Jan./Jun. 2011. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14221/8145> >. Acesso em: 13 mar 2023.

DELLAMAGNA, M. E. B. **Vivências dissidentes no espaço público: quebras e (des)continuidades na cidade**. Periódicus, Salvador, n. 18, v. 1, p. 64-73, out.-dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i18.49911>

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de SÃO PAULO**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP. 2006, p. 257. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-141155/publico/TESE_ISADORA_LINS_FRANCA.pdf >. Acesso em: 23 maio 2023

FRANÇA, Isadora Lins. **Espaço, Lugar e Sentidos: Homossexualidade, Consumo e Produção de Subjetividades na Cidade de São Paulo**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p.148 - 163, ago./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.4.i2.148163>

FREITAS, B. de; PORTUGUEZ, A. P. **Sexualidade, Preconceito e Perfil Socioeconômico dos Frequentadores das Áreas de Lazer e/ou Turismo LGBT em Uberlândia, MG**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 222 - 240, jan. / jul. 2015. Disponível em: < https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/6035/pdf_166 >. Acesso em: 23 maio 2023

FREITAS, Bruno de. **Cidade, Gênero e Sexualidade: Territorialidades LGBT em Uberlândia, MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 193p. 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16247> >. Acesso em: 23 maio 2023

FURTADO, B. D.; OLIVEIRA, C. P. de; CALAIS, L. B. de. **Sexualidades não normativas e lógicas cidadinas: efeitos estético-políticos da circulação do dissenso**. Revista Cidade, espaço e tempo, Editora e-Publicar v. 1. Disponível em: < <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3156>>. Acesso em: 15 maio 2023.

GALLAS, A. K. C., REIS, P. L. S. **Inclusão e exclusão: etnografia sobre as redes de sociabilidades lésbicas e gays na cidade de Teresina**. Amazôn., Rev. Antropol. p. 416 - 433, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5050> >. Acesso em: 13 mar 2023. DOI: <https://doi.org/10.18542/amazonica.v8i2.5050>

GGB Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021 / **Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA** (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); **ABGLT** (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022. Disponível em: < <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2021-ACONTECE-ANTRA-ABGLT-1.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2023

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HOLZE, Werther. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea**. GEOgraphia - ano V, n. 10, 2003. p. 113-

123. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13458> >. Acesso em: 13 mar 2023. DOI: <https://doi.org/10.36661/2448-1092.2013v10n17.12015>

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Revista Cidades**. v. 10 n. 17 (2013), p. 18-29. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados. Brasília, DF: IBGE, 2023. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberlandia/panorama> >. Acesso em: 13 mar 2023.

LACOMBE, Andrea. **De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro**. Cadernos Pagu (28), jan.-jun. de 2007: p. 207-225.

Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/TzSzBNNQX4NW5jwxBGwbDKb/abstract/?lang=pt> >. Acesso em: 13 mar 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100010>

LEE, Débora; A geografia de uma travesti é uma barra, é matar um leão a cada dia. In: SILVA, J. M., ORNAT, M. J. CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.). **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p. 27-38

MAIA, R. C. M. **Sociabilidade: apenas um conceito?** Revista de Comunicação Social, Belo Horizonte. n. 53, p. 4-15, 2001.

MELLO, J. B. F. de. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R. L. (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. 1.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 87-101. 2001.

MOREIRA FILHO, F. C.; MADRID, D. M. **A homossexualidade e a sua história**. 2008, p. 8. <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1646/1569>

MOREIRA, A. G.; VIANA, M. D. A. **Praia de Ipanema: diversão ao sol e as narrativas do Rio de Janeiro como cidade gay friendly**. XVII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 12 p. 2023.

Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022. Disponível em: < <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2021-ACONTECE-ANTRA-ABGLT-1.pdf> >. Acesso em: 22 maio 2023

MOTA, Cássio Henrique Naves. **Espaço urbano e subversão pela existência corporificada Queer em Uberlândia/MG**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 175. 2019.

MOTA, C. H. N.; LAURENTIZ, L. C. de. **Micropolíticas LGBT no Espaço Urbano de Uberlândia- MG**. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura E Urbanismo, v.19, n.1 JAN./JUN, 2019, p. 51-61. ISSN 1809-4120. Disponível em: <

<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/12109> >. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.5935/cadernosarquitectura.v19n1p51-61>

MOTT, Luiz. **A revolução homossexual: o poder de um mito**. Revista USP, São Paulo, n.49, p. 40-59, março/maio 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32907> >. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i49p40-59>

MOURA, I. H. F. de S.; OLIVEIRA, T. V. C. **“UM INIMIGO EM COMUM”:** O patriarcado como categoria explicativa da opressão às mulheres e aos sujeitos LGBT. Revista Includere, Mossoró, v. 2, n. 2, p. 240- 243, Ed. 1, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/includere>>. Acesso em: 22 maio 2023

MÜLLER, L., MACHADO, G. E., FOLMER, I.; **Práticas homossexuais em ambientes públicos do interior do RS: espaços da sexualidade em microterritórios**. Revista Debates Insubmissos, Caruaru, PE. Brasil, Ano 4, v. 4, nº 15, set./dez. 2021. ISSN: 2595-2803. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>>. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.32359/debin2021.v4.n15.p117-135>

NABOZNY, A.; SILVA, J. S.; e ORNAT, M. J. **Desafios à análise do espaço urbano: interpretando textos marginais do discurso geográfico**. Terra Livre, Presidente Prudente, v. 2, n. 29, p. 15-28, ago. /dez. 2007. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/238/222> > Acesso em: 22 maio 2023

NESSI, Cecilia; LENS, Marian. **L-Tour, L-Town? Uma viagem aos lugares lésbicos de Bruxelas**. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 9, n. 2, p. 153-172, 2018. ISSN 21772886. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>>. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i2.0006>

NETO, Nécio Turra. **Corpo e espaço: algumas considerações**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 02-08, jul-dez, 2019. ISSN: 2176-5774. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6688> >. Acesso em: 22 maio 2023

NIKARATY, Leandra; O que mais me marcou na vida é ser barrada e não poder entrar nos lugares: esta é a geografia de uma travesti. In: SILVA, J. M., ORNAT, M. J. CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.). **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p. 39-54.

NÓBREGA, F. S. da. **Significado de consumo de lazer e o bem-estar subjetivo de mulheres lésbicas**. Dissertação (Mestrado em administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. P. 81, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21934> >. Acesso em: 22 maio 2023

NOGUEIRA, S. N. B.; PAIVA, C. B.; CABRAL, E. A. **O perfil socioeconômico e demográfico da população LGBTQIA+ de Uberlândia/MG**. Uberlândia: Conselho Popular LGBTQIA+ de Uberlândia. Uberlândia, 2022.

PATRÍCIO, João Victor Sanches. **As Margens são Centros: as diferentes expressões de centralidade da sociabilidade gay na Área Central do Rio de Janeiro**. Boletim Alfenense

de Geografia. Alfenas. v. 2, n.4, p. 95-117, 2022. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.2.4-6>

PEQUENO, V. D. S.; PEREIRA, A. P. C.; **Por Uma Formação Queer-Geográfica: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG.** Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 8, n° 17, pp. 188-213, jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/52990/32599 > Acesso em: 17 abr. 2023

PROJETO de lei na Flórida conhecido como “Não Diga Gay” gera polêmica; entenda. CNN Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/projeto-de-lei-na-florida-conhecido-como-nao-diga-gay-gera-polemica-entenda/>>

RIOS, L. F., VIEIRA, L. F.; **Sobre a ‘mundiça’ e as ‘bichas cocotes’: georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife.** n. 18, v. 1, out./dez.2022 p. 217-250, ISSN: 2358-0844. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/49832> >. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i18.49832>

RIQUELME, Fernanda; A vida da travesti é glamour, mas também é violência em todo lugar. In: SILVA, J. M., ORNAT, M. J. CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.). **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p. 55-68.

REZENDE, Ana Luiza Xavier Pina De. **Falta de oportunidade de trabalho e empreendedorismo: uma realidade da população LGBTQIA+ da cidade de Uberlândia-MG?** Monografia (Bacharel em Administração) - Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 21. 2020.

ROSA, M. A.; MARINHO, M. D. C.; CARNEIRO, J. D. P. L.; **As contribuições do estudo de gênero e sexualidade para a geografia.** VI Congresso Nacional de Educação. 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA7_ID6033_06082019152912.pdf >. Acesso em: 22 abr. 2023

SANTOS, A. E. C. dos; ORNAT, M. J. **Experiências Espaciais de Homens Transexuais Residentes na Cidade de Ponta Grossa, Paraná.** Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 9, n. 1, p. 22-50, 2018. ISSN 21772886. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/11023>>. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i1.0002>

SANTOS, F. C. dos; CYPRIANO, C. P. **Redes sociais, redes de sociabilidade.** Revista brasileira de ciências sociais, vol. 29, n° 85, jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>

SASSI, Bruna da Silva. **Aproximações do corpo na análise fenomenológica-geográfica.** Disponível em: <https://siseve.apps.uepg.br/storage/xxvgeografia/26_Bruna_da_Silva_Sassi-153572525845149.pdf > Acesso em: 22 maio 2023.

SILVA, J. M. et al. **O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para a análise no Brasil.** In: SILVA, J. M., ORNAT, M. J. CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.). Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra. p. 85-142. 2013.

SILVA, J. M., ORNAT, M. J.; **Dos espaços interditos à instituição dos territórios travestis: uma contribuição às geografias feministas e queer**. São Paulo: Terra Livre, ano 26, v.2, n. 35 p. 53-72 Jul-Dez, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/286092477_Espacos_interditos_e_a_constituicao_das_identicidades_travestis_atraves_da_prostituicao_no_Sul_do_Brasil>. Acesso em: 22 maio 2023

SILVA, Joseli Maria. **A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade**. Geo UERJ: Rio de Janeiro. ano 10, nº 18, vol. 1, p. 16, 2008. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343/1132> >. Acesso em: 22 maio 2023.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica**. Espaço e Cultura: Rio de Janeiro, n. 27, p. 39-55, jan./jun. de 2010. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3542> >. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2010.3542>

SINDICATO nacional dos docentes das instituições de ensino superior, 2023. **Justiça suspende lei que impõe censura a trabalhadores da educação de Uberlândia (MG)**. ANDES. Disponível em: < <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/justica-suspende-lei-que-impoe-censura-a-trabalhadores-da-educacao-de-uberlandia-mG1> >, Acesso em: 20 set. 2023.

Souza, Marcus Vinicius Mariano de. **Cidades médias e novas centralidades: análise dos subcentros e eixos comerciais em Uberlândia (MG)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p. 236. 2009

TORRES, Martin Ignacio. **Masculinidades y geografía: experiencias de hombres trans en el espacio hegemónico de Santiago de Chile**. Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade) n. 16, v. 1, p. 76-94, mar/2020. ISSN: 1984-1647. Disponível em: < <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/download/7342/pdf/28011> >. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v1i16.7342>

Tuan, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1 ed. Londrina: EDUEL, 2013.

TRANSFORMANDO o mundo: **um olhar sobre a realidade LGBTQ+ no ordenamento jurídico de diferentes países**. Superior Tribunal de Justiça. Secretaria de Comunicação Social, 2023. Disponível em: <<https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/18062023-Transformando-o-mundo-um-olhar-sobre-a-realidade-LGBT--no-ordenamento-juridico-de-diferentes-paises.aspx>>

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Revista brasileira de ciências sociais - v. 22, n. 63, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/i/2007.v22n63/> >. Acesso em: 15 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. *Revistas estudos feministas*, jul./dez. 2001, p. 460-482. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt#ModalDownloads>>. Acesso em: 22 maio 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>